

ROMANCEIRO

II

ROMANCES CAVALHARESCOS ANTIGOS

PARTE I

COLECÇÃO  
CULTURAL E RECREIO

ALMEIDA GARRETT

**ROMANCEIRO**

EDIÇÃO REVISTA E PREFACIADA POR  
FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

II

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO  
GABINETE DE ETNOGRAFIA  
1963

**ROMANCEIRO**

**II**

**ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS**

**PARTE I**

## INTRODUÇÃO

Pretendo suprir uma grande falta na nossa literatura com o trabalho que intentei nesta colecção. Não quero compor uma obra erudita para me colocar entre os filólogos e antiquários, pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa útil, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradável quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações cronológicas e críticas para uso dos sábios. O meu ofício é outro: é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

É obrigação de consciência para quem levanta o grito de liberdade num povo, achar as regras, indicar os fins, aparelhar os meios dessa liberdade, para que ela se não precipite na anarquia. Não basta concitar os ânimos contra a usurpação e o despotismo; destruído ele, é preciso pôr a lei no seu lugar. E a lei não há-de vir de fora: das crenças, das recordações e das necessidades do país deve sair para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma literária nesta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o domínio opressivo e antinacional da falsa literatura, dói-me a consciência de ver a anarquia em que andamos depois que ele foi aniquilado; pesa-me ver o bom instinto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendências, procurar na imitação estrangeira o que só pode, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convém chegar; e ela se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim há-de seguir para um norte fixo.

Fiz para isso esta colecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos eles acima dos escrúpulos austeros da crítica, e das desapiedadas negações da cronologia. Respondo pelo espírito, pela tendência, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exactão moral de uma coisa cuja exactão material não pode provar-se por falta de documentos e indisputável autenticidade.

Eu reuni, juntei, pus em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobre tudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomara-os eu já ver nesse empenho. Então entenderei deveras que fiz um grande serviço à minha terra e à minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fora de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me ocorrem, sem curar às vezes nem do fio que levam, nem do lugar em que as ponho. Quisera poder fazer à língua e à literatura portuguesa serviço igual ao que fez M. Raynouard à dos seus provençais. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tão pronto como ele hoje se precisa.

Tomara que estas páginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sábios façam pouco cabedal delas, contando que agradem à mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tédio como a um livro profissional. Eis aqui o que eu desejo, o em que pus fito, e o porque entensachei a prosa com o verso, a fábula com a história, os raciocínios da crítica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no método.

A primeira parte e volume do presente *Romanceiro* deve ser considerada como a introdução desta segunda e das que se lhe seguirem.

Ali dei a tradução em língua e estilo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os próprios textos desses e de muitos outros romances.

Horácio, cuja arte poética há-de sempre ser para poesia de todas as idades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para a moral os *Versos de Oiro*, de Pitágoras, um código eterno de regras inalteráveis – Horácio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar enfim as acções da sua própria gente, deixando em paz as Medeias e Jasões, a interminável guerra de Tróia e essa perpétua família dos Atridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim moçárabe dos bons monges de Lorvão ou Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horácio – nem o entenderiam – seguiram contudo melhor, por mero instinto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os

poetas doutos e sabidos que no século XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presunçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá de Miranda! E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha se a tem? Todavia, esses três grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes filólogos, são os que, cheios de Virgílio, de Ariosto e de Petrarca, com os olhos cravados no antigo Lácio e na moderna Itália, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuína poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castela nunca chegaram, no século XVI, à perfeição clássica da literatura portuguesa; mas por isso ficaram mais nacionais, mais originais; e por conseqüência, maior e mais perdurável e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje *Os Lusíadas*: é verdade. E porquê? Será pelas formas virgilianas do poema, pelos deuses homéricos do seu maravilhoso, pela beleza dos modos que só nós sentimos bem? Não, é pelo que ali há de poesia original, própria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tão português na alma, que as mesmas harmonias homéricas e virgilianas, os mesmos sons clássicos se lhe repassavam debaixo dos dedos naquela sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionais, da nossa fé religiosa, do nosso fanático – e ainda bem fanático! – patriotismo, da nossa história, meio história, meio fábula dos tempos heróicos. Dominou-o, mas não pode pervertê-lo a escola do seu tempo.

A poesia e a literatura portuguesa precisavam retemperadas nos princípios do século passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fábrica, as únicas de lira portuguesa. Veio o Garção, o Dinis, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satélites destes quatro grandes planetas, e restauraram a língua e a poesia – a prosa não - mas nos antigos modos clássicos, agora deduzidos pela reflexão francesa, bem como no século XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou português e falou bem, cantou alto sublime a nossa poesia; mas ainda não era portuguesa.

Estava corrido o primeiro quarto deste século, quando a reacção do que se chamou romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz.

«Gregos, romãos e todas a outra gente. »

Que se há-de fazer para isto? Substituir Goëthe a Horácio, Shiller a Petrarca, Shakespeare a Racine, Byron a Virgílio, Walter Scott a Delille?

Não sei que se ganha nisso, senão dizer mais sensaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as supertições antigas: lê-las no mau latim mocárabe meio-suevo ou meio-godo dos documentos absolutos, no mau português dos forais, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo – que até bem tarde a literatura das Espanhas foi quase toda uma. O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional há-de ressuscitar verdadeira e legítima, despido, no contacto clássico, o sudário da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solaus, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisávamos. É o que eu fiz – é o que eu quis fazer, ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexos, ainda que seja apenas hipotético, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos em poucas palavras como, da literatura da civilização velha se fez, na chamada meia-idade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais criadora literatura da sociedade cristã, desta civilização que é tão outra e tão distinta daquela, e, por forçosa necessidade, tão diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grécia tinham caído na segunda meninice, os bárbaros do norte entravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou-se a este período, tão notável e interessante na história do espírito humano a Idade Média. Mas não foi ele, como há três séculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma época de trevas em que toda a arte e ciência pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo

de um grande incêndio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era estranha a todas as ideias e concepções antigas.

Observa um elegante escritor contemporâneo que naturalmente são objecto de nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse os costumes, os sentimentos, a literatura daquela época singular em que, passo a passo, vemos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilização cristã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscências da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecê-la a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições daquela idade, pouco há nelas de louvor, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infância dos povos, vieram a produzir resultados tão benéficos, a amadurecer em frutos de tanta bênção, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudável e reanimadora foi a influência das tribos góticas na política e na literatura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosfera de Constantinopla; e a ascendência que, de tempos, readquiria na Europa o crapuloso império do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Teodorico, se tinha acendido na Itália, que depois, ressurgindo de novo nas remotas regiões do norte, desses claustros da Islândia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano teutónico, Carlos Magno, suscitou o gênio nacional que deu existência, forma e cultura à língua vernácula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se pode dizer que já falava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxónico, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da língua, a primeira civilização inglesa. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos criaram nas Espanhas estas línguas e estas literaturas, – hoje resumidas em duas irmãs gémeas – tão caracterizadas e originais ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco séculos que por todos os modos as quis desnaturalizar e fazer renegar sua nobre legítima ascendência, para sòmente as reconhecer bastardas e adulterinas de corrupção romana, quando elas são legítimas filhas, havidas de um matrimónio, sim forçado pela conquista, mas útil e vantajoso aos contraentes e à progénie que deles veio.



Durante todo o undécimo, duodécimo e décimo terceiro século os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova forma; os princípios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zelo religioso transviava amiúde o espírito e inflamava as paixões; mas essa religião era também o símbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custódio que velava nos santuários da ciência, que os protegia contra o poder ignorante e desenfreado.

Ofendem o senso comum aqueles sonhos da cavalaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, nela só podiam os desvalidos achar protecção, só ela podia conter os que outra lei não conheciam. Dessa instituição fantástica derivou todavia, modificado pelo tempo este princípio de cortesia, de honra e de civilidade que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aqueles rendimentos de adoração para com o belo sexo, a solenidade com que se lhe prostrava todo o entendimento e vontade faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas daí nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de a metade da raça humana.

Hoje, certo, nos, parece ridículo ver de repente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, onnipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntárias, com que deste modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradável cativo. Sentiram-se amansar e humanizar aqueles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si próprios.

Então começou a ter valor e importância a opinião pública; até as «cortes de amor» concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotência dos grandes e a submeter a anarquia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influência, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o enérgico escritor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

«Sirventes no es leials,  
S'om no i ausa dir l'os mals  
Dels menors e dels communal,

E maiorment dels maiorals.»

A Sirvente não é leal  
Se não ousa homem expor o mal  
Dos menores do comunal  
E mormente do maioral.

Vê-se quanto era o poder de tal influência pelo modo com que a animavam os políticos imperadores de Alemanha, opondo-a de barreira à superstição dos ignorantes e às pretensões da cúria romana. A força com que ela operava pode avaliar-se pela resistência de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por simpatias comuns, tendiam simultâneamente a aperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela própria acção e reacção de suas forças. Príncipes, senhores e povo rivalizavam no campo das contendas poéticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que ele aparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi encantado e a história se fez romance. Foi a primavera do espírito, a estação da florescência da alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espírito da aventureira cavalaria abrandou-se em heróica gentileza e amoroso galanteio. A beleza da mulher foi estimada como tesouro, exaltada como triunfo, adorada como divindade. Chegou a hora própria de despontar a flor mais bela de toda grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquele espírito de poesia que desenferrujou e poliu o barbarismo acumulado das idades, que suscitou o espírito de emulação, que o preparou para as melhores coisas. Está aberto enfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, donde há-de correr a civilização pelo mundo.

A cavalaria e a poesia desses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são frutos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as mareiam, qualidades iguais as ilustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia nessa poesia da Idade Média está a melhor explicação do estado da sociedade que a criou, dessa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metafísico que revestia de uma forma angélica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrelas em que o

homem lia o seu destino, que abria o céu aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquela gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce Abril respira  
Quando Maio vê chegar!  
Pelas noites sossegadas  
Se escuta o doce cantar;  
E nas frescas manhãs puras  
Brandas aves gorjear.  
Tudo em torno alegre folga,  
Tudo ri, tudo suspira:  
Como hei-de eu conter no peito  
Afectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam nessa outra canção do velho minesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de Maio, chama pela festivas coreias que saiam ao campo:

Seus tesoiros de alegria  
Todos Maio derramou,  
Pelas sebes que florece,  
Pelas sombras que copou  
Onde rouxinol amante,  
Em cada ramo que pende,  
Em cada flor que recende,  
Sua doce melodia  
Faz soar pela espessura.  
Vinde, Maio é o mês d'amor,  
Da beleza e da ternura;  
Cantemos, vinde, cantai-o:  
Deus te salve, lindo Maio!

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se também nas fantásticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escritor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades cerimoniais, que então eram sinal de civilização e que hoje matariam de enfado: é o mesmo carácter que se acha na língua provençal, na dificuldade e no

enverezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tão insípida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciência os exemplares que nos restam dessa escola entre nós, *O Cancioneiro* dito do Colégio dos Nobres, o de Dom Dinis, o de Resende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

Neste período se observa também o fundamento de uma das mais características distinções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romântica, da que também vulgarmente se chama clássica. Essa, a poesia grega e latina, tinha um carácter essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos a mulher somente aparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do «sexo mais nobre». A nossa poesia, ao contrário, deve os mais de seus encantos ao suave carácter que lhe infundiu a diferente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se nessas tranqüilas pinturas de afeição social, de felicidade doméstica, de gozo ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada aparece na literatura chamada clássica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem se quer por aqueles (e poucos são) que a foram examinar nos próprios originais. Os mesmos que se extasiam com as rimas de Petrarca e de seus imitadores, esses mesmos a trataram de resto. Os minesingers da Alemanha, contemporâneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragoneses e galegos há muito que se apagou a memória, já tão familiar à gente portuguesa. Aos nossos próprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmitindo, mas corrompendo também, suas composições, delícias outrora de damas belas e de cortesãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha da aldeia que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a esta acusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e elegante F. Schlegel: a defesa serve para todos.

A acusação de uniformidade, diz ele, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita espécie de ornatos, eles agradam mais separados do que amontoados em massas. A própria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores, se lhe apresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarca no decurso de sua vida. – A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas colecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus autores. Mas em verdade não é só canções de amor, todo o poema lírico, se ele realmente for fiel à natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuais, há-de circunscrever-se a muito estreito limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos géneros da poesia lírica de todos os povos. O sentimento há-de ocupar o primeiro lugar para poder expressar-se com poesia e força: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importância muito secundária. Grandes variedades em poesia lírica não se acham senão nas épocas de imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assuntos em toda a sorte de formas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova língua poética que em breve se difundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alaúde fez calar as harpas dos bardos teutónicos e quebrar a última desafinada corda da lira romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio-dia, a sociedade europeia fugia para o espiritualismo cristão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram contudo os poetas desses cultos, os formuladores dessa idéia; daqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na história literária do mundo se falou e se escreveu mais do que deste. E todavia os documentos necessários para julgar do verdadeiro mérito e carácter da poesia dos trovadores eram, até há pouco, tão mesquinhos que justamente observou Schlegel: «todo o mundo falava dos trovadores e ninguém os conhecia». Os críticos franceses, e Millot especialmente, ocultaram com empenho os poucos originais que tinham consultado, manifestamente para que ninguém pudesse ajuizar da fidelidade de suas traduções e da justiça de seus conceitos.

Guinquené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de

mostrar o talento, o estilo ou o gosto da escola poética que examinava; foram tomados à sorte e oferecidos como simples exemplos de linguagem e de forma métrica: certamente não conheceu, não avaliou nem a força nem a beleza daquela língua, que, se a não julgarmos, como entendeu M. Raynouard, continuada e revivente na língua portuguesa, se pode considerar uma língua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juízo sobre os trabalhos dum autor que pouco ou nada leu das obras que se meteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismodi também, que nos manuscritos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descansadamente nos extractos e traduções de Millot.

Sismodi contudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha aparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que por fim veio esclarecer esta tão obscurecida parte da história literária.

Com efeito Raynouard <sup>(1)</sup> fixou o vago destes exames, reformou os antigos erros, supriu as deficiências de seus predecessores, formou a gramática da língua, imprimiu correctamente os originais e reuniu os principais monumentos da língua e da poesia provençal <sup>(2)</sup> com diligência, gosto e crítica.

Pode-se dizer que só depois de aparecer o seu livro é que verdadeiramente começamos a conhecer a literatura dos trovadores donde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quase desde o princípio da monarquia e pouco menos que o começo da língua.

E viesse ela por Catalunha e Aragão, e, atravessando daí a Castela a Gaia-ciência nos chegasse por Galiza, ou directamente nela trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarquia nós trovávamos já à provençal; e aí está a carta do marquês de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguém o fizemos em todas as Espanhas, e que na mesma corte de Castela o português era a língua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou se aclimatizou tão depressa como em chão seu próprio, não acharia

---

<sup>(1)</sup> *Recueil des Poésies des Troubadours*, por M. Raynouard.

<sup>(2)</sup> O primeiro conhecido destes poetas é Guilherme, nono conde de Poitiers, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado e seu estilo e a simetria métrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a língua para chegar a tal estado.

nenhuns restos da poesia indígena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com eles e adoptou a sua língua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova língua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os árabes, - que antes esses lhe dariam de sua cor oriental e fantástica, segundo em tudo os mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestígios dessa poesia indígena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociais e literárias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto afinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Espanhas.

Como porém no século XIII começa a aparecer a língua portuguesa pròpriamente dita, e nesse tempo já o estilo provençal tem o predomínio, as duas literaturas da corte e do povo vistas hoje desta distância, se confundem aos olhos inexpertos: mas o observador ilustrado bem depressa as estrema logo.

Às apalpadelas quanto aos períodos mais remotos, eu parece-me achar que a Poesia original portuguesa – compreendendo nesta designação a aborígene, a provençal e a mista – tem passado por oito fases diferentes, cujas transições e duração constituem sete épocas naturais.

Na primeira colocarei tudo o que, mais ou menos autêntico, tem parecido ser anterior à predominação da escola provençal, quase absoluta no reinado de Afonso III e D. Dinis; e compreende portanto as poucas e incertas relíquias que se dizem existir dos séculos XI e XII. Na segunda época já pisamos terreno histórico, e somos alumiados por um grande inquestionável documento, *O Cancioneiro* dito do Colégio dos Nobres, e o chamado D. Dinis, que últimamente se imprimiu em Paris pelo manuscrito do Vaticano. Dura esta época até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos também já haver do *Cancioneiro* de Resende. Mas certo e fixo tudo é lírico, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se atribui a esta época é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escrito.

Começa a terceira época em D. Fernando com a introdução do gosto inglês, isto é, normando; e por consequência com uma certa reacção a favor do gênero narrativo.

Aqui triunfa a moda dos romances da Távola Redonda; el-rei Artur é o tipo de toda a cavalaria e de toda a poesia; o Condestável o

Mecenas desta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral aparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem atribuir a este período. Da rainha D. Filipa, de seu filho D. Duarte tendo os versos escritos e autênticos; de seu neto, o outro famoso Condestável, um *Cancioneiro* inteiro.

Nos reinados de D. Afonso V e de D. João II predomina o género germânico. No *Cancioneiro* de Resende e em outras colecções temos exemplares bastantes no género lírico, algo raro porém do narrativo.

Reputo fechada a época com a terminação da Idade Média, que todos colocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós, portugueses, positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta época é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o Palmeirim e a literatura normando-bizantina triunfam. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances; e já começam a ganhar influência dos romancistas italianos. Parte do *Cancioneiro* de Resende pertence também a esta época: é todo dela o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da literatura clássica. A poesia culta e da corte perpétuamente se separa da popular, toma as formas italianas e triunfa com António Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões populariza o género clássico repassando-o, quanto era possível do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções desta época, tanto escritos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucólica invade o próprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empenhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola clássica dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza épica me agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O génio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance histórico e aventureiro. Conclui-se a quarta época com fim do século XVI e da independência nacional.

O domínio castelhano e a mais forte influência da sua literatura formam a quinta época. O género mourisco tinha tomado posse da poesia popular de Castela, e agora invade a de Portugal. Aparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traduções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Melo estão à frente desta escola. A Arcádia é contudo mais forte do



que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o género pastoril triunfa. O povo fica espectador desinteressado nestas lutas; nem chorou pelos vencidos, nem sancionou a vitória dos triunfadores. Nem uns nem outros falavam ao seu coração, às suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a única nacional de então, a das trovas e profecias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a providência tinha reservado à nação portuguesa, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São deste tempo as profecias do Bandarra e outras que em si resumem quase toda a poesia popular da época, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora aparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a corte mostrou-lhe, ao princípio, agrado e protecção, mas enfastiou-se dele e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente comum dos baixos «parvenus» e dos nobres degenerados, fez-se truão e bobo; os gracejos, os equívocos, as facécias burlescas foram as suas armas, e à força de redículo conseguiu reconquistar alguma atenção do público. Tal o achamos no fim desta época, tal aparece nas volumosas colecções do tempo, de que na «Phenix renascida» há alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empiorando de estilo, mas muito alterado o tom, torna o romance a reabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quase popular, porque se inspira do génio redivivo da nação para cantar os seus triunfos e a sua glória na expulsão dos castelhanos e nas contínuas vitórias que sobre eles alcança. O seu entusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas vitórias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As profecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gosto dos «cultos», que, arregimentados em uma infinidade de academias dos nomes mais extravagantes e incríveis, conseguem tirar toda a cor à literatura

portuguesa de todos os géneros e fazer da língua uma algaravia afectada e ridícula, vã de toda a expressão, assoprada em frases tão descomunais, em conceitos tão ociosos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tão absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda ressurgiu, ainda brota, aqui, ali, por entre estes matagais, o antigo génio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a afectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Por fim até a metrificacão natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as penas de pavão da fórmula hendecassílaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezível, é apupado por todos os partidos literários, e morre esquecido e miserável.

O triunfo clássico foi completo: reina a Arcádia; o seu domínio académico obtém o consenso e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os desvarios daquela anarquia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as formas latinas e italianas, o estilo e o pensamento francês por tal modo, que ninguém se lembrava já sequer de que tivesse havido ou pudesse haver outra coisa.

Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos ilustradas da sociedade protestaram em silêncio contra este injusto abuso de uma justa vitória, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hinos de uma religião proscrita, aqueles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiram, confundindo-os no anátema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Espanha sucedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscriver e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridícula imitação da antiguidade clássica, amaneirada pelas regras francesas, dominava tudo. Os escritores do grande rei e os seus alunos reinavam absolutos. E não só à Península Ibérica se estendia a sua autoridade: a Itália, a Alemanha, a própria tão ciosa Grã-Bretanha se deixaram avassalar destes novos Roldões e Oliveiros que, em singular mas poucos leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestrais, bardos, minnesingers e «tutti quanti». A própria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Lutero – frade e graciano como o outro – chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua católica autoridade! Calderon era quase esquecido, quase desprezado às margens do Manzanares; ao Dante

não o entendiam já nem juravam por ele os seus; o próprio Shakespeare esteve a ponto de sucumbir às tradições de Dryden, e de ver covent Garden e Drurylane ocupados exclusivamente pelas traduções e imitações dos clássicos de Luís XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reacção; toda a literatura da Europa era francesa, amaneirada, monótona, servil, e reduzida a uma estéril unidade rotineira que nada criava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquelas formas pautadas que lhe impunha o fatal regime da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Alemanha foi a primeira a sacudir o jogo; quase ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Itália; e até na própria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ela do que às nações estrangeiras.

Nós lutámos então contra a usurpação e a tutela inglesa que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e maus defeitos; apagou o incêndio que não queimasse, mas também o impediu de purificar e alumiar. A Arcádia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia, se ele e os seus discípulos, que poética e literariamente reinaram na segunda metade desta época, não fossem dominados daquele temor, daquele respeito, daquela deferência com que se inclinavam diante dos preceitos e exemplos da Arcádia em quem reconheciam a infabilidade ecuménica.

Quase se podia dizer destruída toda nacionalidade, apagados os últimos vestígios originais da nossa poesia, quando no fim do primeiro quartel deste século essa influência da renascença alemã e inglesa se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns deles personalíssimos, não quero entrar aqui em disputas de preferência e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais próximos: direi sòmente que em Espanha portugueses e castelhanos despertaram quase ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sob a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas belas línguas e literaturas, prostituindo-as em tão humilhante servidão francesa que por fim tinham chegado a nem já quase ousar imitar os seus modelos: traduziam só, traduziam palavra a palavra; e da própria frase, do génio de seu idioma se envergonhavam.

Despertámos porém; e comum nos foi o pensamento, quase simultâneo o esforço, a castelhanos e a portugueses; foi uma verdadeira reacção ibérica; as duas línguas cultas da península apareceram unidas por um tácito pacto de família, animadas do espírito redivivo de seus avós comuns na causa da restauração comum.

Pede todavia a verdade histórica, a justiça manda que se faça uma grande notável distinção no apreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma delas contribuiu para esta guerra de independência.

Assim como na resistência ao domínio da espada francesa, os portugueses foram mais ajudados pelos seus antigos aliados, os ingleses, e o resto de Espanha lutou mais de próprio marte e por singular esforço seu; também no sacudir o julgo académico estrangeiro e em proclamar a independência da literatura pátria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos ingleses e alemães, especialmente e largamente pelos últimos: a nós ninguém nos ajudou, ninguém combateu a nosso lado, ninguém nos ministrou armas munições, socorro o mais mínimo.

Seja-me permitido tomar aqui neste ponto de história literária já contemporânea a mesma liberdade de que para si usou, na história política, o ilustre conde de Toreno. Historiador coevo, ele teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como homem público nessas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de falar que meus pobres trabalhos de escritor, trabalhos quase infantis, é verdade, mas com os quais e por cuja voz tímida e balbuciante, rompeu todavia a primeira aclamação da nossa independência literária.

Desde 1825-26, que foi publicada a *Dona Branca* e o *Camões*, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a «Adosinda» e o «Bernal Francês» se firmou o estandarte da restauração. Separado, logo depois e por mais de dez anos, pelos cuidados e lidas políticas, de quase todo o trabalho literário, tive contudo a satisfação de aplaudir aos muitos e ilustres combatentes que foram entrando na lida, vi lavrar milagrosamente o fogo santo, e juntei o meu retirado clamor aos hinos da vitória que derrotou para sempre os pretendidos clássicos, os zângãos académicos, os estrangeiros de todas as cores e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Alemanha, eu começasse a empreender neste sentido a reabilitação do romance

nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros vários tinham publicado importantes trabalhos sobre as tão preciosas quanto mal estimadas antigas colecções castelhanas; já M.<sup>me</sup> de Stael e Sismondi tinham exaltado sua grande importância literária. E todavia só muito depois disso publicou em França o senhor duque de Rivas o seu *Moro exposito* que foi o primeiro sinal da reacção castelhana, e enfim em 1822 o Sr. Duran o seu *Romanceiro* que a completou.

Daqui por diante é geral e unânime em toda a península o movimento literário. Buscam-se os códigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso cancionero passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas colecções de Resende, do Colégio dos Nobres, e de D. Dinis vão até o século XIII e XIV. *Romanceiro*, torno a dizer, não o coligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de vários autores e por alguns raros manuscritos, anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ela merece e como tanto precisamos.

Sobre isto trabalho há muitos anos, conforme já o disse no primeiro livro desta colecção, o qual todavia, repito, só deve considerar-se como introdução a este que agora chamo segundo, mas em que realidade vem a ser o primeiro do *Romanceiro*.

Não pude seguir a ordem cronológica, como era tanto para desejar, na colocação destas antigas e preciosas relíquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tão pouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assuntos do Sr. Duran, que à força de sistemática lhe dá em falso muita vez e o obriga a subdivisões tão minuciosas que, por muitas de mais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a idéia de cancionero, não contemplei senão o que é estritamente matéria de romanceiro, e assim distribuí por fim a minha colecção em cinco livros; a saber:

Livro I – Romances da renascença, imitações, reconstruções e estudos sobre o antigo;

Livro II – Romances cavalheirescos antigos de aventuras, e que ou não têm referência à história, ou não a têm conhecida;

Livro III – Lendas e profecias;

Livro IV – Romances históricos compostos sobre factos ou mitos da história portuguesa e de outras;

Livro V – Romances vários, compreendendo todos os que não são épicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações destas épocas. Nem os perfeitos limites, delas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossível tê-la em tais matérias quem está de boa fé.

Tal é o método que segui. E tais são os princípios, tais foram os sentimentos que fizeram empreender esta difícil tarefa, perseverar nela tantos anos apesar de tantas dificuldades, aborrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciência de fazer um grande serviço ao meu país, e de contribuir com um contingente não desprezível para a ilustração da história das línguas e das literaturas da Europa.

I

Bela Infanta

Esta é, sem questão, a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a *Bela Infanta*.

Os críticos e colectores da nação vizinha colocam alguns romances , que são visíveis fragmentos deste, entre os seus mais antigos e mais populares, daqueles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo terceiro século. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam tema aos poetas para trovarem sobre eles, ou os aplicarem aos factos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos <sup>(1)</sup> que se encontravam entre os primeiros da vasta colecção de Duran e de Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara, porque, feita a introdução, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a história toda.

No quinto acto do *Alfageme* introduzi, com algumas alterações indispensáveis, esta xácara, fazendo-a cantar por um coro de mulheres do povo, à hora do trabalho; e observei o sensível prazer que tinha o público em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixarem de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem por uma toada própria e imitante, quanto hoje pode ser, da melopeia antiga com que há séculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desafinavam e iam fora de tempo na música italiana e complicada que lhes puseram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e as aplaudiram.

Não sei de outra alguma destas composições populares que tenha por assunto um sucesso ligado com a guerra das cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quase sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura. As poucas lições várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou há pouco uma senhora do Minho, merece contudo ser transcrita por extenso: aqui a pondo juntamente com os fragmentos castelhanos, no apêndice que vai no fim.

---

<sup>(1)</sup> *Tesoro de Romanceros*, ed. De Ochoa, Paris 1838, pág.2 e pág.9



Na estimada colecção de antigas trovas e romances ingleses, pelo bispo Percy, vem uma balada, que ele considera dos princípios do século décimo sexto, em que há visível imitação desta. Sabe-se muito bem quanto a poesia inglesa, desde Chaucer até Shakespeare, andou correndo aventuras pela romântica e encantada terra das Espanhas. A balada inglesa é um diálogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

- « As ye came the holy land  
Of blessed Walsingham,  
Ó met you not my true love  
As by the way you came? »  
— « How should I know your true love  
That have met many a once?... » <sup>(2)</sup>

Desta preciosa colecção, disse um grande entendedor:

«O gosto com que foram escolhidos os materiais, a extrema felicidade com que foram ilustrados, a riqueza de conhecimentos arqueológicos, e de lição clássica em que abunda a colecção, torna difícil imitar, impossível exceder, uma obra que para sempre há-de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.»<sup>(3)</sup>

---

<sup>(2)</sup> Percy's *Reliquies of Ancient English Poetry*, Londres, 1823, sect. II, pág.261.

<sup>(3)</sup> W.Scott. *Minstrelsy of the Scotish Borders*.

## BELA INFANTA

Estava a Bela Infanta  
No seu jardim assentada  
Com o pente d'ouro fino  
Seus cabelos penteava.  
Deitou os olhos ao mar.  
Viu vir uma nobre armada;  
Capitão que nela vinha,  
Muito bem que a governava <sup>(1)</sup>.  
–«Dize-me, ó capitão <sup>(2)</sup>  
Se encontraste meu marido  
Na terra que Deus pisava.»  
«Anda tanto cavaleiro  
Naquela terra sagrada...  
Dize-me tu, ó senhora,  
As senhas que ele levava.»  
–«Levava cavalo branco,  
Selim de prata doirada;  
Na ponta de sua lança <sup>(3)</sup>  
A cruz de Cristo levava.»  
–«Pelos sinais que me deste <sup>(4)</sup>  
Lá o vi numa estacada  
Morrer de morte valente:  
Eu sua morte vingava.»  
–«Ai triste de mim, viúva,  
Ai triste de mim, coitada!  
De três filhinhas que tenho,  
Sem nenhuma ser casada!...»

---

<sup>(1)</sup> Que a guiava – *Lisboa*.

<sup>(2)</sup> Dize-me, ó cavaleiro,  
Os sinais... – *Ribatejo*.

<sup>(3)</sup> Nos punhos de sua espada – *Estremadura*

<sup>(4)</sup> Pelos sinais que me deste,  
Lá o vi morto às lançadas,  
Que a mais pequena que tinha  
Era a cabeça passada – *Várias*

Estas variantes são ambas muito gerais, e talvez sejam melhores do que o texto que adoptei.

– «Que darias tu, senhora,  
A quem no trouxera aqui?»  
– «Dera-lhe oiro e prata fina,  
Quanta riqueza há por hi.»  
– « Não quero oiro nem prata,  
Não nos quero para mi:  
Que darias mais, senhora,  
A quem no trouxera aqui?»  
– « De três moinhos que tenho  
Todos três tos dera a ti;  
Um mói o cravo e a canela <sup>(5)</sup>,  
Outro mói do gerzeli <sup>(6)</sup> :  
Rica farinha que fazem!  
Tomara-os el-rei p'ra si.»  
– «Os teus moinhos não quero,  
Não nos quero para mi:  
Que daria mais, senhora.  
A quem tu trouxera aqui?»  
– «As telhas do meu telhado  
Que são de oiro e marfim.»  
– «As telhas do teu telhado  
Não nas quero para mi:  
Que darias mais, senhora.  
A quem no trouxera aqui?»  
– « De três filhas que eu tenho <sup>(7)</sup>,  
Todas três te dera a ti:  
Uma para te calçar,  
Outra para te vestir,  
A mais formosa de todas  
Para contigo dormir.»

---

<sup>(5)</sup> Este verso pelas suas alusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por lição muito posterior ao romance; o que se encontra a miúdo.

<sup>(6)</sup> Gerzelim, em arábico «Jolzelin», semente redonda e oleosa de uma planta de que se faz doce, e dela móida também óleo que serve para o comer.

<sup>(7)</sup> De três filhas que eu tenho  
Todas três te hei-de dar;  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar;  
A mais formosa de todas,  
Para contigo casar. – *Entremadura*.

Esta variante assás vulgarizada é contudo uma <<pruderie>> moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hipocrisia pediu a decência na fala que faltava nos costumes.

– «As tuas filhas, infanta,  
Não são damas para mi:  
Dá-me outra coisa, senhora,  
Se queres que o traga aqui.»  
– «Não tenho mais nada que te dar,  
Nem tu mais que me pedir <sup>(8)</sup>.»  
– «Tudo, não, senhora minha,  
Que inda te não deste a ti.»  
– «Cavaleiro que tal pede,  
Que tal vilão é de si <sup>(9)</sup>,  
Por meus vilões arrastado  
O farei andar aí  
Ao rabo do meu cavalo <sup>(10)</sup>  
À volta do meu jardim.  
Vassalos, os meus vassalos,  
Acudi-me agora aqui!»  
– «Este anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti...  
Que é dela a outra metade?  
Pois a minha, vê-la aí!»  
– «Tantos anos que chorei <sup>(11)</sup>,  
Tantos sustos que tremi!...  
Deus te perdoe, marido,  
Que me ias matando aqui.»

---

<sup>(8)</sup> Quanto tinha ofereci. – *Beira Alta*

<sup>(9)</sup> Que pede e torna a pedir. – *Estremadura*

<sup>(10)</sup> Ao rabo do meu cavalo – Ribatejo

<sup>(11)</sup> Os últimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos, não são.

## VARIANTE PORTUGUESA

Que parece ser uma versão mais moderna do original antigo

Dona Clara, dona infanta <sup>(1)</sup>  
Estava no seu jardim,  
Penteando tranças de ouro  
Com seu pente de marfim,  
Sentada numa almofada  
De veludo cramezim.  
Botou os olhos ao mar  
E avistou formosa armada:  
Capitão que a governava  
Que bem a traz preparada!  
Saltou em terra ele só  
Com a viseira calada,  
Vem saudar a dona infanta  
Que assim triste lhe falou:  
–«Viste tu o meu marido  
Que há tempo que me deixou?»  
–«Teu marido não conheço,  
Diz-me que sinais levou.»  
–«Levou seu cavalo branco  
Com sua sela dourada,  
Na ponta da sua lança  
Uma fita encarnada;  
Um cordão do meu cabelo  
Que lhe prendia a espada.  
Se porém tu o não viste,  
Cavaleiro da cruzada,  
Ó triste de mim, viúva,  
Ó triste de mim, coitada!  
De três filhas que eu tenho  
E nenhuma ser casada.»

---

<sup>(1)</sup> Infante no feminino é um latinismo dos séculos XV e XVI que nunca foi popular, me persuado.

–«Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem o trouxera aqui?»  
–«Dera-te tanto dinheiro  
Que não tem conto nem fim;  
E as telhas do meu telhado  
Que são de oiro e marfim.»  
–«Não quero oiro ou dinheiro,  
Que me não pertence a mi:  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi.  
Quanto deras mais, senhora,  
A quem o trouxera aqui?»  
–«Dera-te as minhas jóias  
Que não têm peso e medida;  
Dera-te o meu tear de oiro,  
Roca de prata pulida.»  
–«Não quero oiro nem prata:  
Com ferro minha mão lida.  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem o trouxera aqui?»  
–«De três filhas que eu tenho,  
Eu tas dera a escolher,  
São formosas como a lua,  
Como o sol a amanhecer.»  
–«Eu não quero tuas filhas,  
Não me podem pertencer.  
Sou soldado, ando na guerra  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem no trouxera aqui?»  
–«Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir.»  
–«Inda tens mais que me dar,  
Não estejas a mentir;  
Tens teu leito de oiro fino  
Onde eu quisera dormir.»

–«Cavaleiro que tal diz  
Merece ser arrastado  
Em roda do meu jardim,  
Aos pés de um cavalo atado.  
Vinde cá, criados meus,  
Castigai este soldado.»

–«Não chames os teus criados  
Que criados são de mi.»

–«Se tu és o meu marido  
Porque me falas assim?»

–«Por ver se me eras leal  
É que disfarçado vim.  
Lembras-te, ó dona infanta,  
Quando eu daqui saí,  
O anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti?  
Se as tuas não perdeste,  
As minhas ei-las aqui.»

–«Vinde cá, ó minhas filhas,  
Vosso pai é já chegado.  
Abri-vos, portão de jaspe  
Há tanto tempo fechado!  
Folgai, folgai, meus vassallos,  
Que é dom infante a meu lado.»

## FRAGMENTOS DE LIÇÃO CASTELHANA

### I

Estaba la linda infanta  
A la sombra de una oliva,  
Peine d'oro en las sus manos.  
Los sus cabelos bien cría.  
Alzó sus ojos al cielo  
En contra dó el sol salía,  
Vió venir un fuste armado  
Por Guadalquivir arriba:  
Dentro venía Alfonso Ramos  
Almirante de Castilla.  
—«Bien vengaís, Alfonso Ramos,  
Buena sea tu venida,  
Y ¿ qué nuevas me traedes  
De mi flota bien guarnida?  
—«Nuevas te traigo, señora,  
Si me aseguras la vida.»  
—«Decidlas, Alfonso Ramos,  
Que segura te sería.»  
—«Allá á Castilla la llevan  
Los moros de Berbería.»  
—«Si no me fuese porque,  
La cabeza te cortarían.»  
—«Si la mia me cortases,  
La tuya te costaría (¹).»

### II

Caballero de lejanas tierras,  
Llegaos açá, y paréis.  
Hinquedes la Lanza en tierra,  
Vuestro caballo arrendéis,  
Preguntaros he por nuevas  
Si mi esposo conocéis.

---

(¹) *Romancero*, Ochoa, pág.3.

—«Vuestro marido, señora,



Decid ¿ de qué señas es?»  
—«Mi marido es mozo y blanco,  
Gentil hombre y bien cortés,  
Muy gran jugador de tablas,  
Y también del ajedrez.  
En el pomo de su espada  
Armas trae de un marqués <sup>(2)</sup>.»

---

<sup>(2)</sup>*Romancero*, Ochoa, pág.9.

II

O Caçador

Os críticos de Alemanha e de Espanha contam entre os mais antigos romances da Península este que os nossos vizinhos chamam da *Infantina* e nós do *Caçador*. Também me parece o mesmo. Lockhart, o elegante tradutor inglês<sup>(1)</sup>, extasia-se na admirável beleza de sua poesia tão original e tão simples. Mais pasmara se o visse no texto português como no-lo conservou a memória do povo, muito mais belo e muito mais original do que anda nas colecções castelhanas donde ele, Lockhart, o traduziu.

E todavia essas são dos meados do século dezesseis. Três séculos depois, ainda a tradição portuguesa o tem nesta perfeição. Forçosamente ou foi escrito no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testemunho do marquês de Santillana<sup>(2)</sup>, era o preferido para se trovar na mesma corte de Castela, e fora o primeiro em que se fizeram versos; — ou, o que me parece mais provável, foi composto na linguagem ainda comum e pouco discriminada que prevalecia, ao princípio da reconquista, na povoação cristã das Espanhas.

Acresce que o romance castelhano, pròpriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e encantamentos que a escola céltica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Itália fizeram depois tão familiar na Europa: os servos descendentes de Pelaião não tinham mitologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutiladas. O sobrenatural desta história parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das mouras encantadas, das aparições da manhã de São João, e de outros mitos nacionais, tão belos, tão queridos da gente portuguesa, e tão desprezados — ainda mal! — até agora pelos nossos poetas.

Seja porém como for, o romance do *Caçador* pertence à poesia popular portuguesa, é de imemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui lugar entre as relíquias mais originais da nossa primitiva literatura.

Ponho, além das variantes, a versão ou lição dos romanceiros castelhanos, e a tradução inglesa, que é mais paráfrase ou imitação que tradução.

A moralidade da fábula — se permitem a palavra os escrupulosos — é a mesma que a da *maré do carvoeiro*; ocasião perdida, ocasião que não volta. A história do *Capote Novo* e outras

---

<sup>(1)</sup> *Ancient Spanish Ballads*, historical and romantic translated with notes, by J. G. Lockhart Esq. London, 1841.

<sup>(2)</sup> Na coleção de Sanches, Madrid, 1779.

muitas do *Decameron Popular*, que é pena serem tão soltas e verdes que se não podem escrever, ilustram a mesma sentença e rifão. Bocácio e La Fontaine achariam nos contos tradicionais do nosso povo com que enriquecer muito as *Cem Novelas Novas* de suas gaiatas colecções.

## O CAÇADOR

O caçador foi à caça,  
À caça, como soía <sup>(1)</sup>;  
Os cães já leva cansados,  
O falcão perdido havia.  
Andando se lhe fez noite <sup>(2)</sup>  
Por uma mata sombria,  
Arrimou-se a uma azinheira,  
A mais alta que ali via.  
Foi a levantar os olhos,  
Viu coisa de maravilha:  
No mais alto da ramada <sup>(3)</sup>  
Uma donzela tão linda!  
Dos cabelos da cabeça  
A mesma árvore vestia,  
Da luz dos olhos tão viva  
Todo o bosque se alumia.  
Ali falou a donzela,  
Já vereis o que dizia:  
— «Não te assustes, cavaleiro,  
Não tenhas tamanha frima.  
Sou filha de um rei c'roadado,  
De uma bendita rainha.  
Sete fadas me fadaram,  
Nos braços de mi' madrinha,  
Que estivesse aqui sete anos,  
Sete anos e mais um dia;  
Hoje se acabam nos anos,  
Amanhã se conta o dia.  
Leva-me, por Deus to peço,  
Leva em tua companhia.»  
— «Espera-me aqui, donzela,  
Té amanhã, que é o dia;

---

<sup>(1)</sup> À caça de montaria. — *Alentejo*.  
À caça de altanaria — *Trás-os-Montes*.

<sup>(2)</sup> Fez-se noite no caminho. — *Beira Alta*.

<sup>(3)</sup> «Ramada» pelo ajuntamento de ramos naturais na mesma árvore fazendo sombra e abrigo, é a significação clássica e natural. No Minho chamam «ramada» aos parreirais e latadas de vinha feitos com ramos, varas, canas, etc.

Que eu vou a tomar conselho,  
Conselho com minha tia.»  
Responde agora a donzela,  
Que bem que lhe respondia!  
—«Oh mal haja o cavaleiro,  
Que não teve cortesia:  
Deixa a menina no souto <sup>(1)</sup>  
Sem lhe fazer companhia!»

Ela ficou no seu ramo,  
Ele foi-se a ter co'a tia...  
Já voltava o cavaleiro  
Apenas que rompe o dia;  
Corre por toda essa mata,  
A enzinha não descobria.  
Vai correndo e vai chamando,  
Donzela não respondia;  
Deitou os olhos ao longe,  
Viu tanta cavalaria,  
De senhores e fidalgos  
Muito grande tropelia <sup>(2)</sup>  
Levavam a linda infanta,  
Que era já contado o dia.  
O triste do cavaleiro  
Por morto no chão caía;  
Mas já tornava aos sentidos  
E a mão à espada metia:  
—«Oh, quem perdeu o que eu perco  
Grande penar merecia!  
Justiça faço em mim mesmo  
E aqui me acabo co'a vida.»

---

<sup>(1)</sup> Deixa a menina no monte.—*Beira Baixa*.

«Souto» parece mais minhoto; mas assim vem numa cópia da Estremadura.

<sup>(2)</sup> «Tropelia», em português casto e clássico, é o tumulto que se faz em tropel; e também a injúria que se faz a alguém, a alguma coisa, «atropelando» direitos, posses, pessoas, razões ou conveniências. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é também um clássico.

## LIÇÃO CASTELHANA

Á cazar va el caballero,  
Á cazar como solía;  
Los perros lleva cansados,  
El falcón perdido había,  
Arrimárase á un roble,  
Alto es á maravilla.  
En una rama más alta,  
Viera estar una infantina,  
Cabellos de su cabeza  
Todo aquel roble cubrían.  
—«No te espantes caballero,  
Ni tengas tamaña grima,  
Hija soy yo del buen rey  
Y la reina de Castilla:  
Siete fadas me fadaron  
En brazos de un ama mía,  
Que andase los siete años  
Sola en esta montiña.  
Hoy se cumplían los siete años  
O mañana en aquel día:  
Por Dios te ruego, caballero,  
Llévesme en tu compañía,  
Si quisieres por mujer,  
Sino, sea por amiga.  
— Esperaisme vos, señora,  
Hasta mañana aquel día,  
Iré yo á tomar consejo  
De una madre que tenía.  
La niña le respondiera  
Y estas palavras decía:  
—¡ O mal haya el caballero  
Que sola deja la niña!»  
El se va á tomar consejo  
Y ella queda en la montiña.  
Aconsejóle su madre  
Que la tome por amiga.  
Cuando volvió el caballero  
No hallara la infantina,

Vídola que la llevaban  
Con muy gran caballería.  
El caballero que la vido  
En el suelo se caía:  
Desque en sí hubo tornado  
Estas palabras decía:  
— Caballero que tal pierde,  
Muy gran pena merecía:  
Yo mismo seré el alcalde,  
Yo me seré la justicia:  
Que me corten pies y manos  
Y me arrastren por la villa.



## TRADUÇÃO INGLESA

The knight had hunted long, and twilight closed the day;  
His hounds were weak and weary, his hawk had flown away;  
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,  
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;  
She had her seat on high, among the oak-leaves green:  
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,  
But when the breeze was westering, upon it they did flow.

—«Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;  
I am a good king's daughter, long years enchanted here;  
Seven cruel fairies found me,— they charmed a sleeping child;  
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

«Seven weary years are gone since o'er me charms they threw;  
I have dwelt here alone,— I have seen none but you.  
My seven sad years are spent; — for Christ that died on rood,  
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

«Oh, bring me forth again from out this darksome place!  
I dare not sleep for terror of the unholy race.  
Oh, take me, gentle sir! I'll be a wife to thee.» —  
I'll be thy lowly leman, if wife I may not be!»

—«Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;  
I'll ask mother straight, for her reproof I fear.»  
—«Oh, ill beseems thee, knight!» said she, that maid forlorn,  
«The blood of kings to slight, a lady's tears to scorn!»

He came when morning broke, to fetch the maid away.  
But could not find the oak wherein she made her stay:  
All through the wilderness he sought in bower and tree;—  
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he!

There came a sound of voices from up the forest glen,  
The King had come to find her with all his gentlemen,  
They, rode in mickle glee — a joyous cavalcade —

Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast—  
His hand was on the hilt ere all the train were past:  
—«Oh, shame to knightly blood! Oh, scorn to chivalry!  
I'll die within the wood: no eye my death (<sup>1</sup>) shall see!»

---

(<sup>1</sup>) Lockhart, *Anc Span Ballads*.

III

A Enfeitiçada

É claramente de origem francesa, e vir-nos-ia porventura com os cavaleiros e os troveiros do conde D. Henrique, o lindo romance da *Donzela enfeitada*. Foi talvez um «fabliau» na sua terra? Quem sabe?

Aqui é ele muito antigo; castelhanos e portugueses o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros tem razão. Em algumas das nossas províncias ainda confundido, na versão oral, com o romance precedente do *Caçador* e custa a desvencilhá-los.

Colacionando-o com a cópia castelhana que adiante vai, notar-se-á quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto português: conhece-se muito mais nele o tom e o sainete sempre picante do génio francês, que do princípio foi o que é e há-de ser, leve, fácil e engraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castela *Romance de la infanta de Francia*.

A anedota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem sequer nos costumes das eras cavalherescas. Também não é ainda do ciclo da Távola Redonda, de quando os nossos membros romancistas punham todas as suas cenas no país dos Artures e Amadises. Essa escola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos del-rei D. Fernando em cuja corte dominavam já muito as modas e gosto inglês que depois triunfaram absolutamente no reinado de seu irmão e sucessor.

O ar desta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a têm os críticos e colectores castelhanos.

## A ENFEITIÇADA

Vai correndo o cavaleiro,  
A Paris levava a guia,  
Viu estar uma donzela  
Sentada na penha fria:  
— «Que fazeis aqui, donzela?  
Que fazeis, ó donzelinha?»  
— «Vou-me à corte de Paris <sup>(1)</sup>  
Donde padre e madre tinha;  
Perdi-me no meu caminho,  
Pus-me a esperar companhia;  
Cansada estou de esperar  
Sentada na penha fria,  
Se te praz, ó cavaleiro <sup>(2)</sup>,  
Leva-me em tua companhia.»  
Respondeu-lhe o cavaleiro:  
— «Pois que me praz, vida minha»,  
Lá no meio do caminho  
De amores a requeria;  
A donzela, muito enxuta <sup>(3)</sup>  
Lhe disse com ousadia:  
— «Tem-te, tem-te cavaleiro,  
Não faças tal vilania;  
Que, antes que me baptizassem  
Me deram feitiçaria:  
Sete bruxas me embruxaram  
Antes que eu fosse à pia;  
O homem que a mim se chegasse,  
Malato <sup>(4)</sup> se tornaria.»

---

<sup>(1)</sup> Vou-me à corte de França — *Estremadura*.

<sup>(2)</sup> Quereis vós, ó cavaleiro,  
Que eu vá em vossa companhia?  
Respondeu-lhe o cavaleiro:

— «Pois não quero, minha vida! — *Ribatejo*.

<sup>(3)</sup> A donzela mui sisuda,  
Sem ter medo, lhe dizia — *Beira Alta*.

<sup>(4)</sup> Malato era o homem livre que descia à condição quase de servo e vilão. No sentido figurado — que parece ser o que aqui domina — homem perdido, tolhido, envilecido?

Não responde o cavaleiro <sup>(1)</sup>,  
Todo na sela tremia.

Lá para o fim do caminho <sup>(2)</sup>  
A donzela que sorria.  
— «De que vos rides, donzela,  
De que rides, donzelinha?»  
— «Não me rio do cavalo  
Nem da sua fitaria,  
Rio-me do cavaleiro,  
Mais da sua covardia;  
Com a donzela à garupa  
E catou-lhe cortesia;  
Soube guardar-se das moças  
E bruxas velhas temia.»  
— «Atrás, atrás, ó donzela,  
Atrás, atrás, donzelinha,  
Que na fonte onde bebemos  
Deixo uma espora perdida.»  
— «Cavaleiro, adiante, adiante,  
Que eu atrás não tornaria.  
Se a sua espora é de prata,  
Meu pai de oiro lha daria;  
Que às portas de meu pai <sup>(3)</sup>  
Se mede oiro cada dia.»  
— «Dizei-me vós, ó donzela,  
Dizei-me de quem sois filha»  
— «Sou filha del-rei de França  
E da rainha Constantina.»  
— «Arrenego eu de mulheres  
Mais de quem nelas se fia!  
Cuidei le levar amante,  
Levo uma irmã minha <sup>(4)</sup>.»

---

<sup>(1)</sup> O cavaleiro com medo

Tremendo-lhe respondia — *Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Passado largo caminho — *Beira Alta*.

<sup>(3)</sup> Que às portas de meu palácio — *Estremadura*.

<sup>(4)</sup> Depois destes versos a lição do Minho acrescenta, em forma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na boca do cavaleiro:

Arrenego eu de mulheres,  
Mais de quem nelas se fia!

## VERSÃO CASTELHANA

De Francia partió la niña,  
De Francia la bien guarnida;  
Ibase para Paris,  
Do padre y madre tenía:  
Errado lleva el camino,  
Errada lleva la vía:  
Arrimárase á un roble  
Por esperar compañía.  
Vió venir un caballero,  
Que á Paris lleva la guía.  
La niña desde que lo vido  
Desta suerte le decía:  
— «Si te place, caballero,  
Llévesme en tu compañía.»  
—«Pláceme,dijo, señora,  
Pláceme, dijo, mi vida.»  
Apeóse del caballo  
Por hacerle cortesía;  
Puso la niña en las ancas  
Y subiérase en la silla:  
En el medio del camino  
De amores la requería.  
La niña desde que lo oyera  
Díjole con osadía:  
— «Tate, tate, caballero,  
No hagáis tal villanía:  
Hija soy yo de un malato  
Y de una malatía,  
El hombre que á mi llegase  
Malato se tornaría.»  
Con temor el caballero  
Palabra no respondía.  
Y á entrada de Paris  
La niña se sonreía.  
— «De que os reis, mi señora,  
De qué os reis, vida mía?»  
— «Ríome del caballero  
Y de su gran cobardía,

Tener la niña en el campo  
E catarle cortesía!  
Con vergüenza el caballero  
Estas palabras decía:  
— «Vuelta, vuelta, mi señora,  
Que una cosa se me olvida.  
La niña, como discreta  
Dijo: — «Yo no volvería,  
Ni persona, aunque volviese,  
En mi cuerpo tocaría:  
Hija soy del rey de Francia  
Y la reina Constantina,  
El hombre que á mí llegasse  
Muy caro le costaría (¹).»

---

(¹) *Durán*, tomo IV, parte I. Ochoa, *Tesoro de Romanceros*.



IV

Conde Iano

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do *Cancioneiro das Fronteiras da Escócia*, que os romances populares foram quase todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestréis depois encurtavam e truncavam para os poderem cantar em dois ou três «lays» quando muito, como quem diz, em duas ou três cantigas: o que na íntegra era impossível. Que daí ficaram assim pela memória do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é — e eu não defendo nem impugno agora a teoria — digo que este belo romance do *Conde Iano* algum menestrel português o acomodou ao gosto popular, contraindo-o do poemeto castelhano que ali se chama do *Conde Alarcos e da Infanta Solisa*.

Em algumas províncias nossas também lhe chamam *Conde Alarcos*, noutras *Conde Anardos*; e até noutras, por muito visível rebaptização herética, *Dom Duarte e Conde Alberto*. Tão-sòmente nos distritos mais sertanejos do reino e menos próximos do contacto castelhano aparece *Conde Iano*.

Iano é a mais antiga degeneração do grego e latino Ιωαννης, *Joannes*, — dos quais tanto mais próximo está do que os modernos Juan, João dos dois dialectos cultos das Espanhas.

Assim o nome como o modo de dizer *Conde Iano* (Conde João) em vez de *Conde de tal* indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel português do que vice-versa. E ou esta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ela não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade há-de estar no meio, que é o costume.

Junto a composição castelhana, e a linda versão inglesa de Lockhart: ambas ilustram o texto e a questão. Comparando-as com o romance português, fàcilmente se dará a palma a este, assim no estilo como na invenção. Tem mais drama e mais peripécias, respira mais suave melancolia, é mais casto, e por fim termina com um inesperado sucesso que dá prazer.

Lembra-me, em pequeno, a imensa alegria que eu tinha quando a minha Brígida <sup>(1)</sup> velha, criada que nos contava e cantava estas histórias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer às mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava de repente de tom na sua sentida melopeia, e exclamava:

---

<sup>(1)</sup> ) Esta criada Brígida já foi cantada na Dona Branca.

«Tocam nos sinos na sé...  
Ai Jesus! quem morreria?...»

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um peso do coração à gente, e a história acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda «a tudo que mais queria», às suas flores, ao seu filhinho, são admiráveis aqui também e omissas na lição castelhana.

Enfim, nascesse ele dentro das nossas fronteiras, ou viesse de além delas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismonde e Madame de Stael exaltam esta composição acima de todas as do romancero castelhano. Que faria se conhecessem a lição portuguesa?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quase todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas aclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram se aponta à margem alguma que o merece.

## CONDE IANO

Chorava a infanta, chorava <sup>(1)</sup>,  
Chorava e razão havia,  
Vivendo tão descontente;  
Seu pai por casar a tinha.  
Acordou el-rei da cama <sup>(2)</sup>  
Com o pranto que fazia:  
— «Que tens tu, querida infanta,  
Que tens tu, ó filha minha?»  
— «Senhor pai, o que hei-de eu ter  
Senão que me pesa a vida?  
De três irmãs que nós éramos,  
Solteira eu só ficaria. »  
— «Que queres tu que te eu faça?  
Mas a culpa não é minha.  
Cá vieram embaixadas  
De Guitaina e Normandia <sup>(3)</sup>;  
Nem ouvi-las não quiseste,  
Nem fazer-lhes cortesia...  
Na minha corte não vejo  
Marido que te daria...  
Só se fosse o conde Iano <sup>(4)</sup>,  
E esse já mulher havia <sup>(5)</sup>.»  
— «Ai! rico pai da minha alma,  
Pois esse é que eu queria.  
Se ele tem mulher e filhos,  
A mim muito mais devia,  
Que me não soube guardar  
A fé que me prometia.»

Manda el-rei chamar o conde,  
Sem saber o que faria:

---

<sup>(1)</sup> Chorava a infanta Solisa,

Razão de chorar havia. — *Alentejo*.

Chorava Dona Silvana — *Estremadura*.

<sup>(2)</sup> Despertou el-rei seu pai — *Beira Alta*.

<sup>(3)</sup> De Leão e de Castilha — *Trás-os-Montes*.

Guitania é Aquitânia, bem claramente.

<sup>(4)</sup> Só se fosse o conde Albano — *Minho*.

— Só se fosse o conde Alarcos — *Beira Baixa*.

<sup>(5)</sup> E esse tem mulher e filhas — *Beira Alta, Lisboa*.

Que lhe viesse falar...  
Sem saber que lhe diria.  
— «Inda agora vim do paço,  
Já el-rei lá me queria!  
Ai! será meu bem?  
Ai! para meu mal seria?»

Conde lano que chegava,  
El-rei que a buscar o vinha:  
— «Beijo a mão a vossa alteza;  
Que quer vossa senhoria? »  
Responde-lhe agora o rei  
Com grande merencoria:  
— «Beijai, que mercê vos faço;  
Casareis com minha filha.»  
Cuidou de cair por morto  
O conde que tal ouvia:  
— «Senhor rei, que sou casado  
Já passa mais de ano e dia!»  
— «Matareis vossa mulher,—  
Casareis com minha filha.»  
— «Senhor, como hei-de matá-la  
Se a morte me não mer'cia?»  
— «Calai-vos, conde, calai-vos,  
Não vos quero demasia;  
Filhas de reis não se enganam  
Como uma mulher cativa.»  
— «Senhor, que é muita razão,  
Mais razão que ser devia,  
Para me matar a mim  
Que tanto vos ofendia;  
Mas matar uma inocente  
Com tamanha aleivosia!  
Nesta vida nem na outra  
Deus mo não perdoaria. »  
— « A condessa há-de morrer  
Pelo mal que cá fazia.  
Quero ver sua cabeça  
Nesta doirada bacia.»

Foi-se embora o conde Iano,  
Muito triste que ele ia.  
Adiante um pajem d'el-rei  
Levava a negra bacia.  
O pajem ia de luto,  
De luto o conde vestia:  
Mais dó levava no peito  
C'os apertos da agonia.  
A condessa, que o esperava,  
De muito longe que o via,  
Com o filhinho nos braços  
Para abraça-lo corria.  
— «Bem-vindo sejas, meu conde,  
Bem-vinda, minha alegria!»  
Ele sem dizer palavra  
Pelas escadas subia.  
Mandou fechar seu palácio,  
Coisa que nunca fazia <sup>(1)</sup>;  
Mandou logo pôr a ceia <sup>(2)</sup>  
Como que lhe apetecia.  
Sentaram-se ambos à mesa,  
Nem um nem outro comia;  
As lágrimas era um rio <sup>(3)</sup>  
Que pela mesa corria.  
Foi a beijar o filhinho  
Que a mãe aos peitos trazia,  
Largou o seio o inocente,  
Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,  
O coração lhe partia;  
Desata em tamanho choro  
Que em toda a casa se ouvia:  
— «Que tens tu, querido conde,  
Que tens tu, ó vida minha?

---

<sup>(1)</sup> O que dantes não fazia — *Minho*.

<sup>(2)</sup> Como quem comer queria — *Lisboa*.

<sup>(3)</sup> As lágrimas eram tantas  
Que pela mesa corriam — *Várias*.

Todas as versões vêm assim; só a de Lisboa como vai no texto.

Tira-me já destas ânsias,  
El-rei o que te queria?»  
Ele afogava em soluços,  
Responder-lhe não podia;  
Ela, apertando-o nos braços,  
Com muito amor lhe dizia:  
— « Abre-me o teu coração,  
Desafoga essa agonia,  
Dá-me da tua tristeza,  
Dar-te-ei da minha alegria. »  
Levantou-se o conde Iano,  
A condessa que o seguia.  
Deitaram-se ambos no leito;  
Nem um nem outro dormia.  
Ouvireis a desgraçada,  
Ouvide ora o que dizia:  
— «Peço-te por Deus do céu  
E pela Virgem Maria,  
Antes me mates, meu conde,  
Que eu ver-te nessa agonia.»  
— « Morto seja quem tal manda,  
Mais a sua tirania!»  
— «Ai! não te entendo, meu conde,  
Dize-me, por tua vida,  
Que negra ventura é esta  
Que entre nós está metida?»  
— «Ventura da sem ventura,  
Grande foi tua mofina <sup>(1)</sup> !  
Manda-me el-rei que te mate,  
Que case com sua filha.»  
Palavras não eram ditas,  
Inda mal lhas ouviria,  
A desgraçada condessa  
Por morta no chão caía.  
Não quis Deus que ali morresse...  
Triste que ali não morria!  
Maior dor do que a da morte  
A torna a chamar à vida.

---

<sup>(1)</sup> *Mofina*, substantivo, talvez por *mofina sorte* é usado dos clássicos alguma vez; e comum hoje ao povo das províncias quase todas.

— «Cala, cala, conde Iano,  
Que inda remédio haveria;  
Ai! não me mates, meu conde,  
E um alvitre te daria <sup>(1)</sup>:  
A meu pai me mandarás,  
Pai que tanto me queria!  
Ter-me ão por filha donzela  
E eu a fé te guardaria.  
Criarei este inocente  
Que a outra não criaria;  
Manter-te-ei castidade  
Como sempre te mantia. »

— «Ai como pode isso ser,  
Condessa minha querida,  
Ser el-rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?»

— «Cala, cala, conde Iano,  
Que inda remédio teria,  
Meter-me-ás num convento  
Da ordem da freiraria;  
Dar-me-ão o pão por onça  
E a água por medida;  
Eu lá morrerei de pena,  
E a infanta não saberia.»

— «Ai! como pode isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se quer ver tua cabeça  
Nesta maldita bacia?»

— «Fecharas-me numa torre,  
Nem sol, nem lua veria,  
As horas de minha vida  
Por meus ais as contaria.»

— «Ai! como pode isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el-rei quer tua cabeça  
Nesta doirada bacia?»

---

<sup>(1)</sup> Um conselho te daria – *Beira Baixa*.



Palavras não eram ditas,  
El-rei que à porta batia:  
— «Se a condessa não é morta,  
Que então ele a mataria.»  
— «A condessa não é morta  
Mas está na agonia.»  
— «Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu sabia.»  
— «Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia.»  
— «Ai! quem pudera rezar <sup>(1)</sup>,  
Ó Virgem Santa Maria!  
Que eu não me pesa da morte,  
Pesa-me da aleivosia:  
Mais me pesa de ti, conde,  
E da tua covardia.  
Matas-me por tuas mão,  
Só porque el-rei o queria!  
Ai! Deus te perdoi, conde,  
Lá na hora da contia <sup>(2)</sup>.  
Deixar-me dizer adeus  
A tudo o que eu mais queria;  
Às flores d'este jardim,  
Às águas da fonte fria.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor da Alexandria!  
Guardai-me vós meus amores  
Que outrem me não guardaria.  
Dêem-me cá esse menino,  
Entranhas de minha vida;  
Deste sangue de meu peito  
Mamará por despedida.  
Mama, meu filhinho, mama  
Desse leite da agonia;  
Que atégora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,

---

<sup>(1)</sup> No poemeto castelhano a condessa reza – e não é feia a sua *preghiera*: mais bonito e mais poético é o pensamento do cantor português, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

<sup>(2)</sup> Na hora em que contar contigo, em que te tomar contas. É a frase expressiva dos ingleses: *In the hour of reckoning*.

Amanhã terás madrasta  
De mais alta senhoria... »

Tocam nos sinos na sé...  
Ai Jesus! quem moreria?  
Responde o filhinho ao peito <sup>(1)</sup>,  
Respondeu – que maravilha!  
— «Morreu, foi a nossa infanta  
Pelos males que fazia;  
Descasar os bem casados:  
Coisa que Deus não queria.»

---

<sup>(1)</sup> Quase todas as lições provinciais omitem os dois versos últimos desta copla, e o pensamento que eles encerram. Só uma lição borda-d'água os traz, e julguei que mereciam ser incorporados no texto. Este prodígio de falarem os inocentes ao peito das mães, nas grandes circunstâncias públicas ou nas grandes crises domésticas, era mui favorito dos nossos. Na aclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as dúvidas bradando do colo da mãe: «Real, Real, pelo mestre de Avis rei de Portugal.» Noutro romance desta colecção, o *Dom Beltrão* veremos falar o cavalo de um morto cavaleiro.

## LIÇÃO CASTELHANA

Retraída está la infanta,  
Bien así como solía,  
Viviendo muy descontenta  
De la vida que ténia,  
Viendo que ya se pasaba  
Toda la flor de su vida,  
Y que el rey no la casaba,  
Ni tal cuidada tenía.  
Entre sí estaba pensando  
A quiéense descubriría,  
Y acordá llamar al rey  
Como otras veces solía,  
Por decirle su secreto  
Y la intención que tenía.  
Vino el rey siendo llamado,  
Que no tardó su venida:  
Vídola estar apartada,  
Sola está sin compañía,  
Su lindo gesto mostraba  
Ser más triste que solía.  
Conociera luego el rey  
El enojo que tenía.  
— ¿Qué es aquesto, la infanta?  
¿Qué es asqueste, hija mía?  
Contadme vuestros enojos,  
No toméis melancolía,  
Que sabiendo la verdad  
Todo se remediaría.  
— «Menester será, buen rey,  
Remediar la vida mía,  
Que á vos quedé encomendada  
De la madre que tenía.  
Con vergüenza os lo demando,  
No con gana que tenía.  
Que aquestos cuidados tales  
Á vos, rey, pertenecían.»  
Escuchada su demanda,  
El buen rey la respondía:

— «Esa culpa, la infanta,  
Vuestra era, que no mía,  
Que ya fuérades casada  
Con el príncipe de Hungría;  
No quisistes escuchar  
La embajada que venía,  
Pues acá em las nuestras cortes,  
Hija, mal recaudo había,  
Si no era el conde Alarcos  
Que hijos y mujer tenía.

— «Convidaldo vos, el rey,  
Al conde Alarcos un día,  
Y después que hayais comido  
Decidle de parte mía,  
Decidle que si se acuerde  
De la fé que dél tenía,  
La cual él me prometió,  
Que yo no se la pedía,  
De ser siempre mi marido  
Y yo que su mujer sería.  
Yo fuí dello muy contenta  
Y que no me arrepentía.  
Si casó con la condesa,  
Que mirára lo que hacía,  
Que por él no me casé  
Con el príncipe de Hungría:  
Dél es culpa, que no mía.»

Perdiera el rey em la oír  
El sentido que tenía,  
Mas despues em sí tornado  
Con enojo respondía:  
— «No son estos los consejos  
Que vuestra madre os decía:  
Muy mal mirastes, infanta,  
Dó estaba la honra mía.  
Si verdad es todo eso,  
Vuestra honra ya es perdida:  
No podéis vos ser casada  
Mientras la condesa viva.  
Si se hace el casamiento

Por razón ó por justicia,  
Em el decir de las gentes  
Por mala seréis tenida.  
Dadme vos, hija, consejo,  
Que el mío no bastaría,  
Que ya es muerta vuestra madre  
A quien consejo pedía.»  
— «Pues yo os lo daré, buen rey,  
Deste poco que tenía:  
Mate el conde á la condesa,  
Que nadie no lo sabría,  
Y eche fama que ella es muerta  
De um cierto mal que tenía,  
Y tartarse há el casamiento  
Como cosa no sabida.  
Desta manera, buen rey,  
No con placer que tenía;  
Lleno va de pensamientos  
Con la nueva que sabía;  
Vido estar el conde Alarcos  
Entre muchos, que decía:  
— ¿«Qué aprovecha, caballeros,  
Amar y servir amiga,  
Siendo servicios perdidos  
Donde firmeza no había?  
No pueden por mí decir  
Aquesto que yo decía,  
Que em el tiempo que serví  
Uma que tanto quería,  
Si bien la quise entonces,  
Agora más la queria;  
Mas por mi pueden decir  
Quien bien ama, tarde olvida.»  
Estas palabras diciendo,  
Vido al buen rey que venía,  
Y hablando con el rey,  
De entre todos se salía.  
Díjole el buen rey al conde  
Hablando con cortesía:  
— «Convidaros quiero, conde,

Por mañana en aquel día,  
Que queráis comer conmigo  
Por tenerme compañía.  
— «Que se haga de buen grado  
Lo que su alteza decía:  
Beso sus manos reales  
Por la buena cortesía:  
Detenerme he aquí mañana,  
Aunque estaba de partía,  
Que la condesa me espera  
Según carta que me envía.»  
Otro día de mañana  
El rey de misa salía,  
Luego se asentó á comer,  
No por gana que tenía,  
Sino por hablar al conde  
Lo que hablarle quería.  
Allí fueron bien servidos  
Como á rey pertenecía:  
Después que hubieron comido,  
Toda la gente salida,  
Quedóse el rey con el conde  
En la tabla do comía.  
Empezó el rey de hablar  
La embajada que traía:  
— «Unas nuevas traigo, conde,  
Que dellas no me placía,  
Por las cuales yo me quejo  
De vuestra descortesía:  
Prometistes á la infanta  
Lo que ella no os pedía,  
De siempre ser su marido,  
Y á ella que le placía  
Si á otras cosas pasaste,  
No entro en esa porfía.  
Otra cosa os digo, conde,  
De que más os pesaría:  
Que matéis á la condesa,  
Que así cumple á la honra mía:  
Echeis fama de que es muerta

De cierto mal que tenía,  
Y tratarse ha el casamiento  
Como cosa no sabida,  
Porque no sea deshonrada  
Hija que tanto quería.»  
Oidas estas razones,  
El buen conde respondía:  
— «No puedo negar, el rey,  
Lo que la infanta decía,  
Sino que es muy gran verdad  
Todo cuanto me pedía.  
Por miedo de vos, el rey,  
No casé con quien debía,  
Ni pensé que vuestra alteza  
En ello consentiría,  
De casar con la infanta  
Yo, señor, bien casaría;  
Mas matar á la condesa,  
Señor rey, no lo haría,  
Porque no debe morir  
La que mal no merecía.»  
— «Yo la mataré, buen rey,  
Mas no sea la culpa mía,  
Vos os avendreis con Dios  
En el fin de vuestras alteza,  
Á fé de cabellería,  
Que me tengan por traidor  
Si lo dicho no cumplía,  
De matar á la condesa  
Aunque mal no merecía.  
Buen rey, si me dais licencia  
Luego yo me partiría.»  
— «Vayáis con Dios, el buen conde,  
Ordenad vuestra partida.»  
Llorando se parte el conde,  
Llorando sin alegría;  
Lloraba tambien el conde  
Por tres hijos que tenía,  
El uno era de teta,  
Que la condesa lo cría.

Que no quería mamar  
De tres amas que tenía,  
Si no era de su madre,  
Porque bien la conocía;  
Los otros eran pequeños,  
Poco sentido tenían.  
Ántes que el conde llegase,  
Estas razones decía:  
— ¿«Quién podrá mirar, condesa,  
Vuestra cara de alegría,  
Que salerdis á recibirme  
A la fin de vuestra vida?  
Yo soy el triste culpado,  
Esta culpa es mía.»  
En diciendo estas palabras  
Ya la condesa salía,  
Que un paje le había dicho  
Como el conde ya venía.  
Vido la condesa al conde  
La tritea que tenía,  
Vióle los ojos llorosos  
Que hinchados los tenía  
De llorar por el camino  
Mirando el bien que perdía.  
Dijo la condesa al conde:  
«Bien vengáis, bien de mi vida:  
¿Qué habéis el conde Alarcos?  
¿Porqué lloráis, vida mía?  
Que venís tan demudado  
Que cierto no os conocía,  
No parece vuestra cara  
Ni el gesto que ser solía;  
Dadme parte del enojo  
Como dais de l'alegría.  
Decídmelo luego, conde,  
No matéris la vida mía.»  
— «Yo lo diré bien, condesa,  
Cuando la hora sería.»  
— «Si no me lo decís, conde,  
Cierto yo reventaría.»



— «No me fatiguéis, señora,  
Que no es la hora venida.  
Cenemos luego, condesa,  
D'aqueso que en casa había.  
— «Aparejado está, conde,  
Como otras veces solía.»  
Sentóse el conde á la mesa,  
No cenaba ni podía,  
Con sus hijos al costado,  
Que muy mucho los quería.  
Echóse sobre los hombros,  
Hizo como que dormía.  
De lágrimas de sus ojos  
Toda la mesa cubría.  
Minrándolo la condesa  
Que la causa no sabía,  
No le perguntaba nada,  
Que no osaba nu podía.  
Levantóse luego el conde,  
Dijo que dormir quería,  
Dijo también la condesa  
Que ella también dormiría;  
Mas entre ellos no había sueño,  
Si la verdad se decía.  
Vanse el conde y la condesa,  
A dormir donde solían;  
Dejan los niños de fuera,  
Que el conde no los quería;  
Lleváronse el más chiquito,  
El que la condesa cría:  
El conde cierra la puerta,  
Lo que hacer no solía.  
Empezó de hablar el conde  
Con dolor y con mancilla:  
— ¡ «O desdichada condesa,  
Grande fué la tu desdicha!»  
— « No soy desdichada, conde,  
Por dichosa me tenía  
Solo en ser vuestra mujer:  
Esta fue gran dicha mía.»

— «Si bien lo miráis, condesa,  
Esa fue vuestra desdicha.  
Sabed que en tiempo pasado  
Yo amé á quien servía,  
Por desdicha vuestra y mía  
Prometí casar con ella,  
Y à ella que le placía  
Demándame por marido  
Por la fé que me tenía.  
Puédelo muy bien hacer  
Por razón y por justicia:  
Díjomelo el rey su padre  
Porque della lo sabía.  
Otra cosa manda el rey  
Que toca en el alma mía:  
Manda que muráis, condesa,  
Á la fin de vuestra vida,  
Que no puede tener honra  
Siendo vos, condesa, viva.»  
De qu'esto oyó la condesa,  
Cayó en tierra mortecida;  
Mas después en sí tornada  
Estas palabras decía:  
— «Pagados son mis servicios,  
Conde, con que yo os servía:  
Si no me matáis, el conde,  
Yo bien os aconsejaría:  
Enviédesme á mis tierras,  
Que mi padre me tenía;  
Yo criaré vuestros hijos  
Mejor que la que venía,  
Y os mantendré castidad  
Como siempre os mantenía.»  
— «De morir habéis, condesam  
Antes que amanezca el día.»  
— «Bien parece, conde Alarcos,  
Yo ser sola en esta vida,  
Porque tengo el padre viejo,  
Mi madre ya es fallecida,  
Y mataron á mi hermano

El buen conde Don García,  
Que el rey lo mandó matar  
Por miedo que dél tenía.  
No me pesa de mi muerte,  
Porque yo de morir tenía,  
Mas pésame de mis hijos  
Que pierden mi compañía:  
Hacéme los venir, conde,  
Y verán mi despedida.»

— «Nos los veréis, mas, condesa,  
En días de vuestra vida:  
Abrazad ese chiquito  
Que aqueste es el que os perdía.  
Pésame de vos, condesa,  
Cuanto pesar me podía.  
No os puedo valer, señora,  
Que más me va que la vida;  
Encomendaos á Dios  
Qu'esto de hacerse tenía.»

— «Dejeisme decir, buen conde,  
Una oración que sabía.»

— «Decidla presto, condesa,  
Antes que amanezca el día.

— «Presto la habré dicho, conde,  
No estaré un Ave María.»

Afinojóse en la tierra  
Y esta oración decía:

«En las tus manos, Señor,  
Encomiendo el alma mía:  
No me juzgues mis pecados  
Según que yo merecía,  
Mas según tu gran piedad  
Y la tu gracia infinita.»

— «Acabada es ya, buen conde,  
La oración que yo sabía;  
Encomiéndooos esos hijos  
Que entre vos y mi había;  
Y rogad á Dios por mí  
Mientras tuiésesdes vida,  
Que á ello sois obligado,

Pues que sin culpa moría.  
Dédesme acá ese hijo,  
Mamará por despedida.»  
— «No lo despertéis, condesa,  
Dejaldo estar que dormía,  
Sino que os pido perdón  
Porque ya llegaba el día.»  
— «A vos yo perdono al rey,  
Ni á la infanta su hija.  
Sino que queden citados  
Delante la alta justicia,  
Que allá vajyan á juicio  
Dentro de los treinta días.»  
Estas palabras diciendo,  
El conde se apercibía:  
Echóle por la garganta  
Una toca que tenía,  
Apretó con las dos manos  
Con la fuerza que podía,  
No le aflojó la garganta  
Mientras que vida tenía.  
Cuando ya la vida el conde  
Traspasada y fallecida,  
Desnudóle los vestidos  
Y las ropas que tenía,  
Echóla encima la cama,  
Cubrióla como solía,  
Desnudóse á su costado  
Obra de un Ave María;  
Levantóse dando voces  
Á la gente que tenía:  
— «Socorro, mis escuderos,  
Que la condesa se fina.»  
Hallan la condesa muerta  
Los que á socorrer venían.  
Así murió la condesa,  
Sin razón y sin justicia;  
Mas también todos murieron  
Dentro de los treinta días.  
Los doce días pasados

La infanta ya se moría,  
El rey á los veinte y cinco,  
El conde al treinteno día.  
Allá fueron á dar cuenta  
Á la justicia divina:  
Acá nos dé Dios su gracia  
Y allá la gloria cumplida (1)

---

(1) Ochoa, *Tesoro de Romanceros*, pág. 26.

## TRADUÇÃO INGLESA

Alone, as was her wont, she sate, within her coger alone,  
Alone and very desolate, Solisa made her moan,  
Lamenting for the flower of life, that it should pass Hawai,  
And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Tus said the sad Infanta: — «I Hill not hide my grief,  
I'll tell my father of my wrong, and he Hill yield relief:  
The king, when he beheld her near: — «Alas! my child» said he,  
«What jeans this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.»

— «Good king», she said, «my mother was buried long ago,  
She left me to thy keeping, none else my grief should know;  
I fain World have a husband, 'tis time thai I should wed;  
Forgive the words I utter, with wide shame they're said.»

It was thus the king made answer: — «This fault is none of  
[mine,  
You to the prince of Hungary your ear would not incline,  
Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if  
[you can,  
Except the count Alarcos, and he is a married man.»

— «Ask count Alarcos if of yore his Word he did not plight  
To be my husband evermore, and love me day and night;  
If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.  
Alas! I've lost a loyal spouse for a false lover's sake.»

The good king sate confounded in silence for some space,  
At lenght he made his answer, with very troubled face:  
— «It was not tus your mother gave counsel you should do;  
You've done much wrong, my daughter; we're shamed, both  
[I and you.

«If it be trae that you have said, our honour's lost and gone;  
And while the countess is in life, remeed for us is none:  
Though justice were upon our side, ill-talkers World not spare.  
Speak, daughter, for your mother's dead, whose counsel eased  
[my care.»

— «How can I give you counsel? — but little wit have I;  
But certes count Alarcos may make his countess die:  
Let it be noised that sickness cut short her tender life,  
And then let count Alarcos come and ask me for his wife.  
What passed between us long ago, of that be nothing said;  
Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.»  
The count was standing with his friends — thus in the midst

[he spake!

— «What fools be men! — what boots our pain for comely  
[woman's sake;  
I loved a fair one long ago; — though I am a married man,  
Sad memory I can ne'er forego, how life and love began.»

While yet the count was speaking, the good king came full  
[there;

He made his salutation with very courteous cheer.

— «Come hither, count Alarcos, and dine with me this day:  
For I have something secret, I in your ear must say.»

The king came from the chapel, when he had heard the mass;  
With him the count Alarcos did to his chamber pass;  
Full nobly were they served there, by pages many a one;  
When all were gone, and they alone, 't was thus the king begun.

— «What news be there, Alarcos, that yu your word did plight,  
To be a husband to my child, and love her day and night?  
If more between you there did pass, yourself may know the  
[truth.

But shamed is my grey head — alas! — and scorned Solisa's  
youth.

«I have a heavy word to speak, — a lady fair do the lie  
Within my daughter's rightful place, and certe! she must die.  
Let it be noised that sickness cut short her tender life;  
Then come and woo my daughter, and she that be your wife.  
What passed between you long ago, of that be noting said,  
Thus none shall my dishonour know — in honour you shall  
[wed.»

Thus spake the count Alarcos. — «The truth I'll not deny,  
I to the infanta gave my word, and broke it shamefully:  
I feared my king would never consent to give me his fair  
[daughter;  
But oh! spare her that's innocent — avoid that sinful  
[slaughter.»

— «She dies! she dies! «the king replies;— «from thine own  
[sin it springs;  
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of  
[kings,  
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the  
[deed.  
Else thou on shameful block must bend: thereof is no remeed.»

— «Good king, my hand thou may'st command, else treason  
[blots my name!  
I'll take the life of my dear wife — (God! mine be not the blame).  
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!  
Good king in sorrow I depart.» — «May God your errand speed!»

In sorrow he departed, dejectedly he rode  
The weary journey from palace unto his own abode;  
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;  
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,  
For though it had three nurses, it liked her milk the best;  
The others were young children, that had but little wit,  
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit.

— «Alas!» he said, when he had come within a little space.  
«How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?  
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,  
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!»

Just then he saw her at the door with all her babes appear,  
(The little page had run before to tell his lord was near):  
— «Now welcome home, my lord, my life! — Alas! you droop  
[your head:



Tell, count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so  
[red?»

— «I'll tell you all, I'll tell you all: it is not yet the hour;  
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.»  
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:  
He sate beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side qere led (he loved to have them so),  
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:  
— «I fain would sleep... I fain woul sleep», the count ALarcos said.  
Alas! be sure, that sleep was none that night within their bed.

They came together to the bower where they were used to rest.  
None with them but the little babe that was upon the breast:  
The count had barred the chamber doors — They ne'er were  
[barred till then:  
— «Unhappy lady», he began, «and I most lost of men!»

— «Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!  
Unhappy never can she be that is Alarcos wife.»  
— «Alas unhappy lady, 't is but little that you kow,  
For in that very word you've said, is gathered all your woe.

«Long since I loved a lady, — long since I oaths did plight,  
To be that lady's husband, to love her day and night:  
Her father is our lord the king, to him the thing is known,  
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

«Alas! my love!... alas! my life!... the right is on their side;  
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;  
But, oh! that I should speak the word! since in her place you lie,  
It is the bidding or our lord, that you this night must die.»

— «Are these the wages of mylove, so lowly and so leal?  
Oh, kill me not, thou noble count, when at thy foot I kneel!  
But send me to my father's house, wher once I dwelt in glee.  
There will I live alone chaste life, and rear my children three!»

— «It may not be; mine oath is strong; ere dawn of day you die!

— «Oh well 'tis seen how all alone upon the earth am I;  
My father is an old frail man, my mother's in her grave,  
And dead is stout Don Garci... Alas! my brother brave!

«Twas at this coward king's command they slew my brother dear,  
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,  
But loath am I to depart, and leave my children so.  
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.»

— «Kiss him that lies upo thy breast; the rest thou myst not see.»  
— «I fain would say an Avé.» — «Then say it speedily.»  
She knelt her down upon her knee: — «Oh, Lord! behold my case;  
Judge not my deeds, but look on me in pity and great grace.»

When she had made her orison, up from her knees she rose;  
— «Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;  
And now give me my boy once more upon my breast to hold,  
That he may drink one farewell drink, before my breast be cold.»

— «Why would you waken the poor child? you see he is asleep;  
Prepare, dear wife; ther is no time, the dawn begins to peep.»  
— «Now hear me, count Alarcos! I give thee pardon free;  
I pardon thee for the love's sake wherewith I've loved thee.

«But they have not my pardon, the king and his proud daughter!  
The curse of God be on them, for this unchristian slaughter!  
I charge them with my dying breath, ere thirty days be gone,  
To meet me in the realm of death, and God's awful throne!»

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong,  
Until she lay quite stiff and cold her cramber floor along;  
He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,  
To God took heed of her offence, his vengeance stayed not long.

Within twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away;  
The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;  
Alarcos followed ere the moon had made her round complete:  
Three guilty spirits stood right soon before God's judgment-seat (1)

---

(1) Lockhart, *Ancient Span. Ballads*.

V

O Conde de Alemanha

O romance-xácara do *Conde de Alemanha* tem um pensamento belo e mora; e o estilo daquela simplicidade sublime e verdadeiramente antiga que é o selo das composições originais e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porém ainda ingénuo, não faz mais do que reflectir a natureza, mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha — uma infanta, pois quase todos estes contos de «era uma vez há muito» são de infantas e princesas — uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a «criminal conversação» de sua mãe com um cavaleiro mancebo e estrangeiro, um certo «conde da Alemanha» — *Alamanha*, ou também *Aramenha*, como em algumas partes diz a lição do povo. El-rei anda à caça, segundo é de uso usado nestes reinos antigos — ao menos ocupavam-se nisso! — e a filha protesta dizer-lhe tudo em que ele chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer calar. Chega o pai, a infanta vai resoluta a ele... Horroroso espetáculo! A tremenda acusação de adultério proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripécia é grande e sublime...A filha acusa o sedutor, mas salva a mãe; acusa-o de um grande atentado que lhe deve custar a vida, mas outro,, mas diferente: o de lhe lançar mãos violentas, o de atentar contra a honra dela infanta!

A falsa querela leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pai desagradada sem se revelar a infâmia da mãe.

É visível que este romance foi composto para celebrar um facto real e histórico, alguma dessas negras e sanguinolentas tragédias, que tão frequentes se representavam nas escuras câmaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça usava entender esses crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou o jogral em sua ronda de terra em terra, de torre em torre, ia repetir, longe numa, o que muito longe dali tinha ouvido noutra: — ecos vagos e confusos da história verdadeira que nem ele saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monótono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme daquela triste melopeia que ainda hoje dura na memória dos povos, donde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros desta e de iguais tradições.

Facto conhecido na história de Portugal ou de outra parte de Espanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portuguesa, — isto é, que originalmente fosse composto

no dialecto português, ou legio-lusitano, porque ainda agora há mais simplicidade e mais natural na «edição» (também mais completa) que dele nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na lição escrita e impressa em que o conservaram os colectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no ano em que isto se escreve, 1841, é esta uma das xácaras mais válidas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as províncias, até das de além-mar, obtive cópias dela; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros «rifacimentos» modernos, adições e «melhoramentos» de algum presumido cantor da aldeia que pretendeu corrigir estas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belém, e aperfeiçoaram o frontispício da Conceição Velha.

Colacionando umas cópias com outras e com a lição castelhana segundo Depping e Augustin Duran, apurei o que me parece o texto mais legítimo e verosímil.

Juntei no fim alguma variante mais notável e que aparecia mais repetida, e também a versão castelhana.

## O CONDE DE ALEMANHA

Já lá vem o sol na serra <sup>(1)</sup>,  
Já lá vem o claro dia,  
E inda o conde d'Alemanha  
Com a rainha dormia.  
Não o sabe homem nascido  
De quantos na corte havia;  
Só o sabia a infanta <sup>(2)</sup>,  
A infanta sua filha.  
— «Não nas chegue eu a romper <sup>(3)</sup>  
Mangas da minha camisa,  
Se em vindo meu pai da caça  
Eu logo lho não diria.»  
— «Cal'-te, cal'-te, la infanta,  
Não digas tal minha filha,  
Que o conde d'Alemanha  
De oiro te vestiria.»  
— «Não quero vestidos d'oiro <sup>(4)</sup>  
Mau fogo em quem nos vestira!  
Padrasto com meu pai vivo,  
Nunca o eu consentiria. »

Palavras não eram ditas,  
El-rei que à porta batia.  
— «Deus venha c'o senhor pai  
E o traga na sua guia!  
Tenho para lhe contar  
Um conto de maravilha.

---

<sup>(1)</sup> Já o sol dá na vidraça — *Ribatejo*.

<sup>(2)</sup> Sabia-o dona Silvana — *Minho*.

Sabia-o dona Bernarda — *Beira Alta*.

<sup>(3)</sup> Mangas da minha camisa,  
Não nas chegue eu a romper,  
Se em vindo meu pai da missa  
Logo lho não for dizer.—*Minho*.

<sup>(4)</sup> Não quero vestidos de oiro,  
Pois os tenho de damasco:  
Inda tenho meu pai vivo,  
Já me querem dar padrasto. — *Ribatejo, Trás-os-Montes, Beira Alta*.

Estando eu no meu tear <sup>(1)</sup>  
Seda amarela tecia,  
Veio o conde d'Alemanha  
Três fios dela me tira...»

— «Cal'-te daí, minha filha,  
Ninguém te oiça dizer tal:  
Que o conde d'Alemanha  
É menino, quer brincar.»  
— «Arrengo dos seus brincos <sup>(2)</sup>  
Mais do seu negro folgar!  
Que me tomou nos seu braços,  
À cama me quis levar.»  
— «Cala-te já, minha filha,  
Ninguém te oiça mais falar;  
Que em antes que o sol se ponha  
Vai o conde a degolar.»

Veis-lo conde d'Alemanha,  
Veis-lo vai a degolar;  
Ao rabo do seu cavalo  
Lá o levam a arrastar.  
— «Venha cá, senhora mãe <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Estando eu no meu tear  
Tecendo seda amarela,  
Veio o conde d'Alemanha  
Três fios me tirou dela. — *Porto, e Outras.*

<sup>(2)</sup> Arrengo de tal conde — *Beira Baixa.*

<sup>(3)</sup> Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os engenhos da aldeia se comprazeram mais a parafrasear e a fazer tema de seus floriados a variações, modernizando-a sem obedecer à rima certa do romance e quando ao menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permitem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou três vezes em todo o decurso do mais extenso deles.

Ponho aqui uma amostra desta, que não são variantes nas variações modernas.

Venha cá senhora mãe,  
Para a janela do meio,  
Ver o conde d'Alemanha  
Enfeitado de vermelho.  
Venha cá, senhora mãe,  
Venha à janela do canto,  
Venha ver o senhor conde  
Como lhe parece o branco.  
Venha ver, ó minha mãe,  
À janelinha do poço,  
Venha ver o senhor conde  
Com uma corda no pescoço.

Veja um conde tão formoso  
Que aí vai a degolar.»  
— «Mal haja, filha, o meu leite,  
Mais quem to deu de mamar,  
Que a um conde tão bonito  
A morte foste causar.»  
— «Cal'-se daí, minha mãe,  
Ninguém lhe oiça dizer tal,  
Que a morte que o conde leva  
Não lha faça eu levar <sup>(1)</sup>.»

---

<sup>(1)</sup> Algumas cópias, especialmente as da Beira Alta e Ribatejo, trazem no fim uma espécie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Resende chamaria «cabo» ou «fim»: (vej. *Canc. de Res.*) remate que, todavia, se encontra quase pelas mesmas palavras em muitas outras xácaras e romances.

Numa campa raza e triste  
Já o deixam enterrado;  
Puseram-lhe à cabeceira  
Um letreiro bem lavrado  
Para quem passar que diga:  
— «Aqui jaz o malfadado,  
Que morreu de mal d'amores,  
Que é mal desesperado.»



## LIÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna  
Como el sol á medio día,  
Quando el buen conde Alemán  
Con esa dama yacía.  
No lo sabe hombre nascido  
De cuantos en corte había,  
Sino solo la condesa,  
Esa condesa su hija.  
Así la dueña la hablára,  
De esta manera decía:  
— «Cuanto viéredes, condesa,  
Cuanto viéredes encobridlo,  
Daros ha el conde Alemán  
Un manto de oro fino.»  
— «Mal fuego la queme, madre,  
El manto de oro fino,  
Quando en vida de mi padre  
Tuviese padrasto vivo.»  
De allí se fuere llorando.  
Al conde su padre ha visto.  
— «Porqué lloráis, la condesa?  
Decid ¿quién llorar os hizo?  
— «Yo me estaba aquí comiendo,  
Comiendo sopas en vino,  
Entró el conde Alemán  
Y echólas por el vestido.»  
— «Calléis, mi hija, calléis,  
No tomeis deso pesar,  
Que el conde es niño y muchacho,  
Hacerlo ha por burlar.»  
— «Quando me tomó en sus brazos  
Y con vos quizo holgar  
En antes que el sol saliese  
Yo lo mandaré matar <sup>(1)</sup>.»

---

<sup>(1)</sup> *Romancero*, de D. Aug. Durán, tom IV, pág.1. Ochoa, *Tesoro*, pág.9.

VI

Dom Aleixo

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recendo. Todo ele respira a graça desafeitada da poesia primitiva. E todavia, é fino, elegante, cheira a um salão da castelo da meia-idade, aos perfumes do «boudoir» de uma nobre donzela do tempo da «Madre Silva» ou da «Ala dos namorados». Se o cantaria o condestabre à sua dama? Ou o Magriço àquelas misses de olhos azuis que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que estas coisas eram já mais moda então do que as envezadas trovas trovadas de el-rei Dom Dinis e de seus donzéis e discipulos, pois temos nos cronistas a autoridade de Nuno Álvares Pereira, que era o grande modelo de seu tempo, e preferia os romances de el-rei Artur e de sua Távola, a todas as pieguices alambicadas da escola provençal.

Não quero dizer que seja «Dom Aleixo» tão antigo como a Amadis em sua linguagem e composição. Digo que a história e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Loberia pode ser mais velho um século ou dois; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do ano varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante pode imaginar-se estar no mesmo dia, na Primavera e no Inverno, no Estio e no Outono, segundo sobe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim floresce em Janeiro a planta que está no abrigo exposta ao sol, livre da geada; em quanto sua igual e sua irmã gela sem flor nem folha ao desabrido sopro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor daquela; mas quando estoutra rebentear aos bafejos da Primavera natural, o seu viço e perfume hão-de ser mais vivos e de mais força.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e letrado produzirá odes e sonetos que pareçam dois séculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporâneo. Naqueles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as letras o ano de sua composição: a originalidade destes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varia com os séculos.

Não vemos nós também a gente dos campos em muitas províncias da Europa trajar ainda hoje as modas de há seis ou setecentos anos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo estas considerações, porque elas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se afira.

*Dom Aleixo* é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos lições provinciais pude obter; só uns fragmentos da Beira Alta e outros de Lisboa. Se não fora a cópia do cavalheiro de Oliveira — de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que às tradições orais do povo — tinha-me sido impossível restituí-lo. Ainda assim, algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituídas. Tais são na copla que diz:

Ou se és alma que anda em penas,  
*Te farei encomendar.*

A tradição oral de Lisboa diz:

Eu por ti menos daria;

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te encomendaria;

sendo ali a rima em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, posto que remate bem trágicamente. De três irmãs que viviam juntas, a mais pequena era tão amiga de saltar e folgar, que uma noite se vestiu de pajem, e passeando, rua abaixo, rua acima das três irmãs que ali moravam, e que tão parecidas eram, tão de *igualar*, que ela dizia, em desprendido estilo leonino — e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

Das três irmãs que aqui moram,  
A qual hei-de eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado dela, sentado no poial ao pé da porta, e disfarçado em ermitão, via com despeito as fanfarronices daquele atrevido pajem que não reconheceu, e lhe quis meter medo com uma suposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama-pajem tinha ânimos de cavaleiro, afrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vai a deitar os

braços, ela o fere mortalmente com um punhal. É singela a história, mas verosímil e interessante, como são todas estas que os nossos menestrais cantavam.

Não aparece vestígio algum deste romance nas colecções castelhanas.

## DOM ALEIXO

Nós éramos três irmãs <sup>(1)</sup>,  
Todas três de um igualhar;  
Uma ensinava à outra  
A coser e a bordar:  
A mais pequena de todas  
Se foi, por noite, a folgar <sup>(2)</sup>  
Com duas tochas acesas  
À porta do laranjal <sup>(3)</sup>.  
Vestiu vestido de pajem,  
Que lhe ficava a matar,  
Seu punhal de oiro na cinta,  
Seu burzeguim de alamar.  
Foi-se pela rua abaixo,  
Tornou acima a voltar:  
— «Das três irmãs que aqui moram,  
A qual hei-de eu namorar?»  
Nós de dentro do balcão,  
A rimos de seu brincar <sup>(4)</sup>.  
As tochas tinha apagado,  
Vinha saindo o luar,  
Passando junto da porta,  
Que os olhos foi a baixar,  
Viu estar um ermitão  
Assentado no poial.  
— «Que fazeis aqui, meu padre,  
Que fazeis neste lugar?»  
O ermitão, sem responder,  
Começou-se a levantar...  
Tão alto em demasia,  
Alto, alto de pasmar <sup>(5)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> É visível o erro e corrupção das lições que, faltando à rima obrigada, lêem, como nesta:

Nós éramos três irmãs  
Todas três de um parecer;  
Uma ensinava à outra  
A bordar e a coser. — *Beira Alta*.

<sup>(2)</sup> Andava pelo pomar — *Lisboa*.

<sup>(3)</sup> Ao redor do laranjal — *Beira Alta*.

<sup>(4)</sup> Folgar — *Beira Alta*.

<sup>(5)</sup> Que era coisa de pasmar — *Lisboa*.

— «Se tu és a coisa má,  
Eu te quero esconjurar,  
Ou se és alma que anda em penas,  
Te farei encomendar <sup>(1)</sup>.

— «Eu não sou a coisa má  
Que tenhas de esconjurar;  
Também não sou alma em penas  
Para tu encomendar:  
Sou a alma de Dom Aleixo,  
Que aviso de venho dar <sup>(2)</sup>:  
Sete te estão esperando  
Na esquina, àquele portal,  
E juram por Deus sagrado  
Que a vida te hão-de tirar.»

— «Pois eu por esse lhe juro <sup>(3)</sup>,  
E pela Virgem Maria,  
Que outros sete que eles foram,  
Eu atrás não tornaria.  
Oh lá, oh lá, cavaleiros,  
Não levem de covardia,  
Puxem por suas espadas,  
Que eu puxarei pela minha.  
O que não trouxer espada,  
Eu esta lhe emprestaria,  
Que eu cá com meu punhal de oiro  
Defenderei minha vida.»

Palavras não eram ditas,  
O ermitão se descobria,  
Foi a tomá-la nos braços  
Com sobeja demasia...  
Ela com seu punhal de oiro,  
Que na cintura trazia,  
Tal golpe lhe deu nos peitos,  
Que ali por morto caía.  
— «Quem te matou, Dom Aleixo,

---

<sup>(1)</sup> Farei encomendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.

<sup>(2)</sup> Que te venho avisar — *Lisboa*.

<sup>(3)</sup> Pois pelo mesmo lhe juro — *Beira Alta*.

Quem te matou, minha vida?»  
— «Mataste-me tu, senhora,  
Que outro ninguém não podia.»  
Ergue-te, Dona Maria,  
Bem calçada e mal vestida,  
Agora, por mais que chores  
Tua alma fica perdida (<sup>1</sup>).

---

(<sup>1</sup>) Esta última copla, que em todas as lições aparece, pertencerá com efeito ao romance? Ou será fragmento de outro que se lhe coseu pela ignorância do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-se à segunda destas opiniões; mas conservei a copla no texto por não encontrar uma só lição em que ela não venha. Certo é porém que as lições aqui são todas fragmentos.



VII

Silvaninha

A rudeza da linguagem, a descompostura do estilo, e a nudez, posto que inocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da *Silvaninha* por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo imemorial, na nossa Península. Não dei com ele em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano; mas não há província de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi, quando, pela primeira vez, o publiquei em 1828, como fundamento e ilustração da *Adosinda* <sup>(1)</sup>, tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zelo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava uma criada velha da província do Minho, há muito ano aqui residente. Vai agora melhor restituído o texto com o auxílio de outras cópias que me mandaram da Beira e do Ribatejo.

O assunto deste romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas idades das nações. O coração áspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam desses violentos estímulos para vibrar— diz Sir Walter Scott <sup>(2)</sup> —o espírito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tão asquerosos meios de excitar interesse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar nela a mão quando me ensaiava a «traduzir» para a língua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestígios dos nossos obscuros énios da meia-idade porque me irritavam essas mesmas dificuldades e me lisonjeava de as vencer. Da *Silvana* nasceu pois a *Adosinda*, e em tão boa hora que de aí data o gosto da poesia popular entre nós: por onde não fui tão infeliz, apesar dos escrúpulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhera, como da tímida urdidura com que a cobri.

Hoje seria affectação ridícula omitir aqui aquele texto em toda a sua crua nudez. Boa é a máxima dos romanos: «Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent». Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memória dos povos, que há-de vir a poluição do espírito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença mãe de todas as doenças morais.

---

<sup>(1)</sup> Veja prefácio e notas do I vol. do *Romanceiro*, segunda edição (da *Adosinda*), Lisboa, 1843.

<sup>(2)</sup> *Minstrelsy of the Scottish Borders*.

Quanto se pode julgar de uma coisa tão desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que esta singela rapsódia popular é anterior ou, se contemporânea, estranha à polida e estudada literatura provençal do século XIII.

Que já no tempo de D. Francisco Manuel de Melo ela era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom documento no seu *Fidalgo aprendiz*, jornada segunda <sup>(1)</sup>:

BRITES

Entoai, por meu prazer,  
Qualquer coisa.

GIL

Sem guitarra?

BRITES

Ei-la; tomai.

GIL

«Passeava-se Silvana  
Por um corredor um dia...»

Brites

Ai senhor! eu não queria  
Senão letra castelhana.

GIL

Cantarei algaravia,  
Se mandais; pois que quereis?

BRITES

---

<sup>(1)</sup> Ed. de Leão de França, pág. 247, 1665.

## Uma letra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideias, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar nestes esboços antigos, tantas vezes pintados e repintados por pincéis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobre tudo empenhados sempre em modernizar, pôr à moda e «fazer bonito» o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O estilo, as palavras, a forma toda exterior de um destes romances parecerá muitas vezes, à primeira vista, de m século, e desse é com verdade, porque nele foi refeito já na sexta ou sétima tradução oral; quando originalmente ele foi composto outros tantos séculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notáveis; tem muitas outras, e infinitas quase, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as províncias. Num curioso exemplar da Beira Alta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o princípio é estoutro, acrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O conde de Vila Flor,  
Com ser o conde maior,  
Com ter já três filhos homens,  
Lindos como o mesmo sol.  
A sua filha Silvana  
De amores a cometia:  
— «Bem puderas tu, Silvana,  
Comigo falar um dia.

No resto difere pouco da lição geral.

A *Adosinda* feita sobre a *Silvana* e em geral a poesia popular portuguesa deram motivo a um interessante artigo que se publicou no n.º XX do *Foreign Quarterly Review* de Londres, Outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não só pelas curiosas observações do escritor inglês, mas pelos tratos da tradução inglesa mais curiosa ainda:

«We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the Senhor

Almeida Garret , whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to *Adosinda* speaks of publishing them, with versinos so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portuguese nature is so essentially poetical, that we are satisfied Lusitanian lispings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

*Adosinda* is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as diluted and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable. Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are <sup>(1)</sup> however, more fastidious; and there are parts of this poem which we could neither translate nor even insinuate comfortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we intimate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowds seek Landim palace  
Where it towers above the river!  
Sounds of war and sounds of mirth  
Through its lofty wall are ringing!  
Shakes the drawbridge, groans the earth  
Under troops in armour bright;  
Steeds, caparisoned for fight;  
Onward tramp: — o'erhead high flinging  
Banners, where the red cross glows,  
Standard-bearers hurry near,—  
Don Sisnando's self is here!  
From his breastplate flashes light;

---

<sup>(1)</sup> Esta vaidade da pruderie inglesa pavoneia-se aqui fora de propósito. Nas coleções de Percy e de W. Scott há coisas tão pouco confortáveis como esta, ou menos talvez. Myrtha e Cannace, não a lêem eles em Ovidio, sem fazer estes tregeiros di hipocritões que são, os nossos aliados?

Plumes that seem of mountain snow  
O'er his dazzling helmet wave;  
«Tis Sisnando, great and brave!»

«Open, open, castle portals!  
Pages, damsels, swiftly move!  
Lo! from Paynim lands returning  
Comes my husband, lord, and love!  
Thus the fond Auzenda cries  
Tow'rds the portal as she flies.  
Gates are opened, shouts ring round;  
And the ancient castle's echo  
Wakens to the festive sound;  
«Welcome! welcome, Don Sisnando!»

\* \* \* \* \*

Weeps her joy Auzenda meek,  
Streams of rapture sweetly flow;  
Down the never-changing cheek  
Of the warrior stout and stern,  
Steals a tear-drop all unheeded—  
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair  
Trembling stands with downcast air.  
Like some modest star she seems,  
In the hot and vivid beams  
Of the sun, uprising as ever  
But pale, dim, bereft of light.  
Three long years had Don Sisnando  
Fought against the Moorish crew;  
And unknown in this fair dame  
Now his daughter met his view—  
«See her here!» the mother cries,  
Blazes in the father's eyes  
Fixed upon his lovely daughter;  
Wonder with delight combining;  
Long he stands in rapture mute.

Adosinda sighs and blushes,  
Whispers «Father»! tremblingly,  
Bends in languid guise her knee,  
And on the paternal hand  
Breathes with icy lips a kiss.  
Whilst of tears a torrent gushes,  
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own daughter. Adosinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she, as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto. Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promising to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud shuts up Adosinda, without clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude: —

And the father is alone.  
He alone? With him remain  
They that ne'er desert their own:—  
Sin, remorse and gnawing pain  
\* \* \* \* \*

Dawns at length th' appointed day;  
Adosinda's years of doom,  
Years and day, at eve expire.  
Scorched I' th' sun's meridian ray.  
Seems the solid earth on fire.  
From yon prison's sullen womb  
Hark! what accents force their way?  
Accents seven long years unheard.  
'Tis a voice that asks compassion; —  
Hearken to each piteous word —  
«Give, Oh give a draught of water!  
One sole draught for mercy's sake  
Here unsheltered I am burning

And my very heart will break.»

That was Adosinda fair,  
All her accents recognize;  
To her prison throngs repairs,  
On the loop-hole fix their eyes,  
And «she lives! she lives!» they shout,  
«Lives the innocent oppressed!»  
Then amidst the wond'ring rout  
Stories of her patience spread;  
All the virtues are confessed,  
Of the Angel mourned as read. —  
Hark! again those sounds are heard!  
Hark! again each piteous word  
Seems the prison walls to shake.  
«Give Oh give a draught of water!  
One sole draught for mercy's sake;  
Here unsheltered I am burning  
And my very heart will break.»

Every breast was moved to grief,  
But her father who might brave?  
Weeping they this answer gave —  
«Angel, yet a while endure,  
Swift deliverance is sure,  
He, thy Sire, must bring relief.  
Now the seven long years are gone,  
And the day is well nigh done;  
Yet an hour 'gainst death contend,  
Then thy sufferings must end.»

Adosinda answers that she cannot hold out another hour. She tells she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the three days, and she can endure no more. She concludes by again repeating her stanza of supplication. The tidings reach Don Sisnando; —

And within his stony breast  
Cruelty has died away,



Dawns of pity a faint ray:  
From his parched, sepulchral eyes,  
Terror, that on all impressed,  
By the hand that will chastise  
Touched, burst tears of human anguish.

\* \* \* \* \*

To the tow'r he rushes, shouting  
«Water! quick, bring water here!  
Hasten, hasten all to aid  
Th'innocent ill-fated maid,  
Murdered by her father's hands!»  
Shouting thus he hurries near;  
And beneath the prison stands,  
Where sad Adosinda moans,  
« Daughter! yet! 'tis time — Oh live!  
Daughter, daughter, Oh! forgive  
This vile murd'rer!» — Passion's force  
Chokes his accents, chokes his groans;  
Voice, strength, breath, have sudden failed him —  
On the earth he lies a corse.

These events raise Ausenda from what was thought her deathbed. She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released. But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adosinda arrives. At his word the tower opens. — Adosinda is dead — and dead he leaves her. But Don Sisnando he recalls to life, that the sinner way, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour  
Underneath that ruin'd tow'r,  
Through th' adjoining chapel, sound  
Voices mingling words and groans —  
«Pardon! pardon!» echoes round.—  
Those are Don Sisnando's tones.»

## SILVANINHA

Passeava-se a Silvana  
Pelo corredor acima <sup>(1)</sup>;  
Viola de oiro levava,  
Oh! que tão bem a tangia!  
E se ela bem a tangia,  
Melhor romance fazia.  
A cada passo que dava,  
Seu padre a cometia:  
— «Atreves-te tu, Silvana,  
Uma noite a seres minha?»  
— «Fora uma, fora duas,  
Fora meu pai, cada dia;  
Ma' las penas do inferno  
Quem por mim las penaria?»  
— «Pená-las-ei eu Silvana,  
Que las peno cada dia.»

Foi-se dali a Silvana,  
Mui agradecida que ia;  
Foi-se encontrar com sua madre  
Lá no adro da ermida <sup>(2)</sup>:  
— «Que tens tu, minha Silvana,  
Que tens tu, ó minha filha minha?»  
— «Oh! quem tal pai não tivera,  
Quem não fora sua filha!  
Que me acomete de amores,  
Ó minha mãe, cada dia.»  
— «Vai, filha, vai para casa,  
Veste uma alva camisa,  
Que o cabeção seja de oiro, <sup>(3)</sup>,  
As mangas de prata fina:  
Deitar-te-ás no meu leito,  
Eu no teu me deitaria...  
E há-de valer-nos a Virgem,

---

<sup>(1)</sup> Por seu corredor acima — *Minho*.

<sup>(2)</sup> Entre a sala, e a cozinha — *Minho, Estremadura*.

<sup>(3)</sup> As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegâncias do luxo da idade-média em que nada se dava aos cômodos e tudo à ostentação.

A Virgem Santa Maria.»  
Lá junto da meia noite  
Seu padre que a acometia...  
— «Se eu soubera, Silvana,  
Que estavas tão corrompida,  
Oh! las penas do inferno  
Por ti las não penaria...»  
— «Esta não é a Silvana,  
É a mãe que a paria;  
Também pariu Dom Alardos,  
Senhor da cavalaria,  
Também pariu a Dom Pedro,  
Príncipe da infantaria <sup>(1)</sup>,  
Também pariu a Silvana  
Que seu pai acometia <sup>(2)</sup>.»  
— «Oh! mal haja que haja a filha  
Que eu padre descobria!»  
— «Oh! mal haja que haja o padre  
Que sua filha cometia!»  
Manda-a meter numa torre  
Que nem sol nem lua via;  
Dão-lhe a comida por onça  
E a água por medida.  
Ao cabo de sete anos  
Veis a torre que se abria...

Assomou-se a Silvana  
A uma ventana mui alta,  
Foi-se encontrar com sua madre  
Lavrando numa almofada <sup>(3)</sup>:  
— «Estejais embora, madre,  
O madre já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'água;  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranca a alma.»  
— Dera-t'a eu, filha, minha,

---

<sup>(1)</sup> Príncipe, na significação do chefe, é comum na linguagem dos séculos XI, XII e XIII.

<sup>(2)</sup> Que de ti foi cometida — *Beira Baixa*.

<sup>(3)</sup> Cosendo numa almofada — *Estremadura*.

Se a tivera salgada,  
Que há sete para oito anos  
Que por ti sou mal casada.  
Se teu padre tem jurado  
Pela cruz de sua espada,  
Quem primeiro te desse água  
Tinha a cabeça cortada!»  
Assomou-se a Silvana  
A outra ventana mais alta,  
Foi-se encontrar c'os irmãos  
Que estavam jogando as canas:  
— «Estejais embora, irmãos,  
Meus irmãos já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'água,  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranca a alma!»  
— « Dera-t'a eu irmã minha,  
Se a tivera empeçonhada <sup>(1)</sup>:  
Que nosso pai tem jurado  
Pela cruz da sua espada <sup>(2)</sup>  
Quem primeiro te desse água  
Tinha a cabeça cortada.»  
Assomou-se a Silvana  
A outra ventana mais alta,  
Foi-se encontrar com seu padre  
A jogar a embocada:  
— «Estejais embora, padre,  
Padre meu já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'água,  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranca a alma...  
E de hoje por diante  
Serei vossa namorada.  
— «Alevantem-se, meus pajens <sup>(3)</sup>,  
Criados da minha casa,

---

<sup>(1)</sup> Se a tivera salgada — *Lisboa*.

<sup>(2)</sup> Pelos cunhos da espada — *Alentejo*.

<sup>(3)</sup> Alevantem-se, meus moços — *Minho*.

Uns venham com jarros de oiro,  
Outros com jarros de prata:  
O primeiro que chegar  
Tem a comenda ganhada,  
O segundo que chegar  
Tem a cabeça cortada.»  
Os criados que chegavam,  
Silvaninha que finava  
Nos braços da Virgem Santa,  
Dos anjos amortalhada <sup>(1)</sup>!  
Vai-te embora, Silvaninha,  
Silvaninha da minha alma:  
Tua alma vai para o céu.  
A minha fica culpada.

---

<sup>(1)</sup> Dos anjos acompanhada — *Ribatejo*.

VIII

Bernal Francès

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rapsódia de poesia popular que leva este título, ela tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas línguas, já no próprio fragmento, já na reconstrução ou imitação dele que ao mesmo tempo dei à luz.

Últimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson<sup>(1)</sup>, uma nova tradução inglesa, diferente e mais acabada do que essoutra que dei no primeiro volume do *Romanceiro*<sup>(2)</sup>; de Espanha chegou também há pouco uma bela e elegante versão em castelhano.

Juntarei aqui uma e outra para satisfação do público português, e em demonstração também dum grande e importante teorema que ainda me parece não ser tão geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estreme e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos próprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo literário. O que não tem cor nacional, o que pode ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra literária, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes estas relíquias. Eu creio nelas como coisa histórica. E tenho mais fé nesses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorância, do que nesses outros que deixou escritos a sapiência dos letrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do *Bernal Francês*, segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais belos e seguramente mais antigos romances da nossa Península. Não aparece, como já noutra parte disse<sup>(3)</sup>, em nenhum dos romanceiros castelhanos, nem na vasta colecção de Ochoa; e denota todo ele mais antiguidade que os mais antigos que naqueles códices se chamam. Os neologismos da dicção devem-se às causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variável e pouco seguro cofre da memória popular em que têm andado guardadas estas relíquias, sem mais autêntica do que essa mesma recordação imemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para esta?

---

<sup>(1)</sup> Na *Lusitania Illustrata*, part. II, Newcastle upon Time, 1846, se publicou esta nova tradução.

<sup>(2)</sup> *Romanceiro Geral*, I, Lisboa, 1843.

<sup>(3)</sup> Tom. I do *Romanceiro*, pág. 121.

Além de não andar nas colecções da nação vizinha e irmã, nenhum vestígio de idiotismo seu, nenhum ressaibo castelhano se nota nesta composição toda portuguesa. As agudezas e artificio dos trovadores da corte de D. Dinis e de Afonso III também aqui são estranhas: é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre esta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a Adosinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fora copiado da lição vulgar da Estremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscritos do cavaleiro de Oliveira, foi aperfeiçoada ainda pela colação com as diversas cópias das províncias do Norte, especialmente, da Beira Baixa, que são, em meu entender, as mais seguras, segundo já observei também<sup>(1)</sup>.

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma teoria da classificação que tenho procurado estabelecer às apalpadelas. Acham-se, é verdade, estas variadas designações: «romance ou rimance, xácara, solau», que parecem indicar espécies; e ainda as que parecem ser mais genéricas, de «trova, cantiga, cantar, canção»: mas o que elas sempre designam ou quiseram designar não é fácil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuida que são as denominações de «loa, barca, tenção, chacota»; e também estas não estão bem apuradas em suas distinções características. Umas eram talvez determinadas pela forma exterior métrica, outras pelo estilo ou tom, outras pelo objecto e assunto, outras finalmente pelo uso, pela solenidade a que eram consagradas, pela ocasião para que eram compostas.

Já disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto épico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lírico. Os romances pastoris, os satíricos, os facetos, os eróticos, os mesmos mouriscos do século XVII, são já aberracções visíveis, ou, pelo menos, novas espécies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A xácara é toda dramática: o poeta fala pouco ou nada, não narra ele, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas estas duas espécies, se o são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o «romance-xácara» em que predomina a narrativa épica sem exclusão do drama; ora a «xácara-romance» em que o diálogo é auxiliado de breves, brevíssimas indicações, quase rubricas

---

<sup>(1)</sup> Veja o vol. cit. I do *Romanceiro*



ou direcções de cena, que faz o poeta a raros intervalos. O povo, em muitas das coisas que recita deste género, diz as falas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restrição a texto positivo, e mais ou menos difusamente segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O «romance» e a «xácara» têm em geral a mesma lei métrica, do consoante ou assoante fixo e do número octossílabo<sup>(1)</sup> dos versos. O chamado romance hendecassílabo dos fins do século XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte dele.

O «solau» será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro? Narrativo é ele também pelo que tão claro nos diz Sá de Miranda. Mas uma coisa não exclui a outra. Eu inclino-me a crer que o solau é um canto épico ornado, em que as efusões líricas acompanham a narrativa de tristes sucessos, mais para gemer e chorar sobre eles, do que para os contar ponto por ponto.

«Cantiga» deve ser a expressão lírica e improvisada de um sentimento.

«Cantar» é talvez o género de todas estas espécies.

A «trova» mais artificial, mais elaborada, «achou-a» o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de estilo; trovar (trouver, trovare) é «achar»; e para achar, procura-se trabalha-se.

«Canção» também é termo genérico, mas inculca mais artifício do que a «cantiga» e o «cantar»: entre nós designa mais estritamente a ode romântica da meia-idade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de estrofes.

«Loa» virá do latim *laus*? pode ser: é um canto de louvor mas por certo modo e regra. A loa «deita-se» ainda hoje nos círios das províncias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das províncias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de génios, de espíritos, mas dramático, dialogado: é um coro hierático que se entoa, que se «deita» do céu para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses Os Thespis do nosso teatro começaram talvez por aqui, antes que Gil Vicente e João de Enciña subsissem ao seu tablado de novos Ésquilos. Na descrição das festas do casamento do príncipe D. Afonso, crónica de D. João II, acho que algum tanto no-lo indicam as expressões de Garcia de Resende; e mais claramente

---

<sup>(1)</sup>Aparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam em «endexas», compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de doze sílabas, segundo outros, em versos de seis sílabas, tomando o hemistíquio por unidade.

ainda o romance de Aires Teles de Meneses – que nesta colecção achará o seu lugar respectivo. Aí diz, descrevendo aquelas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,  
Aa vinda da princesa,  
Fizeram fortes rumores,  
Espanto da natureza;  
«Barcas» e «loas» fizeram,  
e outras «representações»  
Que a todos gran' prazer deram,  
Conforme suas tenções.

A «barca» (alguma coisa da barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada também, e outra vez a vozes e coro, que o mar mandava à terra para tomar parte em seus regozijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reais e os imaginários do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que apropriadamente tomavam neste caso o nome de barcas. Também se acham vestígios de barcas ao «divino», compostas sobre assuntos religiosos. Ao diante juntarei, em seu devido lugar, um documento positivo e mui curioso exemplar desta galante variedade, tão natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

«Tenção» é o «tençon» dos provençais, dístico breve, em metáfora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o símbolo heráldico de uma «empresa», no escudo, na bandeira – já expressando, em mais pacífico ensejo, os sentimentos íntimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem ele se explicar de todo. A «tenção» é originariamente cortesã, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da «chacota», do que ela era pelo menos no século XV e XVI, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o teatro de Gil Vicente, precioso tesouro de coisas populares, o mais rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os próprios cancioneiros, cujos colectores, homens só de corte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortesãos; enquanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palácio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições imemoriaes, os cantares rústicos

mas cheios de alma, tintos na cor fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A «chacota» era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordida nos vícios, e nos ridículos dos homens e dos tempos; uma espécie de «sirvente» menos áspera e severa, nunca séria e grave como ela, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o coro final dos entremeses e das farsas.

A mesma palavra «sirvente» ou «servente», e a designação de versos «sirventesios», não foi estranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a ideia dos provençais. Sabe-se que a «sirvente» do trovador era amarga, satírica; por vezes foi o grito de guerra, o hino revolucionário dos Alcéus da meia-idade contra a tirania real e sacerdotal: a sirvente nossa creio que era toda ascética e religiosa, senão é que mística.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciência de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quase todos estes cálculos fundados em hipóteses vagas. Os nossos filólogos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a literatura popular como indigna de seus clássicos estudos. Faria e Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instinto da sua importância, sacrificaram aos prejuízos do tempo; e, ou por credulidade ou por pouco escrúpulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

## BERNAL FRANCÊS

— «Quem bate à minha porta,  
Quem bate, oh! quem 'stá aí? »  
— «Sou Bernal Francês, senhora;  
Vossa porta, amor, abri.»  
— «Ai! Se é Bernal Francês,  
A porta lhe vou abrir;  
Mas se é outro cavaleiro,  
Bem se pode daí ir.»

Ao saltar de minha cama  
Eu rompi o meu frandil<sup>(1)</sup>  
Ao descer de minha escada  
Me caiu o meu chapim<sup>(2)</sup>,  
Ao abrir a minha porta  
Me apagaram o meu candil...<sup>(3)</sup>  
Pegara-lhe pela mão

E o levei ao meu jardim,  
Fiz-lhe uma cama de rosas,  
Travesseiro de jasmims,  
Lavei-o em água de flores  
E o deitei a par de mim...»

— «Meia noite já é dada  
Sem te voltares p'ra mim;  
Que tens tu, amor querido,  
Que nunca te vi assim?  
Se teme-los meus criados,  
Não virão agora aí;  
Se teme-los meus irmãos,  
Eles não moram aqui;  
Se de meu marido temes,  
Longes terras foi d'aqui,

---

<sup>(1)</sup> Frandil, ainda hoje usado em Trás-os-Montes, significa *fralda* no sentido metonímico antigo, por camisa ou gibão branco de falda.

<sup>(2)</sup> Sapato, chinela

<sup>(3)</sup> Candeia, vela.

Por má traça o matem moiros<sup>(1)</sup>,

E a nova me venha a mim!...»

— «Não temo de teus irmãos  
Que bem sei que são por mim<sup>(2)</sup>,

Não temo dos teus criados

Que mais me querem que a ti;

A teu marido não temo,

E dele nunca temi...

Teme tu, falsa traidora,

Pois o tens a par de ti!»

— «Ai! se tu és meu marido,

Quero-te mais do que a mim...

Oh que sonho, tão mau sonho,

Que eu tive agora aqui!

Ergamo-nos já, marido,

Deixa-me vestir daí.»

— «Cala-te, falsa traidora,

Que não me enganas assim.

Deixa tu vir a manhã,

Que eu é que te hei-de vestir:

Dar-te-ei saia de grana<sup>(3)</sup>

E gibão de cramezim,

Gargantilha de cutelo,

Pois tu o quiseste assim.»

— «Deixa-me ir porqui abaixo<sup>(4)</sup>

Co'a minha capa a cair,

Vou-me ver a minha dama

Se ainda se lembra de mim.»

— «Tua amada, meu senhor,

---

<sup>(1)</sup> Má traça! Moiros o matem.

Novas me venham a mim. – *Ribatejo*.

Más cutiladas o matem – *Beira Alta*.

<sup>(2)</sup> Pois cunhados são de mim – *Alentejo*.

<sup>(3)</sup> Dar-te-ei saia de guarane. – *Estramadura, Beira Alta e Várias*.

Se não é corrupção de «gran» ou «grãa» estofa roupa tinta de gran vermelha, só se derivação do francês antigo «guare» (de duas cores) – o «garanvaz» das nossas antigas leis sumptuárias. Em quase todas as cópias vem «guarane» e não «grana»: de onde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja «guarane».

Eu adoptei grana por ficar mais óbvio o sentido.

<sup>(4)</sup> Deixa-me ir porqui abaixo

Co'a minha capa caída,

Quero ver a minha amada

Se é morta ou se inda é viva. – *Minho, Ribatejo*

É morta, que eu bem a vi:  
Os sinais que ela levava;  
Eu tos digo agora aqui:  
Levava saia de grana <sup>(1)</sup>  
E gibão de cramezim,  
Gargantilha de cutelo,  
Tudo por amor de ti.  
Os sinos que lhe correram  
Por minhas mãos os corri;  
As andas em que a levaram  
Eu de negro lhas cobri;  
Caixão em que a amortalharam  
Era de oiro e marfim;  
Os frades que a acompanhavam  
Não tinham conto nem fim;  
Saíram-lhe sete condes <sup>(2)</sup>  
Cavaleiros mais de mil;  
As donzelas a chorar,  
Os pajens iam a rir.  
Levaram-na a enterrar  
À igreja de San'Gil.»

Palavras não eram ditas,  
Por morto no chão caí;  
Passaram-se horas e horas  
Quando me tornei a mim.  
Fui-me àquela sepultura,  
Queria morrer ali:  
— «Abre-te, ó campá sagrada,  
Esconde-me a par de ti!»  
Do fundo da cova triste  
Ouvi uma voz sair <sup>(3)</sup>:  
— «Vive, vive, cavaleiro,  
Vive tu que eu já morri:  
Os olhos com que te olhava

---

<sup>(1)</sup>Veja nota e variante 6.

<sup>(2)</sup>Foram ao seu saimento ou enterro.

<sup>(3)</sup> Uma triste voz ouvi – *Estremadura*.

De terra já os cobri,  
Boca com que te beijava  
Já não tem sabor em si,  
O cabelo que entrançavas <sup>(1)</sup>  
Jaz caído a par de mim,  
Dos braços que te abraçavam  
As canas vê-las aqui!  
Vive, vive, cavaleiro,  
Vive tu, que eu já vivi:  
A mulher com quem casares  
Chamem-lhe Ana como a mim,  
Quando chamares por ela  
Hás-de-te lembrar de mim.  
Conta-lhe os nossos amores,  
Que aprenda na minha fim <sup>(2)</sup>  
Filhas que dela tiveres  
Ensina-as melhor que a mim,  
Que se não percam por homens,  
Como eu me perdi por ti.»

---

<sup>(1)</sup> As tranças com que folgavas – *Açores*

<sup>(2)</sup> O povo à maneira dos nossos antigos escritores, ainda hoje faz «fim» ora masculino, ora feminino, mas não indiferentemente nem à toa. «Fim» como alvo, objecto, etc., é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para eles.

## TRADUÇÃO INGLESA

Mais para fazer aceito ao comum dos leitores um estudo e um gosto que infalivelmente há-de regenerar a nossa poesia e com ela a nossa língua e literatura toda, revertendo-a à simplicidade bela de sua origem natural, de que tão afastadas andam pela imitação pesada e contrafeita dos estrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim literário, «traduzi» em linguagem e modos menos rudos o *Bernal Francês* pela forma que apareceu na primeira edição de Londres e depois, com pouca diferença, na de Lisboa<sup>(1)</sup>.

Dessa que talvez possa chamar-se com propriedade a «tradução literária do romance primitivo», ou mais exactamente ainda a «tradução de sala» é que se fez a primeira versão inglesa publicada na segunda edição do *Bernal Francês* em Lisboa<sup>(2)</sup>.

Era essa tradução do meu amigo o Sr. John Adamson que, não contente assim com ela, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores. Ei-la aqui :

To the sea went Don Ramiro,  
Galley fair the warrior bore,  
From the poop his conquering pennon  
Waved defiance to the Moor.

Sad th' adieus at his departing,  
Pangs of anguish rack'd his breast;  
Many a year an anxious lover –  
Scarce twelve moons a husband blest.

You may not find a Spanish maiden  
As Violante fair to view –  
Peerless she among earth's daughters,  
Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement  
Of the castle's towering steep,  
One only eye in that lone turret

---

<sup>(1)</sup> *Romanceiro*, tom. I, Lisboa, 1843.

<sup>(2)</sup> *Ibid.*



Keeps the watch that knows not sleep.  
All is deep repose and slumber –  
All is silence – close the ward  
Of jealous gate and stout portcullis  
While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,  
Gleams on high a tiny spark;  
And ever silent underneath it  
Floats a swift and vent'rous bark. –

And as night to night succeeded,  
Smooth or rough might be the sea –  
Still above the light would tremble –  
Still beneath the bark would be.

Knew'st thou this, good Roderigo?  
Had'st forgot the sacred word?  
With many a solemn pledge and promise  
Plighted to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer –  
Yet the vent'rous caraval  
Still rocked beneath that guarded tower,  
Silent still the warder's call! –

One night at length full dark and drear, it  
Parted from the wonted shore –  
Who it bore no man can tell us –  
But it came again no more.

As returned the hour of trysting  
Soft the light began to gleam –  
But no swift advent'rous pinnace  
Answer'd to the luring beam!

Where the rock rebuts the billow  
Ope'd a secret postern gate –  
Known alone to Don Ramiro,  
Warder tried and loving mate.

But, at deadly hour of midnight,  
Thro' that portal one hath gone;  
Who ere while stands gently knocking  
At the Lady's Bower – alone!

— «Who without so rudely knocking  
Slumber from mine eyes would move?  
— «Bernal am I of France, fair Lady!  
Open to your Knight and love!»

From her bed of gold descending,  
Robe of flowing silk she tore –  
And the gust her lamp extinguish'd,  
Gently tho'she ope'd the door.

By the trembling hand she led him  
To her bower, this Leman bold:  
— «How trembles all my bosom's treasure!  
And this hand how chill and cold!

Then, with sighs and burning kisses,  
In her palpitating breast  
By the faithless Violante  
Were those chilly hands caress'd.

— Hast thou come from far» — «Aye marry.»  
— «Rough the sea?» — «As rocks above.»  
— «Com'st thou arm'd?» Not waiting answer  
Straight to loose each claspe she strove.

In essence pure of Arab roses  
Quick the welcome form she bath'd,  
And on her dainty couch she laid him,  
All in folds of fragrance swathed.

— «Fast the weary night is wasting,  
Whisper none dost thou impart?  
What ails my Love? let Violante  
Share the woes of that lov'd heart?

«Is't thou fear'st my noble brothers?  
Here their foot shall never fall.  
Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?  
Feeble he to match Bernal. —

«Unconscious all my sottish vassals  
Soundly sleep in cell and tower —  
Safe our love, eye of mortal  
Ne'er shall pierce this hidden bower?

«Fear'st Ramiro? — well thou know'st him  
Gone o'er field of fame to roam;  
Long, O lusty Moor, detain him!  
No regret shall haste him home.»

— « Fear I not thy sleeping vassals —  
Since mine own these vassals be,  
Fear I not or frere or kinsman —  
Frere and kinsman both to me!

«Fear I never Don Ramiro  
Injur'd Lord — behold him here!  
Here beside thee — faithless Leman!  
Thine the heart may quail with fear!

Fair the rosy sun new ris'n  
Tips with gold each rock and tower —  
Fairer still — to meet the Headsman  
Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle  
That those gentle limbs have on;  
Rough and rude the rope that binds her —  
Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages — weep the maidens —  
Pity bids forget the crime —  
Down the beard of injured Husband  
Rain the tears like melting rhime.

Deep and dull the death-bell tolling  
Signal gives the axe to raise;  
— «Welcome death, the death I merit:»  
(Thus that erring Lady prays) —

«Low before thee, Don Ramiro,  
In the dust a boon I crave —  
Pardon for the sake of pity,  
Pardon — not that life shall save —

«But for the deadly wrong I've done thee!  
Wrong that made thy bosom bleed,  
Assail me as I cower before thee  
In this my hour of bitter need. —

«Faithless — I alone am guilty —  
Never let thy vengeance fall  
On him my baneful charms deluded,  
Spare the wretched Knight Bernal!»

Quick the husband's love was kindling,  
Pardon trembled on his tongue —  
But at name of hated Bernal  
Ruth and pity far he flung —

Flush'd his face with vengeful anger,  
As from her he fain would save,  
He tore his glance — and arm uplifting  
Mad the fatal signal gave —

On that neck so clear and crystal,  
Beauteous yet, though deadly white —  
With a vigour fierce and fatal  
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession  
From the ancient gate departs!  
Gathering crowds in silence see it —  
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers  
Thro' the darkness and the gloom  
Cast a dim and mournful glimmer —  
Glimmer guiding to the Tomb.

Closed, within their hooded mantles,  
Friars a requiem chaunt around;  
Throb all hearts with awful terror  
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath wander'd —  
In that loophole all is dark —  
Yet o'er the channel, swiftly passing,  
Plies the swift advent'rous bark. —

Pretty bark so light and buoyant —  
Bark each billowy sea could brave —  
The beam, that erst was wont to guide thee,  
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,  
Queen of every witching charm,  
For thee a dismal death hath suffered,  
Fall'n beneath the Headsman's arm.

From tower of St. Gil resounding  
Hear'st thou not the knelling boom?  
See'st thou not the torches glimmer?  
Slow they bear her to the Tomb.

And now the funeral rites are over  
Fix'd the cold sepulchral stone —  
In those aisles, so lately crowded,  
A cavalier is seen alone!

All of black his mournful raiment —  
Blacker still his bosom's wound —  
As by the new made grave despairing,  
Flat he cast him on the ground.

— «Open, holy Tomb, thy portals —  
Ope a broken heart to hide —  
Ope and fix in death that union,  
Life to hapless love denied!

«Open, holy Tomb, thy portals! —  
Hiding charms so passing bright —  
My dark crime, with her ill-fortune,  
Bury in eternal night.

«Open, holy Tomb, thy portals! —  
Take a gift that I disown —  
Let me yield for Violante  
Life that lived on her alone!»

Fell his tears — fell fast and freely —  
Groans of anguish heav'd his breast —  
Firm he grasp'd his trusty faulchion.  
So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!  
From the dark sepulchral mould  
Arose a voice, still sweet and tender,  
But so fearful and so cold...

Cold as the clay from which it sounded,  
Terror through each nerve it spoke;  
The pulse of life was all suspended,  
Cramp'd as tho' by palsy stroke!

— «Live, Sir Knight, O live belov'd!  
Live tho' I no longer live —  
Mine, alone, who have deserv'd it,  
Be the death our crime should give.

«Alas, beneath this frozen marble  
Where cold horror laps my corse,  
All that seems to hint existence  
Is my love and my remorse!

«Arms, with which I once embrac'd thee,  
Fix'd and rigid lie compos'd —  
Eyes, which fondly gaz'd upon thee,  
Clods of callous earth have clos'd:

«The mouth forsworn with which I kiss'd thee,  
Boasts no more its honied dew —  
The treach'rous heart with which I lov'd thee!  
Oh! would that were senseless too!

«Live, Sir Knight — O live belov'd!  
Live and may'st thou blessed be!  
And oh, thy life as husband — father  
Guide by warning thought of me.

«The happy maiden whom thou chooseth  
Give her Violante's name —  
Be she in love a Violante —  
In love — but nought besides the same.

«The treasur'd children she may bear thee,  
Purer than mine their culture be,  
That ne'er, they lose themselves in passion,  
As I have lost myself for thee <sup>(1)</sup>. »

---

<sup>(1)</sup> Deste e dos outros romances que formam o I vol. Do meu *Romanceiro*, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr. Adamson o II vol. Da sua *Lusitânia Illustrata* que me dedicou e foi publicado em Newcastle, 1846. Também deu depois outra edição das versões inglesas sem o texto português com o título *Balads from the Portuguese, Translated and Versified* by J. A. and R.C.C.

## TRADUÇÃO CASTELHANA

A tradução castelhana do Sr. Isidoro Gil, ùltimamente adido à legação de Espanha em Lisboa, pessoa de muita inteligência e gosto, foi publicada no jornal de Madrid, *El Laberinto* (<sup>1</sup>).

---

(<sup>1</sup>) Tom. II, nº 3, Março de 1845.



## BERNAL FRANCÉS

Al mar se fué don Ramiro,  
Rica galera llevaba;  
Su pendón, terror del moro,  
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida!  
Va en sus recuerdos sumido;  
Con tantos años de amores  
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España  
Tan bella cual Violante;  
Ni igual la hubiera en el mundo  
Si ella fuese más constante.

Bate el mar la barbacana  
Del alto muro almenado,  
Sólo en su torre el vigía  
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en torno,  
Todo es silencio y pavor;  
Redobla el celo en las puertas  
Con la ausencia del señor.

Mas, allá entrada la noche,  
Luz se ve en una tronera,  
Y en la sombra deslizarse  
Leve barca aventurera.

Y vuelve a verse otras noches,  
Ya esté en calma o recio el mar,  
La misma luz a igual hora,  
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,

Que a su señor prometió  
Cumplir fiel el juramento  
Que entre sus manos prestó?

Ignorado, o no lo ignora:  
Mas la barquilla ligera  
Que al pie de la torre inmóvil  
Yacía allá en la ribera,

En noche triste y oscura  
Del mar desapareció;  
Que fué de ella no se sabe,  
Mas si se fué, no vovlió.

Y la luz del torreón  
Vióse a igual hora brillar...  
Mas la barca aventurera  
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado  
Recela oculto postigo,  
Sólo lo sabe Violante,  
Su esposo, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche  
El postigo traspasaba,  
Y a la puerta de Violante  
Blando llamar se escuchaba:

— «Quién así llama a mi estancia?  
Quién llama? Oh! quién es? decid.»  
— «Soy Bernal-francése, señora,  
Al amor la puerta abrid.»

Al bajar del lecho de oro  
La fina holandá rasgó,  
Al abrir quedo la puerta,  
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiéndole

A su aposento lo guía:  
— «Cuál tiembles, amor querido,  
Cuál siento tu mano fría!»

Y con ósculos ardientes,  
En el seno palpitante  
Sus yertas manos calienta  
La enamorada Violante.

— «De lejos vienes?» — «De lejos.»  
— «Bravo estaba el mar!» — «Tremendo.»  
— «Y estas armas!» — No responde.  
Ella las va descifrando.

En pura esencia de rosas  
Al tierno amante bañó,  
Y en su lecho regalado  
A par de sí le acostó.

— «Media noche es ya pasada  
Sin que hacia mí te tornares,  
Que tienes, querido amante,  
Que me encubres tus pesares!

«Si temes de mis hermanos,  
no han de venir hasta aquí;  
Si de mi cuñado temes,  
El no es hombre para tí.

«Mis criados y vasallos  
A hora tal han de dormir,  
Ni de nuestro amor sospechan,  
Ni lo pueden descubrir,

«Si de mi marido temes,  
A luengas tierras marchó,  
Allá lo detengan moros,  
Ningún recuerdo dejó.»

— «Yo no temo a tus criados,

Juráronme sumisión;  
Cuñado ni hermanos temo,  
Mi hermano y cuñados son.

«De tu marido no temo,  
Ni tengo porque temer...  
Junto a tí en el lecho se halla  
Tú la que tiemble has de ser.»

Y alto el sol en el Oriente  
La torre a medias doraba;  
Violante más que él hermosa,  
A la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura  
Cubre el cuerpo delicado;  
Recio esparto ciñe el talle,  
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas  
Que el crimen piedad merece;  
El mismo ofendido esposo  
Con tal vista se enternece.

Ya el tañir de la campana  
La seña al verdugo envía...  
— «Señor, meresco la muerte.»  
La sin ventura decía:

«De rodillas, Don Ramiro,  
Humilde perdón os pido;  
No pido la vida, no,  
Que la muerte he merecido.

«La afrenta que deslumbrada,  
Por mi desdicha os hiciera,  
Pido, señor que olvidéis  
En mi hora postrimera.

«Mas sólo yo soy culpable

Del agravio que vos fiz,  
No toméis, señor, venganza  
De ese mísero infeliz.»

Talvez iba a perdonarla  
Compadecido el esposo;  
En nuevas iras le enciende  
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera  
Para no verla apartó,  
Y su izquierda mano alzada  
La fatal seña trazó.

Sobre el desmayado cuello  
De transparente cristal,  
Con golpe tremendo y súbito  
Cayó el terrible puñal.

«Oh! que procesión que sale  
Por las puertas de la torre!  
Qué de gente acude a verla,  
Qué triste que el pueblo corre!

Teas de pálida cera,  
En medio la noche oscura,  
Despiden luz vaga y triste,  
Luz que va a la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,  
Rezan monjes en redor;  
El doblar de las campanas  
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,  
Ya no hay luz en la tronera,  
Mas pasando y repasando  
Va la barca aventurera.

Linda barca tan ligera

Que en ningún mas zozobró,  
El fanal que te guiaba  
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,  
Tu gloria, tu encanto bello,  
Por tí sufrió horrible muerte...  
¡Un sayón segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil  
La campana oyes doblar?  
¿Ves las hachas a lo lejos?  
Allí la van a enterrar. —

Ya se concluyó el entierro,  
Ya cayó la losa fría;  
En la iglesia solitaria  
Un caballero se vía.

Vestido de negro luto,  
Y más negro el corazón,  
Sobre la tumba de hinojos  
Así exclama en su aflicción:

— «Ábrete, tumba sagrada,  
Ábrete a este desdichado,  
Ahí nos unirá la muerte,  
Si en vida nos fué vedado.

«Ábrete, tumba sagrada,  
Que escondes tal hermosura,  
Esconde también mi crimen  
Al par de su desventura.

«Vivir no quiero esta vida  
Que sólo amaba por ella,  
Vida que sufrir no puedo  
Sin mi Violante bella.»

Y allí el llanto de correr,

Los sollozos de estallar,  
Y ciego empuñar la espada  
Para allí se traspasar.

Heló la mano en el puño  
Voz que de tierra salía;  
Voz aun suave y dulce,  
Mas tan medrosa y tan fría,  
Del sepulcro tan ahogada  
Que su eco estremecía,  
Dejando la sangre helada.

— «Vive, vive, caballero,  
Vive, que yo ya viví;  
El castigo de mi crimen  
Yo sola le merecí.

«En el fondo, ¡ay! de esta tumba  
Oscura mansión de horror,  
Sólo de vivir conservo  
Remordimientos y...amor!

«Brazos con que te abrazaba  
No tienen vigor ya en sí;  
Cubre tierra húmeda y dura  
Los ojos con que te ví.

«Boca con que te besaba  
Perdió su perfume aquí;  
Corazón con que te amaba...  
Ese siempre ¡ay! vive en mí.

«Vive, vive, caballero,  
Vive, vive y se dichoso:  
Y aprende en mi triste historia  
A ser padre y ser esposo.

«Si con doncella casares,  
Llámala también Violante:

Nunca su amor será el mío...  
Mas — que sea más constante.

«Hijas que en ella tuvierdes  
Críalas mejor que a mí.  
Que no se pierdan por hombres,  
Cual yo me perdí por ti<sup>(1)</sup>. »

---

<sup>(1)</sup> É interessante e digno de ler-se o artigo que serviu de prefácio a esta publicação em Madrid, escrito pelo Sr. Cueto, secretário que aqui foi e depois Encarregado de negócios da sua corte junto à nossa.



IX

Reginaldo

Será este Reginaldo, ou Eginaldo, o galante Eginard francês que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard, Giraldo? E é este o celebrado secretário do imperador Carlos-Magno de cujos muito românticos, porém mui pouco platónicos, amores com a filha de seu Augusto amo, estão cheias as histórias da meia-idade? Tema constante de trovadores e poetas até quase aos nossos dias em que a suave e melancólica musa de Millevoye últimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se deste é que aqui se trata – e eu creio que sim – vemos que o romance popular conta o caso muito diferente do que os poetas e escritores do norte o referem. É bem sabido, que, segundo esses, a namorada princesa, quando o feliz Eginaldo saía da sua câmara, um dia de madrugada de inverno e com a neve alta e recém-guada pelos átrios e jardins do palácio, o tomara ela aos ombros para que não ficassem impressas na neve as deladoras pegadas do amante. O que descobrindo por acaso o imperador, que se levantara antes do sol, por tal modo se enternecera com aquela prova de generosa dedicação, que logo lhes perdoara a ambos, casando o ditoso secretário com a namorada princesa.

Talvez o que primeiro contou a história ao nosso povo e lha rimou para seus cantares, omitiu a cena da neve por menos familiar e comum nestes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tão popular por lá como depois veio a ser. Fosse como fosse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos-Magno, esta infanta a princesa sua filha, este rei o imperador seu pai. A troca da bela cena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo à prisão, e o lindíssimo solau que lhe ele canta. O que tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crisfal. E temos por fim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: cena verdadeiramente homérica e de uma graça tão simples e tocante como não há outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se encontra nas colecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir vários fragmentos para o restituir. No Alentejo chamam-lhe Generaldo, no Minho Girinaldo; Eginaldo diz uma cópia da Beira; e outra que me veio do Porto trazia por título – *Girinaldo o atrevido*.

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como tais as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cosidas a partes igualmente desconjuntadas de outros, dos quais tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava num todo completo.

São infinitas e muito disparatadas as variantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Também não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz sòmente excepção a favor de algumas que juntei por mais consideráveis.

Na citada colecção do bispo Percy (<sup>1</sup>) vem uma balada inglesa que tem por título *Little Musgrave and Lady Barnard*, história bastante diferente desta; mas há no princípio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmaram nesta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os países, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavaleiro andante, cuja pátria era o Mundo. Fosse onde fosse, era sua a terra ou o castelo onde havia façanhas que fazer ou celebrar – aventuras para correr ou cantar. O romance inglês é dos que reconhecem por mais antigos os colectores daquela nação.

---

(<sup>1</sup>) *Percy's Reliques*, XI séc. III, boock the first.

## REGINALDO

— « Reginaldo, Reginaldo,  
Pajem d’el-rei tão querido,  
Não sei porquê, Reginaldo <sup>(1)</sup>,  
Te chamam o atrevido. »  
— « Porque me atrevi, senhora,  
A querer o defendido. »  
— « Não foras tu tão covarde  
Que já dormiras comigo. »  
— « Senhora zombais de mim  
porque sou vosso cativo. »  
— « Eu não no digo zombando,  
que deveras te lo digo. »  
— « Pois quando quereis, infanta,  
Que vá pelo prometido? »  
— « Entre las dez e las onze <sup>(2)</sup>  
Que el-rei não seja sentido. »

Inda não era sol posto,  
Reginaldo adormecido;  
As dez não eram bem dadas,  
Reginaldo já erguido.  
Calçou sapatos de pano,  
Que d’el-rei não fosse ouvido,  
Foi-se à câmara da infanta,  
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.  
— « Quem suspira a essa porta,  
Quem será o atrevido? »  
— « É Reginaldo, senhora,  
Que vem pelo prometido. »

---

<sup>(1)</sup>A lição da *Estremadura* e muitas outras omitem estes seis versos, e completam a primeira copla com estoutros dois:

Bem puderas, Reginaldo,  
Dormir um dia comigo.

A adoptada no texto é do *Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Entre la uma e as duas.

Quando el-rei esteja dormindo. — *Alentejo*.

— « Levantai-vos minhas aias,  
Que assim Deus vos dê marido!  
E ide abrir mansinho a porta  
Que el-rei não seja sentido. »  
Vela o pajem toda noite...  
Por manhã é adormecido;

Chamava o rei que chamava <sup>(1)</sup>  
Que lhe desse o seu vestido:  
– « Reginaldo não responde,  
Alguma tem sucedido!  
Ou está morto o meu pajem  
Ou grande traição há sido <sup>(2)</sup>. »  
Responderam os vassalos <sup>(3)</sup>  
Que tudo tinham sentido:  
– « Morto não é Reginaldo,  
De sono estará perdido. »

Vestiu-se el-rei muito à pressa,  
E leva um punhal consigo <sup>(4)</sup>  
Vai correndo sala e sala,  
Abrindo porta e postigo,  
Chega ao camarim da infanta,  
Entrou sem fazer ruído.  
Dormiam tão sossegados  
Como mulher e marido.  
De nada do que se passava  
De nada davam sentido.  
Acudiram os vassalos,  
Que viram a el-rei perdido:

---

<sup>(1)</sup> Lá por sobre a madrugada

Pede el-rei o seu vestido. – *Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Ou traição tem cometido – *Estremadura*.

Ou traição me há cometido — *Beira Alta*.

<sup>(3)</sup> Acode d' ali um pajem

Que é de Reginaldo amigo:

–« Não é morto Reginaldo

Nem traição tem cometido. »

–«então está Reginaldo

Com a princesa dormindo. » — *Beira Baixa*.

<sup>(4)</sup> Leva um traçado consigo – *Estremadura*

— «Nunca vossa majestade  
Mate um «home» adormecido <sup>(1)</sup>.»  
Tira el-rei seu punhal de oiro,  
Deixa-o entre os dois metido,  
O cabo para a princesa,  
Para Reginaldo o bico.  
Ia-se a vira o pajem,  
Sentiu cortar-seno fio:  
— « Acordas já, bela infanta,  
Triste sono tens dormido!  
Olha o punhal de teu pai  
Que entre nós está metido. »  
— «Cal'te d'aí Reginaldo<sup>(2)</sup>,  
Não sejas tão dolorido;  
Vai já deitar-te a seus pés,  
Que el-rei é bom e sofrido.  
Para o mal que temos feito  
Não há senão um castigo;  
Mas se el-rei mandar matar-te,  
Eu hei-de morrer contigo. »  
— « D'onde vens, ó Reginaldo<sup>(3)</sup> »  
— « Senhor, de caçar sou vindo. »  
— «Que é da caça que caçaste,  
Reginaldo o atrevido? »  
— «Senhor rei, da caça venho,  
Mas não a trago comigo;  
Que o trazer caça real  
A vassalo é defendido.  
Só vos trago uma cabeça,  
A minha: dai-lhe o castigo.»  
— «, Tua sentença está dada,  
Morrerás por atrevido.»  
Vedes ora o bom do rei  
Dando voltas ao sentido;

---

<sup>(1)</sup> Dê num «home» adormecido – *Minho*.

<sup>(2)</sup> Vai-te deitar, Reginaldo,  
A seus pés muito rendido,  
Que el-rei tem bom coração  
E te há-de casar comigo. – *Beira Baixa, Estremadura*.

<sup>(3)</sup> Estas três coplas são omissas em todas as lições, salvo na do *Alentejo*, e em uma das do *Porto*.

— « Se mato a bela infanta,  
Fica o meu reino perdido...  
Para matar Reginaldo,  
Criei-o de pequenino...  
Metê-lo-ei numa torre<sup>(1)</sup>  
Por princípio de castigo.  
— «Dizei-me vós, meus vassalos,  
Pois tudo tendes ouvido,  
Que mais justiça faremos  
Neste pajem atrevido? »  
Respondem os condes todos,  
E muito bem respondido:  
— «Pajem de rei que tal faz,  
Tem a cabeça perdido. »

Já o metem numa torre<sup>(2)</sup>,  
Já o vão encarcerar.  
Mas ano e dia é passado,  
E a sentença por dar.  
Veio a mãe de Reginaldo  
O seu filho a visitar:  
— «Filho, quando te pari  
Com tanta dor e pesar,  
Era um dia como este,  
Teu pai estava a expirar.  
Eu co'as lágrimas dos olhos,  
Filho, te estava a lavar;

---

<sup>(1)</sup> A lição do *Alentejo* termina o romance aqui com esta copla:

— « Levanta-te, ó Reginaldo,  
Reginaldo atrevido,  
O castigo que te dou  
É que sejas seu marido. »

Queria o pérfido menestrel pôr um epigrama na boca de sua real majestade?

Outra lição da mesma província continua ainda depois:

Responderam os vassalos,  
Que tudo tinham sentido:  
— « Oh! Quem teria a fortuna  
Que Reginald tem tido!  
Atéqui pagem d'el-rei,  
Agora filho querido! » —*Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Só as versões do *Ribatejo* trazem este episódio da torre.

Cabelos d'esta cabeça

Com eles te fui limpar <sup>(1)</sup>  
E teu pai já na agonia,  
Que me estava a encomendar:  
Enquanto fosses pequeno  
De bom ensino te dar,  
E depois que fosses grande  
A bom senhor te entregar.  
Ai de mim, triste viúva,  
Que te não soube criar<sup>(2)</sup>!  
A el-rei te dei por amo,  
Que melhor não pude achar:  
Tu vais dormir co'a infanta  
De teu senhor natural!  
Perdeste a cabeça, filho,  
Que el-rei ta manda cortar!...  
Ai! Meu filho, antes que morras,  
Quero ouvir o teu cantar. »

— «Como hei-de eu cantar, mi madre<sup>(3)</sup>  
Se me sinto já finar? »

— «Canta, meu filhinho, canta,  
Para haver minha bênção,  
Que me estou lembrando agora  
De teu pai nesta prisão.  
Cante-me o que ele cantava  
Na noite de São João;  
Que tantas vezes mo ouviste  
Cantar c'o meu coração. »

— «Um dia antes do dia  
Que é dia de São João,  
Me encerraram nestas grades  
Para fazer penação.

---

<sup>(1)</sup> Pensamento favorito dos menestréis populares, que se encontra perdido em muitos dos nossos romances e xácaras.

<sup>(2)</sup> Ensinar – *Ribatejo*.

<sup>(3)</sup> Mãe minha – *Ribatejo*.



E aqui estou, pobre coitado,  
Metido nesta prisão,  
Que não sei quando o sol nasce,  
Quando a lua faz serão<sup>(1)</sup>.»

De suas varandas altas  
El-rei estava a escutar;  
Já se vai onde a princesa,  
Pela mão a foi buscar:  
— «Anda ouvir ó minha filha,  
Este tão lindo cantar,  
Que ou são os anjos no céu,  
Ou as sereias no mar. »  
— «Não são os anjos no céu,  
Nem as sereias no mar,  
Mas o triste sem ventura  
A quem mandais degolar. »  
— «Pois já revogo a sentença  
E já o mando soltar;  
Prende-o tu, infante, agora,  
Pois contigo há-de casar. »

---

<sup>(1)</sup> Em uma lição últimamente vinda da *Beira Alta* vem o episódio da prisão com mais uma copla neste cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apesar de se conhecer nela visível interpolação, e desarmonia de estilo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga, segundo tantos se encontram em muitas delas:

Tenho aqui dois passarinhos  
Que me trazem alcanfores;  
Eles vão e eles vêm  
Com novas dos meus amores.

Alcanfores? e trazer alcanfores? «quid»?

X

Dona Ausenda

A tradição visivelmente corrupta dá por título a este romance *Dona Ausência*. Estremenhos e Alentejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque «Ausência» não é nome próprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Espanha. «Ausência» há de ser, que por nossos da meia-idade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa esta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas províncias apenas a conservam em Portugal; e no resto da península não consta que haja vestígios dela. Antiga é, e das mais antigas, porque esta Dona Ausenda e este Conde Dom Ramiro têm um sabor moçárabe que não engana. Mas a ponte da Aliviada de que se fala é no Minho. Como é que a história do seu ermitão se não conhece ali, e veio ter e ficar-se nas duas províncias circatejanas? Caprichos e mistérios da migração das tradições humanas, mais difíceis de explicar que os de suas raças.

Encontram-se aqui várias reminiscências – por me expressar na língua musical da moda – de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

## DONA AUSENDA

À porta de Dona Ausenda  
Está uma erva fadada <sup>(1)</sup>;  
Mulher que ponha a mão nela  
Logo se sente pejada.  
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda  
Em má hora desgraçada;  
Assim que pôs a mão nela,  
Logo se sentiu pejada <sup>(2)</sup>.  
Vinha seu pai para a mesa,  
Veio ela muito apressada  
Para lhe dar água às mãos,  
Como filha bem criada.  
Pôs-lhe ele os olhos direitos,  
Ela fez-se mui corada.  
—«Que é isso, Dona Ausenda?  
Voto a Deus que estás pejada. »  
—«Não diga tal, senhor pai,  
É da saia mal talhada <sup>(3)</sup>;  
Que eu nunca tive amores  
Nem homem me deve nada. »

Mandou chamar os dois xastres <sup>(4)</sup>  
Que tinham mais nomeada:  
— « Vejam-me esta saia, mestres;  
Adonde está ela errada? »  
Olharam um para o outro <sup>(5)</sup>:  
— « Esta saia não tem nada;  
O erro que ela tem

---

<sup>(1)</sup> Cresce uma erva fadada – Alentejo.

<sup>(2)</sup> Sentiu-se logo prenhada – Alentejo.

<sup>(3)</sup> Reminiscência do romance de Dom Carlos d'Além-Mar, ou vice-versa. Veja adiante neste vol.pág. 236.

<sup>(4)</sup> Alfaiates.

<sup>(5)</sup> Veja nota 3.

É a menina estar pejada. »  
—« Confessa-te, Dona Ausenda,  
Que amanhã serás queimada. »  
— «Ai triste de minha vida,  
Ai triste de mim coitada!  
Sem nunca ter tido amores <sup>(1)</sup>,  
Vou a morrer desonrada!»

Foram chamar o ermitão <sup>(2)</sup>  
Da ponte da Aliviada;  
Era um fradinho velho  
Que encontraram na estrada.  
Mal o frade chega à porta,  
Deitou-se à erva fadada,  
Cortou-a pela raiz <sup>(3)</sup>,  
Na manga a leva guardada.  
— «Ajoelhai, Dona Ausenda,  
Que a vossa hora é chegada:  
Confessai vosso pecado  
A Deus e à Virgem Sagrada.»  
—« Padre, eu nunca tive amores,  
Nem homem me deve nada;  
Más artes são do demónio  
Ver-me eu donzela — e pejada <sup>(4)</sup>!  
— «Há quanto tempo, senhora,  
Vos sentis embaraçada?»  
— «Os nove meses faz hoje  
Que ali naquela ramada  
Na noite de São João  
Adormeci descuidada;  
Sentia o cheiro das flores  
E da erva rociada,  
Sentia-me eu tão ditosa,  
Tão feliz e regalada,  
Que o despertar me deu pena

---

<sup>(1)</sup> Sem nunca saber de amores – *Estremadura*.

<sup>(2)</sup> Foram buscar confessor

À ermida da Aliviada – *Estremadura*.

<sup>(3)</sup> Arranca a raiz e tudo – *Alentejo*.

<sup>(4)</sup> E prenhada – *Alentejo*.

Quando veio a madrugada.»  
— «Tomai agora esta erva,  
Que é uma erva fadada:  
Com a bênção que lhe eu deito (¹)  
Ficará erva sagrada. »  
— Ai! Este cheiro, meu padre,  
É o que eu senti na ramada.»  
Não disse mais Dona Ausenda,  
Do sono ficou tomada.  
Virtude tinha aquela erva,  
Outra virtude fadada:  
Mulher pejada que a toque (²)  
Logo fica despejada.  
Ali, sem mais dor nem pena,  
Em boa hora abençoada,  
Pare uma linda criança  
Bem nascida e bem medrada.  
Meteu-a o frade na manga,  
Foi-se sem dizer mais nada.  
Já desperta Dona Ausenda,  
Já se sente aliviada;  
De tudo quanto passou  
Apenas está lembrada:  
Um mau sonho lhe parece  
Que a deixou perturbada.  
Chamou por suas donzelas,  
Chamou por sua criada,  
Vestiu suas galas mais ricas,  
Sua saia mais bem talhada,  
Foi-se encontrar com seu pai  
Que estava na alpendurada (³),  
Vendo armar a fogueira  
Em que a queria queimada:  
— «Senhor pai, aqui me tendes  
Já disposta e confessada;

---

(¹) Com as rezas que eu lhe rezo – *Estremadura*.

(²) Mulher que ponha a mão nela,  
Se está prenhe, é desprenhada. – *Alentejo*.

(³) Alpendre coberto, à entrada da casa.

Agora a vossa vontade  
Seja em mim executada.»

O pai que a mira e remira  
Tão esbelta e bem pregada,  
O seu corpo tão gentil,  
Sua saia tão bem talhada:  
— «Que feitiço era este, filha,  
Com que estavas embruxada?  
Como se desfez o encanto,  
Como te vejo tão mudada?»  
— «Fosse ele poder de encanto,  
Ou condão de erva fadada,  
Quebrou-o aquele fradinho  
Da ponte da Aliviada.»  
— «Metade de quanto eu tenho,  
A metade bem contada,  
A esse bom ermitão  
Desta hora lhe fica dada.  
Palavras não eram ditas  
O ermitão que chegava <sup>(1)</sup>:  
— «Aceito a oferta, bom conde,  
Se a metade é bem contada,  
Se entra nela Dona Ausenda,  
E ma dais por desposada.»  
Riram-se todos do frade:  
Ele sem dizer mais nada,  
Despe o hábito e o capuz,  
Ergue a cabeça curvada;  
Ficou um gentil mancebo,  
Senhor de capa e de espada <sup>(2)</sup>,  
Era o conde Dom Ramiro,  
Que dali perto morava.  
Em boa hora Dona Ausenda  
Pôs a mão na erva fadada!

---

<sup>(1)</sup> Assomava – *Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Vestido de capa e espada – *Estremadura*.

XI

Rainha e Cativa



Nem os romances castelhanos nem escritor algum faz menção do belo romance da Rainha e Cativa. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações têm padecido, quer na forma, quer no estilo, apesar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensível mudança da língua, para se encontrar hoje em frase tão corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Estremadura a Trás-os-Montes; sê-lo-á também nas províncias transtaganas, mas não me veio de lá cópia dele.

Pelas referências a Galiza, a senhorio de mouros ainda perto, e à Terra de Santa Maria, que como todos sabem, é o distrito entre Douro e Vouga que hoje se chama «Terra da Feira», vê-se que a história e epopéia, ambas são dos primeiros tempos da monarquia. E a circunstância de «salto» por mar e «correria» por terra lhe dá uma forte cor do século XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rapsódias senão sobre factos recentes. O que passou da história escrita para os versos é já feito pelos poetas letrados de uma civilização — superior não sei, porém mais adiantada.

O conto conta-se bem no romance, e excusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Esta volta de cativos e renegados cristãos para as suas terras, fugidos com as jóias de seus senhores infiéis, é uma feição muito sabida, e comum nas lendas populares.

Nesta há toda a singeleza homérica, todo aquele tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando ocorrem as mesmas ideias: é a Aurora da Ilíada que sempre abre o céu com os mesmos «dedos de rosa», os reis que são sempre «pastores de povos»; é Menelau com a mesma «cabeleira loira», Juno com as mesmas «coxas pulcras», os mesmos «olhos de touro» sempre. A poesia primitiva é sempre, às ribeiras do Pamiso ou às do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lágrimas de seus olhos, tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

## RAINHA E CATIVA

— «À guerra, à guerra, moirinhos,  
Quero uma cristã cativa!  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima:  
Tragam-m'a cristã cativa,  
Que é para nossa rainha.»  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima;  
Os que foram mar abaixo  
Não encontraram cativa;  
Os que foram terra acima,  
Tiveram melhor atina <sup>(1)</sup>,  
Deram com o conde Flores  
Que vinha da romaria:  
Vinha lá de Santiago,  
Santiago de Galiza;  
Mataram o conde Flores,  
A condessa vai cativa.  
Mal que o soube a rainha,  
Ao caminho que saía:  
— «Venha embora a minha escrava.  
Boa seja a sua vinda!  
Aqui lhe entrego estas chaves  
Da despensa e da cozinha;  
Que me não fio de moiras  
Não me dêem feitiçaria <sup>(2)</sup>.»  
— «Aceito as chaves senhora,  
Por grande desdita minha...  
Ontem condessa jurada <sup>(3)</sup>,

---

<sup>(1)</sup> Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições «atima»; palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser «acima», isto é, a velha palavra «cima» — complemento, conclusão, acabamento, resultado — com a expletiva a por causa do metro.

<sup>(2)</sup> Que me não dêem bruxaria – *Estremadura*.

<sup>(3)</sup> Ontem condessa de Flores – *Ribatejo*.

Hoje a moça da cozinha!»  
A rainha está pejada,  
A escrava também o vinha:  
Quis a boa ou má fortuna  
Que ambas parissem num dia.  
Filho varão teve a escrava,  
E uma filha a rainha;  
Mas as perras das comadres,  
Para ganharem alvissaras <sup>(1)</sup>,  
Deram à rainha o filho,  
À escrava deram a filha.

— «Filha minha da minha alma,  
Com que te baptizaria?  
As lágrimas de meus olhos  
Te sirvam de água bendita.  
Chamar-te-ei Branca Rosa,  
Branca flor de Alexandria <sup>(2)</sup>,  
Que assim se chamava dantes  
Uma irmã que eu tinha:  
Cativaram-na os moiros  
Dia de Páscoa florida,  
Andando apanhando rosas <sup>(3)</sup>  
Num rosal que meu pai tinha.»  
Estas lástimas choradas  
Veis-la rainha que ouvia,  
E co'as lágrimas nos olhos  
Muito depressa acudia:  
— «Criadas, minhas criadas,  
Regalem-me esta cativa;  
Que se eu não fora de cama,  
Eu é que a serviria <sup>(4)</sup>.»  
Mal se levanta a rainha  
Vai-se ter com a cativa:  
— «Como estás, ó minha escrava,  
Como está a tua filha?»

---

<sup>(1)</sup> Trocaram-nas à nascida – *Beira Baixa*.

<sup>(2)</sup> Rosa flor d' Alexandria – *Minho*.

<sup>(3)</sup> Quando andava a apanhar rosas – *Estremadura*.

<sup>(4)</sup> Eu é que a regalaria – *Estremadura*.

— «A filha boa, senhora,  
Eu como mulher parida.»  
— «Se tiveras em tua terra,  
Que nome lhe chamarias?»  
— «Chamara-lhe Branca Rosa,  
Branca flor da Alexandria <sup>(1)</sup>;  
Que assim se chamava dantes  
Uma irmã que eu tinha:  
Cativaram-na os moiros  
Dia da Páscoa florida,

Andando apanhando rosas <sup>(2)</sup>  
Num rosal que meu pai tinha.»  
— Se vira'la tua irmã,  
Se tu a conhecerias?»  
— «Assim eu a vira nua  
Da cintura para cima;  
Debaixo do peito esquerdo  
Um sinal preto ela tinha <sup>(3)</sup>.»  
— «Ai triste de mim coitada,  
Ai triste de mim mofina <sup>(4)</sup>!»  
Mandei buscar uma escrava,  
Trazem uma irmã minha!»

Não são passados três dias,  
Morre a filha da rainha:  
Chorava a condessa Flores  
Como quem por sua a tinha;  
Porém mais chorava a mãe,  
Que o coração lho dizia <sup>(5)</sup>.»  
Deram à língua as criadas,  
Soube-se o que sucedia:  
A mãe, c'o filho nos braços,  
Cuidou morrer de alegria.  
Não são passadas três horas,

---

<sup>(1)</sup> Rosa flor d'Alexandria – *Minho*.

<sup>(2)</sup> Quando andava a apanhar rosas – *Estremadura*.

<sup>(3)</sup> Um lunar preto ela tinha – *Estremadura*.

<sup>(4)</sup> Triste de minha mofina – *Beira Alta*.

<sup>(5)</sup> Que o coração lh'o pedia – *Ribatejo*.

Uma à outra dizia:  
— «Quem se vira em Portugal,  
Terra de Deus bendizia!»  
Juntaram muita riqueza  
De oiro e de pedraria;  
Uma noite abençoada  
Fugiram da moiraria.  
Foram ter à sua terra,  
Terra de Santa Maria;  
Meteram-se num mosteiro,  
Ambas professam num dia.

XII

Dom Claros D'Além-Mar

*Dom Claros D'Além-Mar*, que em muitas partes o povo corruptamente diz «Dom Carlos», não sei se nasceu português ou castelhano: propendo para a última origem, apesar de que, impresso nas antigas colecções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal, todavia, o canta bastante diverso, mas não piorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portuguesa, faz lembrar no seu princípio o romance francês do «Conde Ory».

Creio que é das mais antigas composições deste género que temos em Espanha: nas províncias portuguesas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitável que certos versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres deles caíram em graça geral, e ficaram sendo como «bordões» poéticos em todas as línguas.

Disto aparecem contínuas provas e exemplos, não só entre provençais, portugueses, catalães e castelhanos, não só entre dinamarqueses, normandos, escoceses, alemães e ingleses, mas ainda de uma destas grandes famílias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

Haverá por i um pajem  
Que o meu pão queira comer?...

com estoutros do escocês *Prince Robert*, na colecção de Sir W. Scott já citada:

O where will I get a little boy,  
That will win hose and shoon,  
To rin sac fast to Darlington  
And bid fair Eleanor came?»  
Then up and spake a little boy,  
That wad win hose and shoon:  
«O I'll away to Darlington,  
And bid fair Eleanor came.<sup>(1)</sup>»

---

<sup>(1)</sup> *Ministrelsy of the Scotch Borders*. etc., tom. II, pág. 124, Paris, 1838.

## DOM CLAROS D'ALÉM-MAR

— «Quero fazer uma aposta,  
Ou eu não sei apostar:  
Claralinda há-de ser minha <sup>(1)</sup>  
Antes d'o galo cantar.»  
— «Apostar, apostareis <sup>(2)</sup> ,  
Mas não haveis de ganhar;  
Que é discreta a Claralinda,  
Ninguém na pode enganar.»  
Não quis ali dizer nada,  
Não quis ali mais falar;  
Vestiu trajos de donzela  
E se pos a caminhar <sup>(3)</sup> .  
Lá estava a Claralinda  
De seu balcão a mirar:  
— Que donzela tão bonita <sup>(4)</sup> !  
Quem é, e o que vem buscar?»  
— «É a tecedeira, senhora <sup>(5)</sup> ,  
Que vem das praias do mar;  
Tem a sua teia urdida,  
E a falta <sup>(6)</sup> vem-na buscar.»  
— «Aí tenho a falta, donzela,

---

<sup>(1)</sup> De dormir com Mariana — *Beira Alta*.

<sup>(2)</sup> — «Tal coisa não faças, filho,  
Que a não hás-de ganhar:  
Mariana é mui sisuda,  
E não se deixa enganar.» — *Beira Alta*.  
— «Não apostes, ó meu filho,  
Não te metas a apostar;  
Que Mariana é discreta,  
Não a podes enganar.» — *Beira Baixa*.

<sup>(3)</sup> Vestiu trajos de donzela,  
Ao jardim foi passear. — *Beira Alta*.

<sup>(4)</sup> — «Quem é aquela donzela  
Que além anda a passear?» — *Beira Alta*.  
— «Quem bate à minha porta,  
Quem me vem importunar?» — *Minho*.

<sup>(5)</sup> — «Tecedeira sou, senhora,  
De lãs areias do mar;  
A teia tenho-a urdida,  
A seda venho-a buscar!» — *Trás os-Montes*.

<sup>(6)</sup> Falta de teia é o que aparece de menos na tecedura em desproporção com a urdidura.



Mas inda está por dobar <sup>(1)</sup> .»  
— «Senhora, que se faz tarde  
E eu não posso esperar:  
De noite pelos caminhos <sup>(2)</sup>  
Donzelas não hão-de andar.»  
— «Para honra da donzela,  
Aqui hoje há-de poisar.»  
— Tendes criados tão moços,  
Tão atrevidos do olhar... »  
— «Para honra da donzela  
No meu quarto há-de ficar.»  
A donzela, de contente,  
À noite não quis cear;  
Tinha sono, tanto sono,  
Que se quis logo deitar.  
Lá por essa noite adiante <sup>(3)</sup>  
Claralinda de gritar...  
— «Cala-te, ó Claralinda,  
Não te queiras difamar,  
Que eu sou de nobre gente  
E contigo hei-de casar:  
Fia-te nesta palavra  
De Dom Claros d'Além-Mar <sup>(4)</sup> .»

Passados são tantos dias,  
Tão compridos de esperar;  
Não voltou a tecedeira,  
Mas a teia ia a dobrar

---

<sup>(1)</sup>— «Essa falta eu a tenha,  
Mas não a posso dobrar.  
— «Dobe-a já, minha senhora,  
Trate-a de mandar dobar.» — *Beira Alta*.

<sup>(2)</sup>— «Dilate-se, ó menina,  
Que ainda está por dobar;  
Donzelas pelo caminho  
De noite parecem mal.» — *Beira Baixa*.

<sup>(3)</sup>Lá por essa noite velha  
Mariana de queixar. — *Minho*

<sup>(4)</sup>— «Aos sete para oito meses  
Se teu pai já reparar,  
Mandarás uma cartinha  
A Dom Carlos d'Além-Mar.» — *Beira Alta*.

Aos sete para oito meses  
O pai à mesa a jantar <sup>(1)</sup>:  
— «Claralinda, Claralinda,  
Que feio é o teu trajar!»  
— «Não diga tal, senhor pai,  
Ninguém lhe oiça falar;  
Que não sou eu, é da vasquinha  
Que é mal feita e dá mal ar.»  
Mandou chamar alfaiates <sup>(2)</sup>  
Para se desenganar:  
Disseram uns para os outros:  
— «Não tem falta a saia tal.»

Não há ali mais que dizer <sup>(3)</sup>,  
Não há mais que perguntar:  
— « Prepara-te, ó Claralinda,  
Que amanhã vais a queimar.»

---

<sup>(1)</sup> Seu pai que a estava a mirar.  
— «O que mira, senhor pai,  
O que é que está a olhar?»  
— «Eu miro-te, minha filha.  
E olho no teu dezar.»  
— «Este enchume, senhor pai  
É da saia mal trajar. » — *Coimbra*.  
— «Que é isso, Mariana,  
Que te faz assim estar? »  
— «Não é nada, senhor pai,  
É a vasquinha mal talhada. » — *Porto*.

<sup>(2)</sup> Mandou logo vir dois xastres  
Cada um de sua casa:  
Disseram um para o outro:  
— «A vasquinha não tem nada,  
E a menina está pejada. » — *Porto*.  
— «Esta saia não tem nada;  
Ao fim de nove meses  
Ela será abaixada.» — *Coimbra*.

<sup>(3)</sup> — « Oh lá, Oh lá, meus criados,  
A lenha ao monte apanhar,  
Que amanhã a estas horas  
Vai Claralinda a queimar. » — *Beira Baixa*.  
« Confessa-te, ó Mariana,  
Trata de te confessar,  
Que hoje te ajuntam a lenha,  
Amanhã te hão-de queimar. » — *Beira Alta*.

«Não se me dá que me matem <sup>(1)</sup> ,  
Que me levem a queimar,  
Dá-se-me deste meu ventre  
Que é de sangue real!...  
Haverá por aí um pajem <sup>(2)</sup>  
Que o meu pão queira ganhar,  
E que me leve esta carta  
A Dom Claros d'Além-Mar?»  
Aparece um pajenzito  
Discreto no seu falar:  
— «Aqui está um mensageiro  
Que o recado quer levar.»  
— Se o meu pão queres comer,  
A toda a pressa hás-de andar,  
E entregarás esta carta  
A Dom Claros d'Além-Mar <sup>(3)</sup> .  
— «Que quereis, ó pajenzito,  
Que vindes aqui buscar?»  
— «Trago uma carta, senhor,  
Novas de muito pesar;

---

<sup>(1)</sup>— «Não se me dá que me queimem,  
Que me tornem a queimar.» — *Coimbra*.

<sup>(2)</sup> — «Não há por aí um pajem  
Que se doia do meu mal. — *Ponte de Lima*.  
Quem me dera aqui um pajem,  
Que me fora ao meu mandar,  
Que me levara esta carta,  
A Dom Claros, de pezar.» — *Minho*.

<sup>(3)</sup>— «Se ele estiver a dormir,  
Façam-no logo acordar,  
Se ele estiver a comer,  
Não o deixem acabar. » — *Beira Baixa*.  
— «Se o achares a passear,  
Deixa-lo-ás assentar;  
Se o achares a dormir,  
Deixa-lo-ás acordar;  
Se o achares a jantar,  
Deixa-lo-ás alevantar.» — *Açores*.  
— «Se o achares a dormir,  
Deixa-lo-ás acordar;  
Se o achares acordado,  
A carta lhe hás-de entregar. » — *Beira Alta*.

Novas lhe trago, más novas <sup>(1)</sup>  
Da sua amiga leal:  
Hoje se lhe ajunta a lenha,  
Amanhã vai a queimar.»  
Ele pôs-se a ler a carta,  
Não a podia acabar;  
As lágrimas eram tantas  
Que o faziam cegar <sup>(2)</sup> :  
— «Oh, lá, oh lá, escudeiros,  
Os cavalos a ferrar;  
Jornada de quatro dias  
Esta noite se há-de andar.»

Chega a um convento de frades,  
Estava o sino a dobrar:  
— Por quem dobra o sino, padre,  
Por quem está a tocar?»  
— «É a infanta Claralinda  
Que se está a agonizar  
Ontem juntaram-lhe a lenha,  
Hoje a levam a queimar.»  
Era quase manhã clara,  
Mandou seus pajens deitar,  
Vestiu-se em trajos de frade <sup>(3)</sup> ,

---

<sup>(1)</sup>— « Novas lhe trago, senhor,  
Da sua amiga leal:  
Dos sete para oito meses  
Seu pai a manda queimar.» — *Beira Alta*.  
— «A sua amada menina  
Amanhã vai a queimar.» — *Açores*.  
— «Menina com quem dormiu  
Vai amanhã a queimar.» — *Beira Baixa*.

<sup>(2)</sup>Desgraçada Mariana  
Que te levam a queimar!  
Mal estreado do seu ventre  
Que leva sangue real! — *Beira Alta*.  
Pouco se me dá que a queimem  
Que a tornem a queimar;  
Dá-se-me, é do seu ventre  
Que é de sangue real. — *Alentejo*.

<sup>(3)</sup>Vestiu-se em trajos de frade,  
Ao caminho a foi esperar;  
Em chegando ao pé dela  
Aos criados foi falar. — *Beira Alta*.

Foi-a ao caminho esperar:  
— «Parem lá os da justiça<sup>(1)</sup>  
Justiça de mau pesar,  
Que a menina que aí levam  
Inda vai por confessar.»

Deixaram-no ao bom do frade  
Para a infanta confessar.  
Mal se ele viu a sós com ela,  
De amores lhe foi falar:  
— «Venha cá, minha menina <sup>(2)</sup> ,  
Que a quero confessar;  
No primeiro mandamento  
Um beijinho me há-de dar.»  
— «Não permita Deus do céu  
Nem os santos do altar!  
Onde Claros pôs a boca <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> — « Parem lá com a liteira,  
E façam-na já parar,  
Que a menina que aí levam  
Ainda vai por confessar. » — *Beira Baixa*.  
— « Oh da justiça d'el-rei,  
Alto lá, façam parar. — *Coimbra*.  
A menina que aí levais  
Ainda vai por confessar. — *Beira Alta*.  
— « Diga-me, minha menina,  
O porque vai a queimar? »  
— « Porque dormi uma noite  
Com Dom Carlos d'Além-Mar. » — *Beira Alta*.

<sup>(2)</sup> Diga-me, minha menina,  
Verdade me há-de falar;  
Se teve amores com clérigos  
Ou com frades mal pezar. >>  
— << Não tive amores com clérigos  
Nem com frades mal pezar;  
Tive amores com Dom Carlos,  
Por isso vou a queimar. >>  
— << Pois Dom Carlos sou eu mesmo,  
E contigo hei-de casar. >> — *Coimbra*.

Segundo esta lição de *Coimbra* acaba o romance aqui.

<sup>(3)</sup> Que onde Claros pos a boca  
Não há-de pôr nenhum frade — *Beira Alta*.  
Que onde o meu bem pos a boca — *Évora*.  
Não me há-de um frade beijar — *Ponte de Lima*.  
Venha um frade bafejar — *Porto*.

Não me há-de um frade beijar.»  
— «Venha cá, minha menina,  
Que a quero confessar;  
No segundo mandamento  
Um abraço me há-de dar.»  
— Vai-te na má hora, frade,  
Que a mim não há-de chegar;  
Que a mim nunca chegou homem,  
Senão — inda mal pesar!  
Senão só esse Dom Claros,  
Dom Claros o d'Além Mar,  
Que, por meus grandes pecados,  
Por ele vou a queimar!»  
Dom Claros que tal ouviu,  
Não pode o riso ocultar,  
— «Por esse riso que dais <sup>(1)</sup> ,  
Sois Dom Claros d'Além Mar...»  
— Cala-te ó Claralinda <sup>(2)</sup> ,  
Que te venho libertar;  
Já está tecida a teia,

---

<sup>(1)</sup>Pelo sorriso que dais — *Beira Baixa*.

<sup>(2)</sup> — << Sim, senhora, sou Dom Carlos

Que vos venho libertar. >>  
Tomou-a logo nos braços  
Poseram-se a caminhar.  
Correm d'além os criados  
E poseram-se a gritar:  
— << Senhor padre, deixe a moça,  
Que a manda seu pai queimar. >>  
— << Pois vão dizer a seu pai  
Que a venha cá buscar;  
Que eu co'este faim de prata  
A alma lhe hei-de atravessar. >> — *Beira Alta*.  
— << Eu Dom Claros, sou, menina,  
Sou Dom Claros d'Além-Mar:  
Nas ancas do meu cavalo,  
Menina, haveis de montar.  
Senhora das minhas quintas,  
Rainha do meu caudal...  
Agora dize a teu pai  
Que te venha cá buscar. >> — *Trás-os-Montes*.

Nestas duas lições da *Beira Alta* e de *Trás-os-Montes*, acaba respectivamente assim o romance.

Vamo-la agora a curar.»

Tomou-a logo nos braços  
Poseram-se a caminhar:  
Estava perto o convento,  
Viram-no os pajens chegar.  
Chegavam, não chegariam...  
A justiça de bradar.  
— «Nas ancas de meu cavalo,  
Menina, haveis de montar.»  
Assim foi livre a infanta  
Por Dom Claros d'Além-Mar.

## LIÇÃO CASTELHANA

A caza va el Emperador,  
A San Juan de la Montaña;  
Con él iba el conde Claros  
Por le tener compañía.  
Contándole iba contando  
El menester que tenía.  
— « No me lo digáis, el Conde,  
Hasta después la venida. »  
— « Mis armas tengo empeñadas  
Por mil marcos de oro y más,  
Y otros tantos debo en Francia  
Sobre mi buena verdad. »  
— « Llámenme mi camarero  
De mi cámara real;  
Dad mil marcos de oro al Conde  
Para sus armas quitar;  
Dad mil marcos de oro al Conde  
Para mantener verdad;  
Dadle otros tantos al Conde  
Para vestir y calzar;  
Dadle otros tantos al Conde  
Para las tablas jugar;  
Dadle otros tantos al Conde  
Para con damas holgar. »  
— « Muchas Mercedes, señor,  
Por esto y mucho más.  
A la Infanta Claraniña  
Vos por mujer me la dad. »  
— « Tarde acordastes, el Conde,  
Mandada la tengo ya. »  
— « Vos me la daréis señor,  
Acabo que no queirais,  
Porque preñada la tengo  
De los seis meses o más. »  
El Emperador que esto oyera  
Tomó de ello gran pesar;  
Vuelve riendas al caballo



Y tornóse á la ciudad:  
Mandó llamar las parteras  
Para la Infanta mirar.  
Allí habló la partera,  
Bien oiréis lo que dirá:  
— Preñada está la Infanta  
De los seis meses o más. »  
Mandóla prender su padre  
Y meter en oscuridad,  
El agua hasta la cintura  
Porque pudriese la carne,  
Y perezca la criatura,  
Y no viva de tal padre.  
Los caballeros de su casa  
Se la iban á mirar.  
— « Pésanos de vos, señora,  
Cuanto nos puede pesar,  
Que de hoy en quince días  
El Emperador os manda quemar. »  
— , No me pesa de mi muerte  
Porque es cosa natural,  
Pésame de la criatura,  
Porque es hijo de buen padre;  
Mas se hay aquí alguno  
Que haya comido mi pan,  
Que me llevase una carta  
A Don Claros de Montalvan..  
Allí habló un paje suyo,  
Tal respuesta le fue á dar;  
— «Escribidla vos, señora  
Que yo se la iré á llevar. »  
Ya las cartas son escritas,  
El paje las va á llevar;  
Jornada de quince días,  
En ocho la fuera á andar.  
Llegado había a los palacios  
Adonde el buen Conde está.  
— «Bien vengáis, el pajecico,  
De Francia la natural,  
¿Pues qué nuevas me traéis

De la Infanta? ¿cómo está?»  
— « Leed las cartas, señor,  
Que en ellas os lo dirá. >>  
De que las hubo leído,  
Tal respuesta le fue á dar:  
—« Uno me da que la quemén.  
Otro me da que la matén.»  
Ya se partía el buen Conde,  
Ya se parte, ya se va,  
Jornada de quince días  
En ocho la fuera á andar.  
Fuérase a un monasterio  
Donde los frailes están;  
Quitóse paños de seda,  
Vistió hábitos de fraile:  
Fuérase á los palacios  
De Claros el Emperante.  
— «Mercedes, señor, mercedes,  
Queráismelas otorgar,  
Que á mi señora Infanta  
Vos me dejéis confesar.»  
Ya lo llevaban al fraile  
A la Infanta á confesar.  
El cuando se vió con ella  
De amores le fue á hablar.  
— «Tate, tate, dijo, fraile,  
Que á mi tú no hás de llegar;  
Que nunca llegó á mi hombre  
Que fuese vivo en carne,  
Sino solo aquel Don Claros  
Don Claros de Montalván,  
Que por mis grandes pecados  
Por él me quieren quemar.  
No doy nada por mi muerte,  
Pues que es cosa natural,  
Pésame de la criatura  
Porque es hijo de buen padre.»  
Ya se iba el confesor  
Al Emperador á hablar:  
— « Mercedes, señor, mercedes,

Queráismelas otorgar,  
Que mi señora la Infanta  
Sin ningún pecado está.  
Allí habló el caballero  
Que con ella quería casar:  
—« Mentides, fraile, mentides,  
Que no decís la verdad.»  
Desafianse los dos,  
Al campo van á lidiar;  
Al apretar de las cinchas  
Conociólo el Emperante;  
Dijo que el fraile es Don Claros,  
Don Claros de Montalván.  
Mató el fraile al caballero,  
La Infanta librado ha,  
En ancas de su caballo  
Consigo la fue á llevar.

XIII

Claralinda

Ao revés do romance precedente, nós chamamos Claralinda a este, que os castelhanos têm muito mais extenso em suas colecções com o título de *Conde Claros*.

O tal Dom Claros, ou Conde Claros, devia de ser o Don Juan daqueles tempos, à imensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceros lhe atribuem. E talvez é um mito em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da meia-idade.

O presente romance, mui semelhante, na lição portuguesa, ao que leva por título Rosalinda na primeira parte desta colecção <sup>(1)</sup>, difere todavia essencialmente dele na cor local, e, para assim dizer, nas decorações da cena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E além disso, aquele foi construído de três fragmentos diversos: era este um deles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; já lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com suas variantes, e com a mais ampla lição castelhana.

Seriam os menestréis os que, segundo a teoria de Sir Walter Scott, que já noutra parte mencionei <sup>(2)</sup>, contraíram o romance escrito na xácara para cantar? Ou seriam os poetas ou os colectores letrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

Neste caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que hora uma hora outra coisa sucedia, e que é difícil dizer quando esta ou quando aquela se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal, indeicam antiguidade na lição portuguesa que não desce do décimo quinto século.

Em apêndice ponho a lição castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como ressalta o carácter das suas famílias e das duas línguas, tão parentes e tão distintas uma da outra! Como é reservado, como é natural o finchado português! Como se exagera e intumesce o castelhano! Mas é inegável, todavia, que há mais pompa e luxo de poesia neste; assim como há mais verdade e mais sentimento naquele.

---

<sup>(1)</sup>*Romanceiro*, tom. I, pág. 183, Lisboa, 1963.

<sup>(2)</sup>Romance do *Conde Iano*, pág. 77, deste volume.

## CLARALINDA

Meia- noite já é dada,  
Os galos querem cantar,  
O Conde Claros na cama (<sup>1</sup>)  
Não podia repousar.  
Chamou pajens e escudeiros,  
Que se quer já levantar;  
Que lhe tragam de vestir,  
Que lhe tragam de calçar.  
Dearm-lhe uma alva camisa,  
Que el-rei a não tinha tal (<sup>2</sup>);  
Deram-lhe saio de seda,  
Cintura de oiro e firmal.  
Trazem-lhe esporas doiradas  
Para com elas montar;  
Cavalgou no seu cavalo,  
Pôs-se logo a caminhar.  
— Deu te salve, Claralinda,  
Tão cedo estás a bordar?  
— «Salve –te Deus, Conde Claros!  
Donde vais a caminhar (<sup>3</sup>)?»  
— «Aos moiros me vou, senhora,  
Grandes guerras guerrear.»  
— «Que belo corpo que tendes  
Para com eles brigar!»  
— Melhor o tenho senhora,  
Para convosco folgar... (<sup>4</sup>)»  
Palavras não eram ditas,  
Um pajem que ia passar:  
—« As palavras que são ditas  
A el – rei vou já contar.»  
— Palavras que ditas são  
A el –rei não vás levar:  
Dar –te – ei de oiro e de prata  
Quanto possas carregar.

---

(<sup>1</sup>) Conde Claros em seu leito – *Alentejo*.

(<sup>2</sup>) Que el-rei a não tinha igual- *Minho*

(<sup>3</sup>) Tão cedo a caminhar- *Lisboa*.

(<sup>4</sup>) Para com damas folgar- *Beira Baixa*.

- Não quero oiro nem prata,  
Se oiro e prata me heis – de dar;  
Quero guardar lealdade  
A quem na devo guardar:  
As palavras que são ditas,  
A el - rei as vou contar.»

Foi dali o bom pajem <sup>(1)</sup>  
Andando de bom andar  
À casa da estudaria,  
Onde el-rei estava a estudar:  
—« Deus vos salve, senhor rei,  
E a vossa c'roa real!  
Lá deixei o Conde Claros  
Com a princesa a folgar.»  
—«Se a puridade o dissesses,  
Tença te havia de dar;  
Mas pois tão alto falaste,  
Alto hás-de ir a enforcar.

Castigar os chocalheiros  
Boa justiça real:  
Mas o pobre Conde Claros  
Também vai a degolar.  
- Vinde, vinde, Claralinda...  
Como estais a descansar!  
Vinde ver o Conde Claros  
Que el-rei o manda matar.»  
Que el-rei o manda matar.  
- Acudi minhas donzelas,  
Vinde-me acompanhar:  
Que se el-rei lhe não perdoa,  
Com ele quero acabar <sup>(2)</sup>.

- Deus nos salve, senhor rei  
E a vossa c'roa real!  
Que voz fez o Conde Claros  
Para o mandardes matar?

---

<sup>(1)</sup> Foi dali o pajenzito – *Alentejo*.

<sup>(2)</sup> Com ele me hão- de matar - *Minho*

- Se eu tivera outra filha  
Para em meu reino reinar,  
Juro-te, ó Claralinda,  
Que o ias acompanhar.

Mas toma-os tu por marido,  
Por genro o quero tomar;  
E ninguém mais nesta corte  
Se atreva a mexericar <sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> A lição da Estremadura acrescenta aqui:

- «Ganhaste, mexeriqueiro,  
Com o teu mexericar!»  
- «Ganhei a morte, senhora;  
- «Se ela está na minha mão,  
A vida não te hei-dar:  
Para outra não fazeres  
Já irás a degolar,  
E ao rabo de meu cavalo  
Te mandarei arrastar.»



## LIÇÃO CASTELHANA

Media noche era por hilo,  
Los gallos queriam cantar,  
Conde Claros por amores  
No podia reposar:  
Dando muy grandes sospiros  
Que el amor lê hacía dar,  
Porque amor de Claraniña  
No le deja sosegar;  
Cuando vino la mañana  
Que queria alborear,  
Salto diera de la cama  
Que parece um gavián.  
Vocês dá por el palácio  
Y empezara de llamar:  
— «Levantaos, mi camarero,  
Dadme vestir y calzar.  
Presto estaba el camarero,  
Para habérselo de dar.  
Diérale jubón de seda  
Aforrado em zarzanán,  
Diérale um manto muy rico  
Que no se puede apreciar,  
Trescientas piedras preciosas  
Alrededor del collar,  
Traéle um rico caballo  
Que en la corte no hay su par,  
Que la silla com el freno  
Bien valia uma ciudad,  
Com trecientos cascabeles  
Alrededor del petral;  
Los ciento eran de oro,  
Y los ciento de metal,  
Y los ciento son de plata  
Por los sonos concordar.  
Íbase para el palácio,  
Para el palácio real,

Y á la infanta Claraniña  
Allí la fuera a hablar:  
Trecientas damas com ella  
La iban á acompañar.  
Tan linda va Clarañina,  
Que á todos hace penar.  
Conde Claros que la vido  
Luego va á descabargar,  
De rodillas en el suelo  
Le comenzó de hablar:  
—«Mantenga Dios á tu alteza.»  
—«Conde Claros, bien vengáis.»  
Las palabras que prosigue  
Eran para enamorar.  
— «Conde Claros, conde Claros,  
El señor de Montalván:  
¡Como hábeis hermoso cuerpo  
Para com moros lidiar!»  
Respondiera el conde Claros,  
Tal repuesta lê fué á dar:  
—« Mejor le tengo, señora,  
Para com damas holgar.  
Si yo os tuviera esta noche,  
Mi señora, á mi mandar,  
Querría la outra mañana  
Com ciento moros pelear,  
Y si á todos no venciese  
Que me mandase matar.»  
—« Callede, conde, callede,  
Y no os queráis alabar;  
El que quiere servir damas  
Así lo suele hablar,  
Y al entrar en las batallas  
Bien se saben excusar.»  
—« Si no lo creéis, señora,  
Por las obras se verá:  
Siete años son pasados  
Que os emepece de amar,  
Que de noche yo no duermo,  
Ni de dia puedo holgar.»

—«Siempre os preciastes, conde,  
De las damas os burlar:  
Mas déjame ir á los baños,  
Á los baños á bañar,  
Cuando yo sea bañada  
Estoy á vuestro mandar.»  
Respondiérale el buen conde,  
Tal respuesta le fué á dar:  
- «Bien sabedes vós, señora,  
Que soy cazador real;  
Caza que tengo en la mano,  
Nunca la puedo dejar.»  
Tomárala por la mano,  
Y para um vergel se van,  
A la sombra de un ciprés  
Y debajo de um rosal

.....  
Mas fortuna que es adversa  
Á placeres y á pesar  
Trujo allí un cazador,  
Que no debía pasar,  
Detrás de uma podenca  
Que rabia debia matar.  
Vido estar al conde Claros  
Con la infanta á lindo holgar:  
El conde cuando lo vido,  
Empezóle de llamar:  
—«Ven açá tu, el cazador,  
Y Dios te guarde de mal;  
De todo lo que hás visto  
Que nos guardes poridad;  
Daréte mil marcos de oro,  
Y si más quisieres, más;  
Casarte he con una doncella  
Que era mi prima carnal;  
Darte he en arras y en dote  
La villa de Montalván.  
De otra parte la infanta  
Mucho más te puede dar.»  
El cazador sin ventura

No lês quiso escuchar,  
Váse para los palácios  
Adonde el buen rey está.  
—Manténgate Dios, el rey,  
Y á tu corona real:  
Uma nueva yo te traigo  
Dolorosa y de pesar:  
No te cumple traer corona  
Ni em caballo cabalgar;  
La corona de la cabeza  
Bien te la puedes quitar,  
Si tal deshonra como ésta  
La hubieses de comportar,  
Que he hallado la infanta  
Con Claros de Montalván,  
Besándola y abránzola  
En vuestro huerto real.»

.....  
El rey con muy grande enojo  
Mando al cazador matar,  
Porque había sido osado  
De tales nuevas llevar.  
Mando llegar alguaciles  
Apriesa, no de vagar;  
Mando armar quinientos hombres  
Que lo hayan de acompañar  
Para que prendan al conde,  
Y lo hayan de tomar,  
Y mando cerrar las puertas,  
Las puertas de la ciudad.  
Á las puertas de palácio  
Allá le fueran á hallar:  
Preso llevan al buen conde  
Con mucha riguridad,  
Unos grillos á los pies  
Que bien pesan un quintal;  
Las esposas á las manos,  
Que era dolor de mirar,  
Una cadena á su cuello  
Que de hierro era el collar;

Cabalgante em uma mula  
Por más deshonra lê dar:  
Metieronle em uma torre  
De muy gran escuridad:  
Las llaves de la prisi6n  
El rey las quiso llevar,  
Porque sin licencia suya  
Nadie le pudiese hablar.  
Por el rogaban los grandes  
Cuantos en la corte est6n,  
Por 6l rogaba Oliveros,  
Por el rogaba Rold6n,  
Y ruegan los doce pares  
De Francia la natural;  
Y las monjas de Sant'Ana  
Con las de la natural;  
Y las monjas de Sant'Ana  
Con las de la Trinidad  
Llevaban un crucifijo  
Para el rey poder rogar:  
Con ellas va el arzobispo  
Y un predalo y cardenal,  
Mas el rey con grande enojo  
À nadie quiso escuchar;  
Antes de muy enojado,  
Sus grandes mando llamar:  
Cuando ya los tuvo juntos  
Empez6les de hablar:  
—«Amigos 6 hijos mios,  
À lo que os hice llamar,  
Ya sabeis que el conde Claros,  
El se6or de Montalv6n,  
De nino yo le he criado  
Hasta ponello em edad,  
Y le he guardado su tierra,  
Que su padre le fu6 á dar,  
El que morir no debiera,  
Reinados de Montalv6n;  
Y por hacello m6s grande,  
De lo mio lo quiso dar.

Hícele gobernador  
De mi reino natural:  
Él por darme galardón  
Mirad em qué fué á tocar,  
Que quiso forzar la infanta,  
Hija mía natural.  
Hombre que lo tal comete  
¿Qué sentencia le han de dar?  
Todos dicen á una voz  
Que lo hayan de degollar;  
Y así la sentencia dada,  
El buen rey fué á firmar.  
L'arzobispo qu'esto viera  
Al buen rey fué á hablar,  
Pidiéndole por merced  
Licencia le quiera dar  
Para ir á ver al conde  
Y su muerte denunciar:  
—« Pláceme dijo el buen rey,  
Pláceme de voluntad,  
Mas con esta condición,  
Que solo hábeis de andar  
Con aqueste pajecico  
Que le va á acompañar. »  
Cuando vido estar al conde  
En su prisión y pesar,  
Las palabras que le dice  
Dolor eran de escuchar.  
—«Pésame de vos, el conde,  
Cuanto me puede pesar,  
Que los yerros por amores  
Dignos son de perdonar.  
La desastrada caída  
De vuestra suerte y ventura,  
Y la nueva á mí venida,  
Sabed que hace mi vida  
Más triste que la tristura;  
De forma que no sé donde  
Pueda yo placer cobrar;  
Y como á vos no se esconde,

De vos me pesa, buen conde,  
Porque así os quierem matar.  
Los como vos esforzados,  
Para las adversidades  
Han de estar aparejados,  
Tanto á sufrir los cuidados,  
Como las prosperidades:  
Pues el primero no fuistes  
Vencido por bien amar,  
No temais angustias tristes,  
Que los yerros que hecistes  
Dignos son de perdonar.  
Por vos he rogado al rey,  
Nunca me quiso escuchar,  
Antes há dado sentencia  
Que os hayan de degollar;  
Yo os lo dije bien, sobrino,  
Que os dejásedes de amar,  
Que el que á las mujeres ama  
A tal galardón de dan,  
Que haya de morir por ellas  
Y en las cárceles penar.»  
Respondió presto el buen conde  
Con esfuerzo singular:  
— «Callede por Dios, mi tío,  
No me queráis enojar,  
Quien no ama las mujeres  
No se puede hombre llamar;  
Mas la vida que yo tengo  
Por ellas quiero gastar.»  
Respondióle el pajecico,  
Tal respuesta le fue á dar:  
—«Conde, bien aventurado  
Siempre os deben de llamar,  
Porque muerte tan honrada  
Por vos había de pasar:  
Mas envidia he de vos, conde,  
Que el rey que os manda matar,  
Porque muerte tan honrada  
Por mi hubiese de pasar.

Llama yerro la fortuna  
Quien no la sabe gozar,  
Que la priesa del cadahalso  
Vos, conde, la débeis dar;  
Si no es dada la sentencia  
Vos la débeis de firmar.»  
El conde cuando esto oyera  
Tal respuesta le fué á dar:  
—«Por Dios te ruego, paje,  
Em amor de caridad,  
Que vais á la princesa  
De mi parte á le rogar,  
Que suplico á su alteza  
Que ella me salga á mirar,  
Que en la hora de mi muerte  
Y ola pueda contemplar,  
Que si mis ojos la ven  
Mi alma no há de penar.»  
Ya se parte el pajecico,  
Ya se parte, ya se va,  
Llorando de los sus ojos  
Que queria reventar.  
Topara con la princesa,  
Bien oiréis lo que dirá:  
—«Agora es tiempo, senõra,  
Que hayáis de remediar,  
Que á vuestro querido el conde  
Lo llevan á degollar.»  
La infanta que esto oyera  
Em tierra muerta se cae;  
Damas, dueñas y doncellas  
No la pueden retornar,  
Hasta que llegó su aya,  
La que la fué á criar:  
—«Qué es aquesto, la infanta?  
Aquesto ?qué puede estar?»  
—«¡Ay de mi, triste, mezquinha  
Que no sé qué puede estar,  
Que si al conde me matan  
Yo habré de desesperar.»



—«Salieésedes vos, mi hija,  
Saliésedeslo á quitar.»  
Ya se parte la infanta,  
Ya se parte, ya se vá:  
Fuése para el mercado  
Donde lo han de sacar:  
Vido estar el cadahalso  
Em que lo han de degollar;  
Damas, dueñas y doncellas  
Que lo salen á mirar.  
Vió venir la gente d'armas  
Que lo traen á matar,  
Los pregoneros delante  
Por su yerro publicar.  
Con el poder de la gente  
Ella no podía pasar.  
—«Apartaos, gente d'armas,  
Todos me haced lugar,  
Si no... por vida del rey  
A todos mande matar.»  
La gente que la conoce  
Luego le hacen lugar,  
Hasta que llegó al conde  
Y le empezára de hablar:  
—«Esforzá, esforzá, el buen conde  
Y no queráis desmayar,  
Que aunque yo pierda la vida,  
La vuestra se há de salvar.»  
El alguacil que esto oyera  
Comenzó de caminar;  
Váse para los palácios  
Adonde el buen rey está.  
—«Cabalgue la vuestra alteza  
Apriesa, no de vagar,  
Que salida es la infanta  
Para el conde nos quitar:  
Los unos manda que maten,  
Y los otros ahorcar;  
Si vuestra alteza no acorre  
Yo no puedo remediar.»

El buen rey, de que esto oyera,  
Comenzó de caminar,  
Y fuése para el mercado,  
Adonde el conde fué á hallar:  
—« ¿Qué es aquesto, la infanta?  
Aquesto? que puede estar?  
¿ La sentencia que you he dado  
Vos la quereis revocar?  
Yo juro por mi corona,  
Por mi corona real,  
Que si heredero tuviese  
Que me hubiese de heredar,  
Que a vós y al conde Claros  
Vivos os haría quemar.»  
—«Que vós me mateis, mi padre,  
Muy bien me podeis matar,  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera él acordar  
Delos servicios pasados  
De Reinaldos de Montálvan,  
Que murió en las batallas  
Por tu corona ensalzar:  
Por los servicios del padre  
Lo debes galardonar;  
Por mal querer de traidores  
Vos no lo débeis matar,  
Que su muerte será causa  
Que me hayáis de disfamar.  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera aconsejar,  
Que los reyes con furor  
No deben de sentenciar,  
Que su muerte será causa  
Que me hayáis de disfamar.  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera aconsejar,  
Que los reyes con furor  
No deben de sentenciar,  
Porque el conde es de linaje  
Del reino más principal,

Porque él era de los doce  
Que á tu mesa comen pan,  
Sus amigos y parientes  
Todos te querían mal:  
Revolveros han en guerra,  
Los reinos se perderán.»  
El buen rey, cuando esto oyera.  
Commenzara á demandar:  
—«Consejo os pido, los mios,  
Que me queráis aconsejar.»  
Luego todos se apartaron  
Por su consejo tomar:  
El consejo que le dieron  
Que lo haya de perdonar,  
Por quitar males y bregas,  
Y la princesa afamar.  
Todos firman el perdón,  
El buen rey lo fué a firmar;  
También lo aconsejaron,  
Fuerón de consejo á dar,  
Pues la infanta quería al conde,  
Com él haya de casar.  
Ya desfierran al buen conde,  
Ya le mandan desferrar,  
Descabalga de la mula  
El arzobispo á desposar.  
El tomólos de las manos,  
Así los hubo de juntar.  
Los enojos y pesares  
Placeres se han de tornar<sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Ochoa, *Tesoro de Romanceros*, pág. 24; Durán Romancero, General, tom. I, pág. 218, 1849-1851. Nesta última espléndida coleção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as provas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do Cancioneiro General de 1511. Este é um dos romances que ficaram imortalizados pelas citações e alusões de Cervantes, *D. Quijote*, cap. 9, part. 2.

XIV

Dom Beltrão

Não é das menos interessantes para a história da poesia popular na Península esta lição portuguesa do romance de Dom Beltrão, que na castelhana se diz *De la Batalla de Roncesvalles*.

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o houvemos pelos nossos mais próximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é ele arraiano e não anda senão pelos extremos da Beira e Trás-os-Montes.

Com ser este um dos mais belos que tem o romancero de Castela, eu acho-o mais bonito em português, mais repassado daquela melancolia e sensibilidade que faz o carácter da poesia do nosso dialecto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Espanha.

O «cavalo moribundo» que se levanta diante do pai de seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar—é digno da *Ilíada* e não se desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em apêndice a lição castelhana.

Variante portuguesa não chegaram à minha mão, e este único texto me veio de Trás-os-Montes.

A novíssima edição do *Romancero General* do Sr. Duran<sup>1</sup>, obra de sumo gosto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do século XV.

---

<sup>(1)</sup> Em dois volumes grandes, Madrid, 1849-1851.

## DOM BELTRÃO

—«Quedos, quedos, cavaleiros,  
Que el-rei os manda contar!»  
Contaram e recontaram,  
Só um lhe vinha a faltar:  
Era esse Dom Beltrão,  
Tão forte no batalhar;  
Nunca o acharam de menos  
Senão naquele contar,  
Senão ao passar do rio  
Nos portos<sup>1</sup> do mal passar.  
Deitam sortes à ventura  
A qual o havia de ir buscar:  
Que ao partir fizeram todos  
Preito homenagem no altar,  
O que na guerra morresse  
Dentro em França se enterrar.  
Sete vezes deitam sortes  
A quem no há-de ir buscar;  
Todas sete lhe caíram  
Ao bom velho de seu pai.  
Volta rédeas ao cavalo,  
Sem mais dizer nem falar...  
Qu lh'a sorte não caíra,  
Nunca ele havia ficar.  
Triste e só se foi andando,  
Não cessava de chorar;  
De dia vai pelos montes,  
De noite vai pelo val;  
Aos pastores perguntando  
Se viram ali passar  
Cavaleiro de armas brancas.  
Seu cavalo tremedal<sup>2</sup>.  
-«Cavaleiro de armas brancas,  
Seu cavalo tremedal,  
Por esta ribeira fora

---

(<sup>1</sup>) Portos ou passagens dos Pirinéus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

(<sup>2</sup>) Cavalo tremedal, o quê?

Ninguém não no viu passar.»  
Vai andando, vai andando,  
Sem nunca desanimar,  
Chega àquela mortandade  
Donde fora Roncesval:  
Os braços já tem cansados  
De tanto morto virar;  
Viu a todos os franceses,  
Dom Beltrão não pode achar.  
Volta atrás o velho triste,  
Voltou por um areal,  
Viu estar um perro moiro  
Em um adarve a velar:  
—«Por Deus te rogo, bom moiro,  
Me digas sem me enganar,  
Cavaleiro de armas brancas  
Se o viste por qui passar.  
Ontem à noite seria,  
Horas de o galo cantar.  
Se entre vós está cativo,  
A oiro o hei-de-pesar.»  
—«Esse cavaleiro, amigo,  
Diz-me tu que sinais traz.»  
—«Brancas são as suas armas,  
O cavalo tremedal.  
Na ponta de sua lança  
Levava um branco sendal,  
Que lho bordou sua dama  
Bordado a ponto real.»  
—«Esse cavaleiro, amigo,  
Morto está nesse pragal,  
Com as pernas dentro d`água,  
O corpo no areal.  
Sete feridas no peito  
A qual será mais mortal:  
Por uma lhe entra o sol,  
Por outra lhe entra o luar,  
Pela mais pequena delas  
Um gavião a voar.»  
—«Não torno culpa a meu filho,

Nem aos moiros de o matar;  
Torno a culpa ao seu cavalo  
De o não saber retirar.»  
Milagre! quem tal diria,  
Quem tal poderá contar!  
O cavalo meio morto  
Ali se pôs a falar:  
—«Não me tornes essa culpa,  
Que ma não podes tornar:  
Três vezes o retirei,  
Três vezes para o salvar;  
Três me deu de espora e rédea  
Co'a sanha de pelejar.  
Três vezes me apertou cilhas,  
Me alargou o peitoral...  
À terceira fui a terra  
Desta ferida mortal.»



## LIÇÃO CASTELHANA

Em los campos de Alventosa  
Mataron á Don Beltrán,  
Nunca lo echaron menos  
Hasta los puertos pasar.  
Siete veces echan suertes  
Quién lo volverá á buscar,  
Todas siete le cupieron  
Al buen viejo de su padre;  
Las tres fueron por malicia,  
Y las cuatro con maldad.  
Vuelve riendas al caballo,  
Y vuélveselo á buscar,  
De noche por el camino,  
De día por el jaral.  
Por la matanza va el viejo,  
Por la matanza adelante;  
Los brazos lleva cansados  
De los muertos rodear:  
No hallaba al que buscaba,  
Ni menos la su señal.  
Vido todos los franceses  
Y no vido á Don Beltrán.  
Maldiciendo iba el vino,  
Maldiciendo iba el pan,  
El que comian lãs moros,  
Que no el de la cristiandad:  
Maldiciendo iba el árbol  
Que solo en el campo nasce,  
Que todas las aves Del cielo  
Allí se vienen á asentar,  
Que de rama ni de hoja  
No lo dejaban gozar:  
Maldiciendo iba el caballero,  
Que cabalgaba si page,  
Si se lê cae la Lanza  
No tiene quien se la alce,  
Y si se lê cae la espuela  
No tiene quien se la calce:

Maldiciendo ib ala mujer  
Que tan solo un hijo pare;  
Si enemigos se lo matan  
No tiene quien lo vengar.  
A la entrada de um puerto,  
Saliendo de um arenal,  
Vido em esto estar un moro  
Que velaba em um adarve;  
Hablóle en algarabia,  
Como aquel que bien la sabe:  
—«Por Dios te ruego, el moro,  
Me digas una verdad:  
Caballero de armas blancas  
Si lo viste açá pasar,  
Y si tu lo tienes preso  
A oro lo pesarán;  
Y si tu lo tienes muerto,  
Désmelo para enterrar;  
Pues que el cuerpo sin el alma  
Solo un dinero no vale.  
—«Ese caballero, amigo,  
Dime tú qué señas trae.»  
-«Blancas armas son la suyas  
Y el caballo es alazán.  
En el carrillo derecho  
El tenía una señal,  
Que siendo nino pequeno  
Se la hizo un gavillán.»  
—«Este caballero, amigo,  
Muerto está en aquel pradal:  
Las piernas tiene en el agua;  
Y el cuerpo en ela renal,  
Siete lanzadas ténia  
Desde el hombro al calcañal,  
Y otras tantas su caballo  
Desde la cincha al pretal.  
No le dés culpa al caballo  
Que no se la puedes dar;  
Siete veces lo saco  
Sin herida y sin señal,

Y otras tantas lo volvió  
Con gana de pelear<sup>(1)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Duran, *Romancero* General, tom I, pág 263,1849-1851.-Não citarei mais outra colecção castelhana desde que possuo esta, a mais completa e ordenada de todas.

XV

Dom Gaifeiros

Eis aqui uma verdadeira preciosidade literária, a edição ou lição portuguesa de um dos mais celebrados romances da nossa Península, *Dom Gaifeiros*.

Tinha-o encontrado na colecção manuscrita do cavaleiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria à sua memória, supondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavaleiro, e que ele não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Trás-os-Montes. Tenho em minha mão cópias autênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e inteligentes daquela província. As cópias não diferem no essencial; todas são muito curtas do que as lições castellanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue literalmente; e o mesmo faz a do cavaleiro de Oliveira, que é, todavia, a mais completa das portuguesas.

Apurei por todas elas o texto como aqui dou, recorrendo, nas frequentes dificuldades e dúvidas em que me achei, à lição castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do *Cancioneiro de Ambers*, nem da Floresta de varios, senão de um códice muito antigo que tinha à vista. Esta cópia<sup>(1)</sup>, diz ele é certo, é a que mais quadra com a descrição de mestre Pedro no Dom Quixote, naquele celebrado capítulo<sup>(2)</sup> da segunda parte que para sempre deixou imortal este romance.

Thomaz Rodd, o tradutor inglês dos romances espanhóis sobre Carlos Magno<sup>(3)</sup>, diz a este respeito que não é capítulo aquele que se cite, senão que se deve ler e estudar na íntegra. E com efeito ele é o melhor argumento e o melhor comentário do romance que pode fazer-se. Transcrevê-lo-ei todo nessa parte:

«Miren vuesas Mercedes también como el emperador vuelve las espaldas, y deja despechado a Don Gaifeiros, el cua ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de si el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y a Don Roldán su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldán no se la quiere prestar, ofreciéndole su compañía en la difícil empresa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar a su esposa, si bien estuviese metida en el más hondo centro de

---

<sup>(1)</sup> Duran, *Romancero General*, tom.I, pág. 248, 1849-51.

<sup>(2)</sup> *Don Quijote*, part. 2, cap.26

<sup>(3)</sup> *History of Charles the Great and Orlando etc...* With the most celebrated spanish ballads, etc..., 2 vols. London, 1812.

la tierra, y con esto se entra a armas para ponerse luego en camino. Vuelvan vuesas Mercedes dos ojos a aquella torre que allí parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que ahora llaman la Aljafería, y aquella dama que en aquel balcón parece vestida a lo moro es la sin par Melisendra, que desde allí muchas veces se ponía a mirar el camino de Francia, y puesta la imaginación en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren también un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás. ¿ No ven aquel moro, que callandico y pasito a paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como le da un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da a escupir y a limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se arranca de pesar manga cabellos, como si ellos tuvieran la culpa del maleficio. Miren también

como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es el rey Marsilio de Sansueña, el cual por haber visto la insolencia del moro, puesto que era un pariente y gran privado suyo, le mandó prender, y que le den doscientos azotes, llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aquí donde salen a ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecución la culpa, porque entre moros no hay traslado a la parte, ni a prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta a esta sazón Don Quijote, seguid vuestra historia línea recta, y no os metais en las curvas ó transversales, que para sacar una verdade en limpio, menester son muchas pruebas y repruebas. También dijo maese Pedro desde dentro: muchacho, no te metas en dibujos, sino haz lo que ese señor te manda, que será lo más acertado: sigue tu canto llano, y no te metas em contrapuntos, que se suellen quebrar de sotiles.

Yo lo haré así, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo:

Esta figura que aquí parece a caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaiferos, a quien su esposa esperaba, y ya vengada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y más sosegado semblante se ha puesto a los miradores de la torre, y habla con su esposo, creyendo que es algún pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y colóquios de aquel romance, que dice:

Caballero, si a Francia ides,  
Por Gaiferos preguntad.

Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele enjendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se descubre, y que por los ademances alegres que Melisendra hace, se nos da a entender que ella le ha conocido, y más ahora que vemos se descuelga de balcón para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo. Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldelín, de uno de los hierros del balcón, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero veis como el piadoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar se rasgará ó no el rico faldelín ase de ella, y mal su grado lo hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo a horcajadas como hombre y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruce en el pecho, porque no se caiga, a causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada a semejantes caballerías. Veis también como los relinchos del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora. Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, o par sin par de verdaderos amantes; llegueis a salvamiento a vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viaje: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gozar en paz tranquila los días (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aquí alzó otra vez la voz maese Pedro, y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbes, que toda afectacion es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron alguns ociosos ojos, que le suelen ver todo, que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia a el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que priesa, que va la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso no, dijo a esta sazón Don Quijote; en esto de las campanas anda muy impropio maese Pedro, porque entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un género de dulzainas que parecen nuestras chirimías; y esto de sonar campanas en Sansueña, sin Duda que es un gran disparate. Lo cual oido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo; no mire vuesa merced en niñerías, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle. ¿No se representan por ahí casi de ordinario mil comedias llenas de mil impropiedades y disparates y con todo eso, corren felicísimamente su carrera, y se

escuchan no solo con aplauso, sino con admiración y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, siquiera represente más impropiedades que tiene átomos el sol. Así es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo: —

Miren cuanta y cuán lucida caballería sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzainas que tocan, y cuantos atabales y tambores que retumban: témome que los han alcanzar, y los han de volver atados a la cola de su mismo caballo, que será un horrendo espectáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quijote, parecióle ser bien dar ayuda a los huian, y levantándose en pié, en voz alta dijo: no consentiré yo que en mis días y en mi presencia se le haga superchería a tan famoso caballero y a tan atrevido enamorado como Don Gaiferos; deteneos, mal nacida canalla, no le sigais ni persigais; sino, conmigo sois en batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la espada, y de un brinco se puso junto al retablo y con acelerada y nunca vista furia comenzó a llover cuchilladas sobre la titeretera morisma, derribando a unos, descabezando a otros, estropeando a éste, destrozando a aquél, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que si ámese Pedro no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la cabeza con más facilidad que si fuera hecha de masa de mazapán.»

A nossa lição portuguesa tem todos os caracteres de se do século XVI.



## DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros  
Lá em palácio real,  
Assentado ao tabuleiro  
Para as távolas jogar.  
Os dados tinha na mão,  
Que já os ia deitar,  
Senão quando vem seu tio  
Que lhe entra a pelejar:  
- Para isso és, Gaifeiros,  
Para os dados arrojjar;  
Não para ir tomar damas,  
Com a moirisma jogar.  
Tua esposa lá têm moiros,  
Não a sabes ir buscar <sup>1</sup>:  
Outrem fora seu marido,  
Já lá não havia estar.  
Palavras não eram ditas,  
Os dados vão pelo ar...  
A que não fora o respeito <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Não és para a ir buscar- *Trás-os-Montes*.

<sup>2</sup> Se ali não fora o respeito- *Ms. de Oliveira*.

Da pessoa e do lugar,  
Távolas e tabuleiro  
Tudo fora espedaçar.  
A seu tio, Dom Roldão,  
Tal resposta lhe foi dar:  
- Sete anos a busquei, sete,  
Sem a poder encontrar;  
Os quatro por terra firme,  
Os três sobre águas do mar <sup>172</sup>.  
Andei por montes e vales,  
Sem dormir, nem descansar;  
O comer da carne crua,  
No sangue a sede matar.  
Sangue vertiam meus pés  
Cansados de tanto andar;  
E os sete anos cumpridos  
Sem a poder encontrar.  
Agora a saber sou vindo <sup>173</sup>  
Que a Sansonha foi parar;  
E eu nem armas nem cavalo  
Com que a possa ir buscar:  
Que a meu primo Montezinhos  
Há pouco os fui emprestar  
Para essa festa de Hungria  
Onde se foi a justar (<sup>174</sup>).  
Mercê vos peço, meu tio,  
Se ma vós quiséreis dar,  
Vossas armas e cavalo

---

<sup>172</sup> Os três por cima do mar – *Trás-os-montes*.

(<sup>173</sup>) Ela estava em Salsonha,

Lá em palácio real. – *Trás-os-Montes*.

(<sup>174</sup>) Onde foi a tornear – *Ms. de Oliveira*.

Que mais queirais emprestar <sup>(175)</sup>.

- Sete anos são cumpridos,  
Bem nos deves de contar,  
Que Melisendra é cativa  
E a vida leva a chorar.  
E sempre te vi com armas,  
Com cavalos a adestrar;  
Agora que estás sem eles  
É que a queres ir buscar?  
Minhas armas não te empresto  
Que as não posso desarmar;  
Meu cavalo bem vezeiro <sup>(176)</sup>,  
Não o quero mal vezar.

- As vossas armas, meu tio,  
Que mas não queirais negar,  
A minha esposa cativa  
Como a hei-de eu ir buscar?

- Em São João de Latrão  
Fiz juramento no altar,  
De a ninguém não prestar armas  
Que mas faça acovardar <sup>(177)</sup>.

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,  
A espada foi a tirar,  
Saltam-lhe os olhos da cara  
De merencório a falar:

- Bem parece, Dom Roldão,  
Bem parece, mal pesar!  
O muito amor que me tendes  
Para assim me afrontar.  
Mandai-me dizer por outrem  
Que me las possa pagar,  
Essas palavras, meu tio,  
Que vos não quero tragar.  
Acode ali Dom Guarino,  
O almirante do mar,

---

<sup>(175)</sup> A minha esposa entre moiros,  
Eu a quero ir buscar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>(176)</sup> Bem vezado – *Ms. de Oliveira*.

<sup>(177)</sup> Por mas não encovardar – *Ms. de Oliveira*.

Durandarte e Oliveiros  
Que os vêm a separar;  
Com outros muitos dos doze  
Que ali sucedeu de estar.  
Dom Roldão muito sereno  
Assim lhe foi a falar:  
- Bem parece, Dom Gaifeiros,  
Bem se deixa de mostrar,  
Que a falta de anos, sobrinho,  
Em tudo vos faz faltar.  
Aquele que mais te quer,  
Esse te há-de castigar:  
Foras tu mau cavaleiro,  
Nunca te eu dissera tal,  
Porque sei que és bom to disse...<sup>(178)</sup>  
E agora, armar e selar!  
Meu cavalo e minhas armas  
Aí estão a teu mandar  
E mais, terás o meu corpo <sup>(179)</sup>  
Para te ir acompanhar.  
- Mercês, meu tio, hei-de ir só <sup>(180)</sup>

---

<sup>(178)</sup> Por tu seres bom, to disse – *Ms. de Oliveira*.

<sup>(179)</sup> E aqui tendes o meu corpo

Para vos acompanhar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>(180)</sup> Só quero ir, meu tio, só,

Para melhor a tirar. – *Trás-os-Montes*.

Só, tenho de ir buscar.  
Venham armas e cavalo  
Que já me quero marchar.  
De covarde a mim! Ninguém  
Nunca me há-de apelidar.  
Dom Roldão a sua espada  
Ali lhe foi entregar:  
- Pois só queres ir, sobrinho,  
Esta te há-de acompanhar.  
Meu cavalo é generoso,  
Não o queiras sopear;  
Dá-lhe mais rédea que espora,  
Nele te podes fiar.

Andando vai Dom Gaifeiros,  
Andando de bom andar.  
Por essas terras de Cristo,  
Te a moirama chegar.  
la triste e pensativo,  
Cheio de grande pesar:  
Melisendra em mãos de moiros,  
Como lha há-de sacar?...  
Pára às portas de Sansonha <sup>(181)</sup>  
Sem saber como há-de entrar:  
Estando neste cuidado  
As portas se abrem de par.  
El-rei com os seus cavaleiros  
Saía ao campo a folgar;  
Mui galãs iam de festa,  
Mui ledos a cavalgar <sup>(182)</sup>.

Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,

---

<sup>(181)</sup> Salsonha diz sempre a lição de *Trás-os-Montes*.

<sup>(182)</sup> Mui guapos – *Ms. de Oliveira*.

Pelas portas foi entrar;  
Deu com um cristão cativo  
Que ali andava a trabalhar:

- Por Deus te peço, cativo,  
E ele te venha livrar!  
Assim me digas se ouviste  
Nesta terra a nomear  
A uma dama cristã,  
Senhora de alto solar,  
Que anda cativa entre moiros  
E a vida leva a chorar.  
- Deus te salve, cavaleiro,  
Ele te venha ajudar!  
E assim me dê outra vida,  
Que esta se vai a chorar.  
Pelos sinais que me deste,  
Já bem te posso afirmar  
Que a dama que andas buscando  
Em palácio deve estar.  
Toma essa rua direita  
Que leva ao paço real;  
Lá verás pelas janelas <sup>(183)</sup>  
Muitas cristãs a folgar.  
Tomou a rua direita  
Que no palácio vai dar,  
Alçou os olhos ao alto,  
Melisendra viu estar,  
Sentada àquela janela  
Tão entregue a seu pensar,

---

<sup>(183)</sup> Pelos balcões – *Ms. de Oliveira*.

Que as outras em redor dela  
Não nas sentia folgar.  
Rua abaixo, rua acima  
Gaifeiros a passear.  
- Oh que lindo cavaleiro,  
De tão gentil cavalgar <sup>(184)</sup> !  
- Melhor sou jogando às damas,  
Com moiros a batalhar!  
Melisendra que isto ouviu  
Começava de chorar:  
Não já que ela o conhecesse;  
Nem tal se podia azar,  
Tão coberto de armas brancas,  
Tão diferente no trajar;  
Mas por ver um cavaleiro  
Que lhe fazia lembrar  
Aqueles doze de França,  
Aquele terra sem par,  
As justas e os torneios  
Que ali soíam de armar  
Quando por sua beleza  
Andavam a disputar.  
Com voz chorosa e sentida  
Começou de o chamar:  
- Cavaleiro, se a França ides <sup>(185)</sup>,  
Recado me heis levar <sup>(186)</sup>,

---

<sup>(184)</sup> - Donde é o cavaleiro

De tão lindo passear?

- O cavaleiro é cristão

Das bandas dalém do mar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>(185)</sup> - Se cristão sois, cavaleiro,

Recado me haveis levar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>(186)</sup> Esta é a memorável copla citada por Cervantes no *Dom Quixote* e que daí obteve sua celebridade européia.

Que digais a Dom Gaifeiros  
Porque me não vem buscar.  
Se não é medo de moiros,  
De com eles pelejar,  
Já serão outros amores  
Que o fizeram olvidar...  
Enquanto eu presa e cativa  
A vida levo a chorar.  
E mais se este meu recado,  
O não quiser aceitar,  
Dá-lo-eis a Oliveiros,  
A Dom Beltrão o heis-de dar.  
E a meu pai o imperador  
Que já me mande buscar,  
Pois me querem fazer moira  
E de Cristo renegar.  
Com um rei moiro me casam  
De além das bandas do mar,  
Dos sete reis de moirama  
Rainha me hão-de coroar.  
- Esse recado, senhora,  
Vós mesma lho haveis de dar <sup>(187)</sup>;  
Dom Gaifeiros aqui o tendes  
Que vos vem a libertar.  
Palavras não eram ditas <sup>(188)</sup>,  
Os braços lhe foi a dar,  
Ela do balcão abaixo

---

<sup>(187)</sup> Eu mesmo lho hei-de dar;  
Pois Dom Gaifeiros sou eu  
Que vos tenho a buscar. – *Trás-os-Montes*.

<sup>(188)</sup> A fala não era dita,  
Puseram-se a caminhar;  
Tirou-a pelo balcão  
Por não haver mais lugar. – *Trás-os-Montes*.



Se deitou sem mais falar.  
Maldito perro de moiro  
Que ali andava a rondar!  
Em altos gritos o moiro  
Começava a bradar:  
- Acudam à Melisendra,  
Que a vêm os cristãos roubar (<sup>189</sup>)!  
- Melisendra , minha esposa,  
Como havemos de escapar?  
- Com Deus e a Virgem Maria  
Que nos hão-de acompanhar.  
- Melisendra, Melisendra,  
Agora é o esforçar!  
Aperta a cilha ao cavalo,  
Afrouxa-lhe o peitoral,  
Saltou-lhe em cima de um pulo,  
Sem pé no estribo poisar.  
Tomou-a pela cintura,  
Que o corpo ergueu por lha dar;  
Assenta a esposa à garupa  
Para que o possa abraçar (<sup>190</sup>),  
Finca esporas ao cavalo,  
Que o sangue lhe fez saltar.  
Aqui vai, acolá voa...  
Ninguém no pode alcançar.  
Os moiros pela cidade  
A correr e a gritar;  
Quantas portas ela tinha  
Todas as foram cerrar.  
Sete vezes deu a volta

---

(<sup>189</sup>) Que se vai para além-mar. – *Trás-os-Montes*.

(<sup>190</sup>) Ela o foi abraçar – *Ms. de Oliveira*.

Da cerca sem passar,  
O cavalo às oito vezes  
De um salto a foi saltar.  
Já os moiros da cidade  
O não podem avistar:  
Acode o rei Almançor  
Que vinha de montar,  
Com todos seus cavaleiros  
Lá deitam a desfilar.  
Sentiu logo Dom Gaifeiros  
Como o iam alcançar:  
- Não te assustes, Melisendra,  
Que é força aqui apear.  
Entre estas árvores verdes  
Um pouco me hás-de aguardar,  
Enquanto eu volto a esses cães <sup>(191)</sup>  
Que hei-de afugentar.  
As boas armas que trago  
Agora as vou a provar.  
Apeou-se Melisendra,  
Ali ficava a rezar.  
O cavalo, sem mais rédea,  
Aos moiros se foi voltar:  
Cansado ia de fugir  
Que já mal podia andar,  
Cheirou-lhe ao sangue maldito,  
Todo é fogo de abraçar.  
Se bem peleja Gaifeiros,  
Melhor é seu pelejar;  
A qual dos dois anda a lida  
Mais moiros há-de matar.

---

<sup>(191)</sup> A esses perros – *Trás-os-Montes*.

Já caem tantos e tantos  
Que não têm conto nem par;  
Com o sangue que corria  
O campo se ia a alargar.  
Rei Almançor que isto via,  
Começava de bradar  
Por Alá e Mafamede  
Que o viessem amparar:  
- Renego de ti, cristão,  
E mais do teu pelejar!  
Não há outro cavaleiro  
Que se te possa igualar.  
Será este Urgel de Nantes,  
Oliveiros singular,  
Ou o infante Dom Guarim  
Esse almirante do mar?  
Não há nenhum dentre os doze  
Que bastasse para tal...  
Só se fosse Dom Roldão  
O encantado sem par (<sup>192</sup>)!

Dom Gaifeiros, que o ouvia,  
Tal resposta lhe foi dar:  
- Cala-te daí, rei moiro,  
Cala-te, não digas tal,  
Muito cavaleiro em França  
Tanto como esses val.  
Eu nenhum deles não sou,  
E me quero nomear:  
Sou o infante Dom Gaifeiros,  
Roldão meu tio carnal,

---

(<sup>192</sup>) Sem igual – *Ms. de Oliveira*.

Alcaide-mor de Paris  
Minha terra natural.

Não quis o rei mais ouvir  
E não quis mais porfiar,  
Voltou rédeas ao cavalo,  
Foi-se em Sansonha encerrar.  
Gaifeiros, senhor do campo,  
Não tem com quem pelejar;  
Cheio de grande alegria  
Melisendra foi buscar.

- Ai! se vens ferido, esposo?  
E que ferido hás-de estar!  
Eram tantos esses moiros,  
E tu só a batalhar.

Mangas de minha camisa,  
Com elas te hei-de pensar;  
Toucas de minha cabeça  
Faixas para te apertar <sup>(193)</sup>.

- Cala-te daí, infanta,  
E não queiras dizer tal;  
Por mais que foram nos moiros,  
Não me haviam fazer mal:  
São de meu tio Roldão  
Estas armas de provar;  
Cavaleiros que as trouxesse,  
Nunca pode perigar.

Cavalgam, vão caminhando,  
Não cessam de caminhar,  
Por essa moirama fora

---

<sup>(193)</sup> Serão para te apertar – *Ms. de Oliveira*.

Sem mais temor nem pensar;  
Falando de seus amores  
Sem de mais nada pensar <sup>(194)</sup>.  
Em terras de cristandade  
Por fim vieram a entrar.  
A Paris já são chegados,  
Já saem para os encontrar <sup>(195)</sup>,  
Sete léguas de cidade  
A corte os vai esperar.  
Saía o imperador  
A sua filha a abraçar;  
Palavras que lhe dizia,  
As pedras fazem chorar.  
Saiu toda a fidalguia,  
Clerezia e secular,  
Os doze pares de França,  
Damas sem conto nem par.  
Dona Alda com Dom Roldão,  
E o Almirante do mar,  
O arcebispo Turpim  
E Dom Julião de além-mar,  
E o bom velho Dom Beltrão,  
E quantos soem de estar  
Ao redor do imperador <sup>(196)</sup>  
Em sua mesa a jantar.  
Grande honra a Dom Gaifeiros!  
Os parabéns lhe vão dar;

---

<sup>(194)</sup> Sem de outro al não pensar – *Ms. de Oliveira*

<sup>(195)</sup> A Paris a natural – *Ms. de Oliveira*.

<sup>(196)</sup> É sempre a ideia fixa da mesa redonda, do círculo formado pelos pares, em torno do imperante.

Por sua muita bondade (<sup>197</sup>)  
Todos o estão a louvar,  
Pois libertou sua esposa  
Com valor tão singular.  
As festas que se fizeram  
Não têm conto nem par.

---

(<sup>197</sup>) Bondade é valor, e Bom valente, em estilo do tempo.

## LIÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gayferos  
En el palácio reale,  
Asentado está al tablero  
Para las tablas jugare.  
Los dados tiene en la mana,  
Que los quiere arrojare,  
Cuando entró por la sala  
Don Carlos el emperante.  
De que asi jugar lo vido  
Empezóle de mirare;  
Hablándole está hablando  
Palabras de gran pesare:  
— Si asi fuédeses, Gayferos,  
Para las armas tomare,  
Como sois para los dados  
Y para tablas jugare,  
Vuestra esposa tienen moros,  
Iriadesla á buscare:  
Pésame á mi por ello,  
Por que es mil hija carnale.  
De muchos fué demandada  
Y á nadie quiso tomare:

Pues con casó por amores,  
Amores la han de sacare;  
Si con otro fuera casada  
No estuviera en captividade.  
Gaiferos cuando esto vido,  
Movido de gran pesare  
Levantóse del tablero  
No queriendo mas jugare,  
Y tomáralo en las manos  
Para haberlo de arrojare,  
Si no por quien con él juega,  
Que era hombre de linaje:  
Jugaba con él Guarinos,  
Almirante de la mare.  
Voces da por el palacio  
Que al cielo quieren llegare,  
Preguntando va, preguntando  
Por su tio Don Roldane.  
Halláralo en el patin,  
Que queria cabalgare.  
Com él era Oliveros  
Y Durandarte el galane,  
Con el muchos caballeros  
De los de los doce pares.  
Gayferos desque lo vido  
Empezóle de hablare:  
- Por Dios os ruego, mi tio,  
Por Dios os quiero rogare,  
Vuestras armas y caballo  
Vos me lo querais prestare,  
Que mi tio el Emperante  
Tan me quiso tratare,  
Diciendo que soy para juego  
Y no para armas tomare.



Bien lo sabeis vos, mi tío,  
Bien sabeis vos la verdade,  
Que pues busqué á mi esposa  
Culpa no me deben dare.  
Tres años anduve triste  
Por los montes y los valles  
Comiendo la carne cruda,  
Bebiendo la roja sangre,  
Trayendo los pies descalzos,  
Las uñas corriendo sangre.  
Nunca yo hallarla pude  
En cuanto pude buscare:  
Ahora sé que está en Sansueña,  
En Sansueña esa ciudade.  
Sabeis que estoy sin caballo,  
Sin armas otro que tale,  
Que las tiene Montesinos,  
Que es ido á festejare  
Allá á los reinos de Hungria  
Para torneos armare,  
Y yo sin caballo y armas  
Mal la podré libertare;  
Por esto os ruego, mi tío,  
Las vuestras me querais dare.  
Don Roldán de qu'esto oyó  
Tal respuesta le fué á dare:  
- Callad, sobrino Gayferos,  
No querades hablar tale;  
Siete años vuestra esposa  
Ha que está en captividade;  
Siempre os he visto con armas  
Y caballo otro que tale,  
Ahora que no las teneis  
La quereis ir á buscare.

Sacramento tengo hecho  
Allá em San Juan de Letrane  
A ninguno prestar armas,  
No me las hagan cobardes:  
Mi caballo está bien vezado,  
No lo querria mal vezare.»  
Gayferos que esto oyó  
La espada fuera á sacare;  
Com uma voz muy sañosa  
Empezara de hablare:  
\_Bien parece, Don Roldán,  
Siempre me quisiste male.  
Si outro me lo dijera  
Mostrara si soy cobarde;  
Mas quien á mi há injuriado  
No lo vais por mi á vengare;  
Si vos tio no me fuésedes,  
Com vos querria pelear.>>  
Los grandes que allí se hallan  
Entre los puestos se hane  
Hablado le há Don Roldán,  
Empezóle de hablare:  
\_<<Bien parece, Don Gayferos,  
Que soi de muy poça edade!  
Bien oistes um ejemplo,  
Que conoceis ser verdade,  
Que aquel que bien os quiere  
Esse os quiere castigare.  
Si fuérades mal caballero  
No os dijera yo esto tale;  
Mas porque sé que sois bueno,  
Por eso os quise asi hablare,  
Que mis armas y caballo  
A voz no se han de negare,

Y si quereis compañía,  
Yo os querria acompañare.»  
-« Mercedes, dijo Gayferos,  
De la buena voluntade;  
Solo me quiero ir, solo,  
Para haberla de sacare:  
Nunca me dirá ninguno  
Que me vido ser cobarde.»  
Luego mando Don Roldan,  
Sus armas aparejare;  
El encubierta el caballo  
Por mejor lo encubertare;  
El mismo pone las armas  
Y le ayudada á armare,  
Luego cabalgó Gayferos  
Con enojo y con pesare.  
Pésale á Don Roldán,  
Tambien á los doce pares,  
Y mas al Emperador  
De que solo lo vió andare;  
Y desde que ya se salía  
Del gran palacio reale,  
Con una voz amorosa  
Llamáralo Don Roldane:  
\_<<Espera un poço, sobrino;  
Pues solo quereis andare,  
Dejédesme vuestra espada,  
La mia querais tomare,  
Y aunque vengan dos mil moros  
Nunca los volvais la haze:  
Al caballo dadle rienda  
Y haja á su voluntade,  
Que si él ve la suya  
Bien os sabra ayudare,

Y si ve demasía  
D'ella os sabrá sacare.»  
Ya le daba su espada  
Y toma la de Roldane;  
Da de espuelas al caballo,  
Sálese de la ciudade.  
Don Beltrán desde que ir lo vido  
Empezóle de hablare:  
— «Tornad açá, hijo Gayferos,  
Pues que me teneis por padre,  
Tan solamente que os vea  
La Condesa vuestra madre,  
Tomará con vos consuelo,  
Que tan tristes llantos hace,  
Y daraos caballeros  
Los que hayais necesidad.»  
— «Consoladla vos, mi tio,  
Vos la querais consolare,  
Acuérdese que me perdió  
Chiquito y de poça edade,  
Haga cuenta que de entónces  
No me há visto jamase,  
Que ya sabeis que en los doce  
Corren malas voluntades,  
Y no dirán, vuelvo por ruego,  
Mas que vuelvo por cobarde,  
Que yo no volveré en Francia  
Sin Melinsendra tornare.»  
Don Beltrán, de que lo overa  
Tan enojado hablare,  
Vuelve riendas al caballo  
Y entrose en la ciudade.  
Gayferos en tierra de moros  
Empieza de caminare;

Jornada de quince días  
En ocho lá andare.  
Por las sierras de Sansueña  
Gayferos mal airado vae;  
Las voces que iba dando  
Al cielo quieren llegare.  
Maldiciendo iba el vino,  
Maldiciendo iba el pane,  
El pan que comian los moros,  
Mas no de la cristandade,  
Maldiciendo iba la dueña  
Que tan solo un hijo pare;  
Si enemigos se lo matan,  
No tiene quien lo vengare,  
Maldiciendo iba al caballero  
Que cabalga sin un page;  
Si se le cae la espuela,  
No tiene quien se la calce:  
Maldiciendo iba el árbol  
Que solo en el campo nasce,  
Que todas las aves del mundo  
En él van á quebrantare,  
Que de rama ni de hoja  
Al triste dejan gozare.  
Dando estas voces y otras,  
A Sansueña fue a llegare.  
Viérnes era en aquel día  
Los moros su fiesta hacen:  
El Rey iba á la mezquita  
Para la zala rezare,  
Con todos sus caballeros  
Cuantos él pudo llevare.  
Cuando allegó Gayferos  
A Sansueña, esa ciudade,

Miraba si vería alguno  
A quien poder demandare:  
Vido un cativo cristiano  
Que andaba por los adarbes;  
Desque lo vido Gayferos,  
Empezóle de hablare:  
— «Dios te salve, el cristiano,  
Y te torne en libertate,  
Nuevas que pedirte quiero,  
No me las quieras negare.  
Tu que andas con los moros  
Dime si oiste hablare  
Si hay aqui alguna cristiana,  
Que sea de alto linage ?»  
El cativo que lo oyera  
Emprezára de llorare:  
— «¡Tantos tengo de mis duelos,  
De otros no puedo curare!  
Que todo el dia caballos  
Del Rey me hacen pensare,  
Y de noche en honda sima  
Me hacen aqui aprisionare.  
Bien sé que hay muchas cativas  
Cristianas de gran linage,  
Especialmente hay una  
Qu'es de Francia naturale,  
El rey Almanzor la trata  
Como á su hija carnale;  
Sé que muchos reyes moros  
Con ella idos, caballero,  
Por esa calle adelante,  
Veréislas á las ventanas  
Del gran palacio reale.»

Derecho se va á la plaza,  
A la plaza la más grande.  
Allí estaban los palácios  
Donde el Rey solía estare:  
Alzó los ojos en alto  
Por los palacios mirare,  
Vido estar á Melisendra  
En una ventana grande  
Con otras damas cristianas,  
Qu'estan en captividade.  
Melinsendra que lo vido  
Empezára de llorare,  
No por que lo conociese  
En el jesto ni en el traje,  
Mas en verlo con armas blancas  
Acordóse de los pares,  
Acordóse de los palacios  
Del Emperador su padre.  
De justas, galas, torneos  
Que por ella solian armare.  
Con voz triste y muy llorosa  
Le empezara de llamare:  
— «Por Dios os ruego, caballero,  
Queráisos á mi llegare;  
Si sois Cristiano ó moro,  
No me lo querais negare,  
Daros he unas encomiendas,  
Bien pagadas os serane:  
Caballero, si á Francia ides  
Por Gayferos preguntade,  
Decidle que la su esposa  
Se le envia á encomendara,  
Que ya me parece tiempo  
Que la debía sacare.

Si no me deja por miedo  
De con los moros pelear,  
Debe tener otros amores,  
De mi no lo dejan acordare :  
¡ Los ausentes por los presentes  
Lijeros son de olvidare!  
Aun le diréis, caballero,  
Por darle mayor señale,  
Que sus justas y torneos  
Bien las supimos acae.  
Y si estas encomiendas  
No recible con solace,  
Daréislas á Oliveros,  
Daréislas á Don Roldane,  
Daréislas á mi señor  
El Emperador mi padre:  
Direis como está en Sansueña,  
En Sansueña, esa ciudade,  
Que si presto no me sacan  
Mora me quieren tornare,  
Casarme han con el rey moro  
Que está allende la mare,  
De siete reyes de moros  
Reina me hacen coronare;  
Según los reyes me acuitan,  
Mora me harán tornare;  
Mas amores de Gayferos  
No los puedo yo olvidare.»  
Gayferos que este oyera  
Tal respuesta le fué á dare:  
—« No lloreis vos, mi señora,  
No querais asi llorare,  
Porque esas encomiendas  
Vos mesma las podeis dare,



Que á mi allá dentro en Francia  
Gayferos suelen nombrare.  
Soy el infante Gayferos,  
Señor de Paris la grande,  
Primo Hermano de Oliveros,  
Sobrinho de Don Rondane,  
Amores de Melisendra  
Son los que açá me traen.»  
Melisendra qu'esto vido  
Conosciólo en el hablare,  
Tiróse de la ventana,  
La escalera fué á tomare,  
Salióse para la plaza  
Donde lo vido estare.  
Gayferos cuando la vido  
Presto la fué á tomare,  
Abrázala con sus brazos  
Allí estaba un perro moro  
Por los cristianos guardare,  
Las voces daba tan altas  
Que al cielo quieren llegare.  
Al alarido del moro  
La ciudad mandan cerrare.  
Siete veces la rodean,  
No hallan por do escapare.  
Presto sale el rey Almanzor  
De la mezquita rezare:  
Vereis tocar la trompeta  
Apriesa y no de vagare,  
Vereis armar caballeros  
Y en caballos cabalgare:  
Tantos se arman de los moros  
Que gran cosa es de mirare.  
Melisendra que lo vido

En una priesa tan grande,  
Con una voz delicada  
Le empezara de hablare:  
—«Esforzando Don Gayferos  
No querades desmayare,  
Que los buenos caballeros  
Son para necesidad:  
¡Si desta escapais, Gayferos,  
Harto teneis que contare!  
¡Ya quisiera Dios del cielo  
Y Santa María su Madre  
Fuese tal vuestro caballo  
Como el de Don Roldane!  
Muchas veces le oí decir  
En el palacio imperiale  
Que si se hallaba cercado  
De moros en alguno lugare,  
Al caballo aprieta la cincha  
Y aflojábale el prestale,  
Hincábale las espuelas  
Sin ninguna piedade:  
El caballo es esforzado,  
De otra parte va a saltare.»  
Gayferos de qu'esto oyó  
Presto se fuera á apeare,  
Al caballo aprieta la cincha,  
Y aflojábale el pretale;  
Sin poner pié en el estribo  
Encima fue á cabalgare,  
Y Melisendra á las ancas,  
Que presto las fue tomare.  
El cuerpo la da y cintura  
Por que lo pueda abrazare:  
Al caballo hinca la espuela

Sín ninguna piedade.  
Corriendo venían los moros  
Apriesa y no de vagare;  
Las grandes voces que daban  
Al caballo hacen saltare.  
Quando fuéron cerca los moros  
La rienda le fué á largare;  
El caballo era lijero,  
Púsolo de la outra parte.  
El rey moro qu'esto vido  
Mandó abrir la ciudade;  
Siete batallas de moros  
Todos de zaga le vane.  
Volviéndose iba Gayferos,  
No cesaba de mirare;  
De que vido que los moros  
Le empezaban de cercare,  
Volvióse á Melisendra,  
Empezóle de hablare;  
—«No os erojeis, mi señora,  
Seráos fuerza aqui apeare,  
Y em esta grande espesura  
Podeis, señora, aguardare,  
Que los moros son tan cerca,  
De fuerza nos han de alcanzare,  
Vos, señora, no traeis armas  
Para Haber de peleare;  
Yo pues que las traigo buenas,  
Quiérolas ejercitare.»  
Apeóse Melisendra  
No cesando de rezare,  
Las rodillas puso em tierra,  
Las manos fué á levantare,  
Los ojos puestos al cielo

No cesando de rezare:  
Sin que Gayferos volviese,  
El caballo fué a agujare.  
Cuando huía de los moros  
Parece no puede andare,  
Y cuando iba hácia ellos  
Iba con furor tan grande,  
Que del rigor que llevaba  
La tierra hacía temblare.  
Donde vido la morisma  
Entre ellos fuera á entrare;  
Si bien pelea Gayferos,  
El caballo mucho mase;  
Tantos mata de los moros  
Que no hay cuento ni pare;  
De la sangre que salía  
El campo cubierto se hae.  
El rey Almanzor qu'esto vido  
Empezára de hablare:  
—«¡Válasme tu, Alá!  
¿Esto qué podía estare?  
Que tal fuerza de caballero  
En pocos se puede hallare!  
Debe ser el encantado  
Ese paladín Roldane,  
O debe ser el esforzado  
Renaldos de Montalvane,  
O es Urgel de la Marcha  
Esforzado y singulare;  
No hay ninguno de los doce  
Que bastese hacer lo tale.»  
Gayferos que esto oyó,  
Tal respuesta le fué á dare:  
— «Calles, calles, el rey moro,

Calles, y no digas tale,  
Muchos otros hay en Francia  
Que tanto como estos valen:  
Yo no soy ninguno d'ellos  
Mas yo me quiero nombrare:  
Soy el infante Gayferos,  
Señor de Paris la grande,  
Primo hermano de Oliveros,  
Sobrino de Don Roldane.»  
El rey Almanzor que lo oyera  
Con tal esfuerzo hablare,  
Con los mas moros que pudo  
Se entrara en la ciudade.  
Solo quedaba Gayferos,  
No halló con quien pelear,  
Volvió riendas al caballo  
Por Melisendra buscare:  
Melisendra que lo vido,  
A recibir se lo sale;  
Vidole las armas blancas,  
Tintas en color de sangre.  
Con voz muy triste y llorosa  
Le empezó de preguntare:  
—«Por Dios y ruego, Gayferos,  
Por Dios os quiero rogare,  
Si traeis alguna herida  
Queráismela vos mostrare,  
Que los moros eran tantos  
Quizá os habrán hecho male;  
Con las mangas de mi camisa  
Os la quiero yo apretare,  
Y con la mi rica toca  
Yo os la entiendo sanare.»  
—«Callede, dijo Gayferos,

Infanta, no digais tale,  
Por mas que fueron los moros,  
No me podian hacer male,  
Qu'estas armas y caballo  
Son de mi tio Don Roldane;  
Caballero que las trajere  
No podía peligrare.  
Cabalgad presto, señora,  
Que no es tiempo de aquí estare;  
Antes que los moros tornen,  
Los puertos hemos pasare.»  
Ya cabalga Melisendra  
En un caballo alazane;  
Razonando van de amores,  
De amores, que no de al;  
Ni de los moros han miedo,  
Ni d'ellos nada se dane:  
Con el placer de ambos juntos  
No cesan de caminar,  
De noche por los caminos,  
De día por los jarales,  
Comiendo las yerbas verdes  
Y agua si pueden hallare,  
Hasta que entraron en Francia  
Y en tierra de cristiandade  
Si hasta allí alegres fuéron,  
Mucho mas de allí adelante.  
A la entrada de un monte,  
Y á la salida de un valle,  
Caballero de armas blancas  
De léjos vieron asomare:  
Gayferos desde lo vido  
Las sangre vuelto se le hae,  
Diciendo á su señora:

—«Esto es más de recelare,  
Que aquel caballero que asoma  
Gran esfuerzo es el que trae!  
Que sea cristiano ó moro,  
Fuerza será pelear:  
Apéaos vos, mi á señora,  
Y vení de mi á la pare.»  
De la mano le traia  
No cesando de llorar.  
Lléganse los caballeros,  
Comienzan aparejare  
Las lanzas y los escudos  
En son de bien pelear.  
Los caballos ya de cerca  
Comienzan de relinchare;  
Mas conociólo Gayferos  
Y empezára de hablar:  
—«Perded cuidado señora,  
Y tornad á cabalgare,  
Que el caballo que allí viene  
Mío es en la verdade;  
Yo le dí mucha cebada  
Y mas le entiendo le dare;  
Las armas, según que veo,  
Mías son otro que tale,  
Y aun aquel es Montesinos  
Que á mi me viene á buscare,  
Que cuando yo me partí  
No estaba en la ciudade.»  
Plugo mucho á Melisendra  
Que aquello fuese verdade.  
Ya que se van acercando  
Cuasi juntos á la pare,  
Con voz alta y crecida

Empiézanse de interrogare.  
Conóscense los dos primos  
Entonces en el hablare,  
Apeáronse á gran priesa,  
Muy grandes fiestas se hacen:  
De que hubieron hablado  
Tonaron á cabalgare :  
Razonando van de amores,  
De otro no quieren hablare;  
Andando por sus jornadas  
En tierra de critandade,  
Cuantos caballeros hallan  
Todos los van compañare,  
Y dueñas á Melisendra,  
Doncellas otro que tale.  
Al cabo de pocos días  
A Paris van á llegare;  
Siete leguas de al ciudad  
El Emperador les sale;  
Con él sale Oliveros,  
Con él sale Don Roldane,  
Con él el infante Guarinos,  
Almirante de la mare,  
Con él sale Don Bermudez  
Y el buen viejo Don Beltrane,  
Con él muchos de los doce  
Que á su mesa comen pane,  
Y con él iba Doña Alda,  
La esposita de Roldane,  
Con él iba Julianesa,  
La hija del rey Juliane;  
Dueñas, damas y doncellas  
Las más altas de linaje.  
El Emperador abraza su hija



No cesando de llorare;  
Palabras que le decía  
Dolor eran de escuchare.  
Los doce á Don Gayferos  
Gran acatamiento le hacen,  
Tiénelo por esforzado  
Mucho más de allí adelante,  
Pues que sacó á su esposa  
De muy gran captividade:  
Las fiestas que le hacían  
No tienen cuento ni pare. <sup>(198)</sup>

---

<sup>(198)</sup> Duran, Romancero General, tom. I, pág. 248, 1848-51

XVI

Justiça de Deus

A lição que principalmente aqui segui é a da Beira Alta, por ser nela muito mais completo o romance. A de Trás-os-Montes chama-lhe *O Conde Perso*.

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa Península. Onde nasceu, não sei; mas as coleções castelhanas não o trazem. A questão porém de se uma composição destas foi nesse ou naquele reino de Espanha, além de ser mui difícil de resolver, é de bem pouca importância, O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castela: quem sabe? Viajou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôs ou que somente o aprendeu de côr: espalhou-se por essas terras de diferentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, há muitos séculos a esta parte, quem pode dizer onde foi composto o romance que nesta ou naquela província se encontra? É daquela onde foi achado.

Já se vê que não aplico esta teoria ao que trás visível e marcado o selo de sua nacionalidade, como são os romances pròpriamente mouriscos ou granadinos, os que à imitação destes se fizeram em tamanha cópia nos séculos XVI e XVII, nem tão-pouco aos históricos estritamente ditos.

Advertirei também ao leitor pouco versado em nossas cousas, que lhe não faça peso, para julgar este romance castelhano por força, o ver que nele se trata de São Tiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galiza, nennhum reino de Espanha teve jamais tanto que fazer com apóstolo de Compostela, como o nosso Portugal, especialmente nas duas províncias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem São Jorge e avante. São Jorge e o seu dragão, que são dois terríveis mata-castelhanos, apesar de todos os pesares, e das heterodoxas doutrinas de desequilíbrio europeu com que nos têm obsequiado últimamente.

## JUSTIÇA DE DEUS

Preso vai o conde, preso,  
Preso vai a bom recado;  
Não vai preso por ladrão,  
Nem por homem ter matado <sup>(199)</sup> ,  
Mas por violar a donzela  
Que vinha de São Tiago:  
Não bastou dormir com ela,  
Senão dá-la ao seu criado!  
Acometeu-a na serra,  
Mui longe do povoado <sup>(200)</sup>  
Por morta ali a deixara  
Sem mais dó, sem mais cuidado.  
Chorou três dias, três noites,  
E mais teria chorado,  
Senão que Deus sempre acode  
A amparar o desgraçado.  
Passou por ali um velho,  
Um pobre velho soldado,  
Suas barbas brancas de neve,  
Em sua espada abordoado <sup>(201)</sup> ;  
Vieiras trás na esclavina,  
O chapéu delas cercado;  
Chegou-se á pobre romeira  
Com muito amor, muito agrado:  
— «Não chores mais, filha minha <sup>(202)</sup>,  
Filha, de mais tens chorado;  
Que esse vilão cavaleiro <sup>(203)</sup>  
Preso vai a bom recado.»  
Levou consigo a donzela  
O bom velho do soldado;  
Vão à presença de el-rei,  
Onde o conde era levado:  
— «Eu te requeiro, bom rei,

---

<sup>(199)</sup> Nem por home haver matado – *Trás-os-Montes*.

<sup>(200)</sup> Em lugar despovoado – *Beira Alta*.

<sup>(201)</sup> A seu bordão encostado – *Beira Alta*.

<sup>(202)</sup> Donzela, não chores mais – *Beira Alta*.

<sup>(203)</sup> Que preso vai esse conde – *Beira Alta*.

Pelo apóstolo sagrado,  
Que nesta sua romeira  
O foro seja guardado.  
Da lei divina é casar-se,  
Da humana se degolado:  
Que não valem fidalguias <sup>(204)</sup>  
Onde Deus é o agravado.»

Disse el-rei aos do conselho  
Com semblante carregado:  
—«Sem mais detença, este feito  
Quero já desembargado.»  
—«Visto está o feito, visto,  
Julgado está, bem julgado:  
Ou há-de casar com ela,  
Ou se não... ser degolado.»  
—«Pois que me praz» disse o rei:  
«O algoz que seja chamado:  
Ou já casar co' a romeira  
Ou aqui ser degolado.»

—«Venham algoz e cutelo.»  
Respondeu o acusado:  
«Mas antes morrer mil vezes <sup>(205)</sup>  
Que viver envergonhado.»

Agora ouvireis o velho,  
O bom velho do soldado:  
— «Fazeis, bom rei, má justiça,  
Mau feito tendes julgado:  
Primeiro casar com ela,  
E depois ser degolado.  
Lava-se a honra com sangue,  
Mas não se lava o pecado.»

Palavras não eram ditas,  
A espada tinha arrojado,  
Despe insígnias de romeiro <sup>(206)</sup>,

---

<sup>(204)</sup> Não há foro ou privilégio – *Beira Alta*.

<sup>(205)</sup> Antes morrerei mil vezes – *Trás-os-Montes*.

Despe as armas de soldado,  
Nos trajos de um santo bispo  
Aparece transformado;  
Sua mitra de pedras finas,  
De oiro puro o seu cajado:  
Tomou a mão da romeira,  
A mão do conde há tomado,  
Por palavras de presente  
Ali os tem desposado.  
Choravam todos que o viam,  
Chorava mais o culpado;  
Chorando, pedia a morte  
Por não ficar desonrado <sup>(207)</sup>.  
O santo bispo o absolvía  
Contrito de seu pecado:  
Dali o levam por morto,  
Que nem o algoz foi chamado,  
Justiça de Deus foi nele,  
Antes de uma hora é finado!  
Mas acudiu àquela alma  
O apóstolo sagrado,  
Que outro não era o romeiro,  
O bispo nem o soldado <sup>(208)</sup>

---

<sup>(206)</sup> Tira o gaivão do romeiro – *Beira Alta*.

<sup>(207)</sup> Antes que ser desonrado – *Trás-os-Montes*.

<sup>(208)</sup> A lição de *Trás-os-Montes* suprime a intervenção de São Tiago, e também o casamento do conde, que ali vai simplesmente a degolar, declarando a sua última vontade nestas coplas:

—«Não me enterrem na igreja,  
Nem tão-pouco em sagrado;  
Naquele prado me enterrem  
Onde se faz o mercado.  
Cabeça me deixem fora,  
O meu cabelo entrançado,  
De cabeceira me ponham  
A sela do meu cavalo.  
Que digam os passageiros:  
—«Triste de ti, desgraçado!  
Morreste de mal d'amores,  
Que é um mal desesperado.» - *Trás-os-Montes*.

